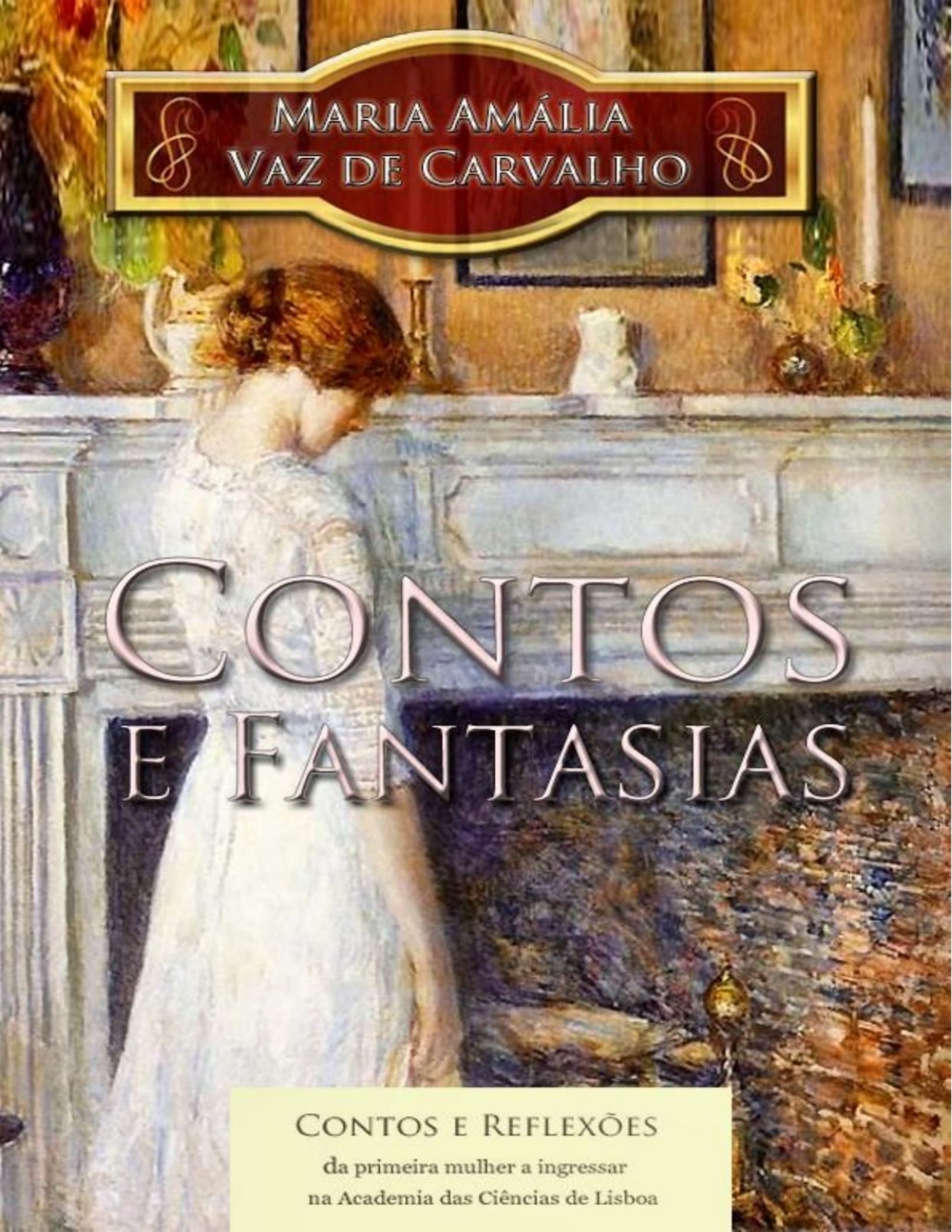

Maria Amália Vaz de Carvalho

Contos e Fantasias

Contos e Reflexões

da primeira mulher a ingressar na Academia das Ciências de Lisboa

CONTOS E FANTASIAS

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Esta obra respeita as regras do

Novo Acordo ortográfico

ÍNDICE

1º Parte

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

O TIO SEBASTIÃO

O ANEL DO DIPLOMATA

A ESCOLHA DE GASTÃO

O ROMANCE DE ADELINA

A CIGANA

DUAS FACES DE UMA MEDALHA

A TIA ISABEL

O MELHOR SONO DO MILIONÁRIO

A PERCEPTORA

A MORTE DE BERTHA

2º Parte

A PROPÓSITO DE UM LIVRO

MADAME DE BALZAC

LINCOLN E GRANT

AS FILHAS DE VÍTOR HUGO

PRIMEIRA PARTE

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA

Ele tinha uma fisionomia incaracterística, apagada e tristíssima.

Não se podia saber a idade que tinha, nem mesmo se tinha idade. Tanto podia ter trinta ou quarenta como setenta anos. Curvado pela idade ou pelos desgostos? Encanecido porque os anos tinham corrido sobre a sua cabeça, ou porque lhe tinham pesado duplamente sobre os ombros débeis?

Quem o podia dizer?

Era uma organização acanhada e raquítica, podia mesmo chamar-se incompleta.

Para ele com certeza que a adolescência não tivera as suas madrugadas azuis tão gorjeadas e tão festivas, nem a virilidade tivera a fanfarra estridente dos seus clarins, a florescência escarlate e voluptuosa.

Ele tinha sempre vivido debaixo de uma estranha pressão dolorosa.

Dependera de todos, primeiro porque era fraco e inerme, depois porque fora pobre, dependente, sem aquela áspera dignidade que os atritos da vida tornam mais rude e que é a armadura moral que salvaguardara o homem nos duros combates sociais.

Nasceu numa casa opulenta que lhe não pertencia, cresceu no meio de um luxo de que os seus pais eram parasitas voluntários e de que ele era… um parasita inconsciente.

Começara por ter medo de tudo e de todos; um medo que não raciocinava, que não sabia, que não indagava mesmo a sua própria origem.

Nasceu assustadiço, como certos animais silvestres, e toda a vida conservou a mesma expressão inquieta e medrosa da lebre perseguida.

Em primeiro lugar tinha medo do seu pai; um homem alto, espadaúdo, pletórico, de voz grossa e modos brutais, que comia como um abade, que bebia como um lansquenete, que praguejava como um carreiro, e que se vingava nos

poucos seres que tinha debaixo do seu domínio, das complacências servis que era obrigado a mostrar aos que o mantinham naquela farta ociosidade de comensal que só goza e não paga.

Depois tinha medo da sua tia; a dona da casa, a senhora, a suserana perante a qual todos se curvavam submissos.

E no entanto ela era bonita, delgada, flexível, muito branca.

A figura ideal para um pintor inglês.

Mas que culpa tinha ele, se os olhos dessa graciosa e delicada senhora lhe pareciam frios e metálicos, com umas cintilações azuladas como as do aço fino? Se as suas mãos esguias e brancas se lhe afiguravam duas tenazes que podiam aperta-lo, aperta-lo até o torcerem todo, até o esfacelarem e fazerem dele, do seu pequeno corpo tão fraquinho, uma grotesca massa informe, que o mundo inteiro pisasse, onde o mundo inteiro cuspisse!

Seria alucinação daquele cérebro enfermo e condenado aos pensamentos doentios?

Quem o sabe dizer?

O caso é que o sentia, e que nunca pudera esquivar-se a essa preocupação intensa e dilacerante!

Um destes dois seres que dominaram de estranho terror a sua infância, maltratavam-no nas explosões brutais do seu temperamento de touro bravo.

O outro — a senhora — muito altiva, muito fria, muito desdenhosa, nem sequer lhe falava.

Olhava-o ás vezes como se olha para um animal repugnante, para um sapo, ou para uma carocha, e passava adiante, imperturbável e olímpica.

Havia, porém, um outro ser, dos que mais em contacto estavam com ele, que não o maltratava, nem o desprezava com a glacial frieza do seu desdém.

E contudo era desse que ele tinha ainda mais medo.

Era o seu tio; uma figura original, uma fisionomia de titã que por um engano qualquer da natureza não pôde conseguir passar de ser anão.

O seu tio!... Como esta individualidade extraordinariamente acentuada, como este rosto irónico, irregular,

convulsionado, dominou para sempre o destino obscuro da infeliz criança que eu conheci já em velho!

O seu tio não o perseguia nem lhe manifestava uma repugnância muda, pelo contrário.

Chamava-o continuamente para o pé de si, ensinava-lhe, quando estava só, palavras, esgares, visagens grotescas que lhe fazia repetir à frente de gente, num coro de gargalhadas ásperas e hostis como gumes de espadas!

Vestia-o de um modo. Desusado e extravagante, vestia-o de marujo, de escocês, com as suas pequenas pernas magras, trigueiras, ossudas, numa nudez friorenta que lhe doía, e o fazia tiritar; vestia-o de tirolês, o que lhe dava um aspeto cómico, que arrebentava com riso a criadagem.

Ás vezes nos seus dias de melhor humor saía com ele, que tinha apenas sete anos de idade, de casaca, chapéu-alto, e berloques na cadeia do relógio.

Havia tempos em que não podia passar sem a sua companhia; a criança era a única distração do anão...

As caricias desse homem singular, de olhar faiscante, de cabeladura revolta e elétrica, de voz sonora e rica de

inflexões estranhas, doíam, porém, ao pequeno muito mais do que os desprezos ou os maus tratos dos outros.

Ao pé destes sentia-se perseguido, ao pé daquele sentia-se humilhado.

Um dia o marquês — o tio do pequeno Tadeu era marquês, — achou cómico mandar introduzir a criança no cofre que havia junto ao fogão do gabinete de trabalho, destinado a guardar a lenha ou o carvão que se consumia.

De minuto em minuto abria-se a tampa e saía a cara vermelha e congestionada do pequeno, uma cara de animal assustado, o que divertia extraordinariamente as visitas.

Outra vez, numa ceia alegre em que havia rios de champanhe e risos cristalinos de mulheres, Tadeu com um fato de meia preta a cobri-lo todo e dois castiçais nas pequenas mãos, servia de centro agachado numa posição grotesca no meio da mesa.

Saiu dali com uma febre que o teve um mês entre a morte e a vida, delirante, sem conhecer ninguém, com a mãe debulhada em lagrimas à cabeceira.

Mas Tadeu não gostava da sua mãe.

Era uma criatura tão débil como ele, pálida como uma defunta, inerme, estúpida e sem vontade.

As lobas defendem os seus filhos, a mãe de Tadeu não o sabia defender!

Entregava-o ás cóleras descompostas do pai; aos desprezos gélidos da tia; aos caprichos monstruosamente cómicos do marquês; ás apupadas brutais das aias e dos lacaios; aos risos das visitas; ao pasmo desprezador das outras crianças, que iam àquela casa opulenta e ruidosa acompanhadas pelos pais, vestidas de veludo, com plumas nos seus lindos chapéus, o ar grave de meninos bem-criados, e que não tinham licença de brincar com aquele pequeno histrião, feio, ridículo, doente, com gesto de epilético, com fatos de palhaço e com soluços de mártir.

****

Um dia, porém, fez-se na vida atormentada e tempestuosa do pequeno Tadeu uma claridade de luar, uma claridade opalizada e doce.

Houve tréguas nos seus vários martírios, e a sua mãe, numa bela manhã de primavera em que os pássaros cantavam ao desafio nas grandes árvores do jardim, levou-o pela mão, pé ante pé, a um quarto forrado de cetim cor-de-rosa, um quarto digno de servir de habitação à fada mais linda que uma fantasia de poeta oriental tivesse imaginado.

Naquele quarto havia um ninho todo branco feito de rendas, de fitas de cetim, de penugem de pássaros, e nesse ninho dormia uma criancinha que parecia uma rosa.

— É tua prima; murmurou baixinho a mãe de Tadeu, enquanto este, mudo, surpreso, extasiado, fitava os seus olhos vítreos, onde o júbilo acendia ama luz desusada, nos grandes olhos luminosos e pasmados do bebé que acordara.

Oh! Como Tadeu adorava aquela criança! Como na sua vida houve de repente um ficto, uma esperança, uma luz!

Sua tia, uma vez em que a bebé chorava muito nos braços da ama, dissera a Tadeu com uma voz menos glacial do que o costume:

— Tadeu, brinca com a prima para ver se ela se cala.

E ele fizera calar a rabugenta pequerrucha.

Desde esse dia soube-se que a menina tinha o insólito capricho de adorar Tadeu, de rir quando ele estava de joelhos dobrado sobre o seu berço, de chorar quando alguém o levava dali para fora.

A ama tomou o costume de o chamar e de o fazer estar horas e horas a entreter a menina.

Ao princípio ele fazia-lhe caretas e momices, como as que usava fazer para divertir seu tio; depois, sem bem perceber porque, adotou outro sistema inteiramente oposto.

Percebeu que a pequenina não queria um bobo, como esse espirito embotado e pervertido que o vitimara com os seus caprichos. O que a bebé queria, na ingenuidade adorável do seu despotismo infantil, era um companheiro dos seus brinquedos, um socio, um escravo que a adorasse.

Tadeu era tudo para ela: queria-o perto da grande tina em que tomava o seu banho de manhã; queria-o junto da pequena mesa onde a ama lhe dava as sopinhas; queria-o no berço ao adormecer; queria-o no jardim, à sombra das árvores, sobre a área finíssima, onde se rolava, vestida de rendas brancas, a rir como uma perdida.

Chamaram-lhe Margarida.

Margarida quer dizer perola, e Tadeu, que vira muitas vezes a sua tia vestida de baile, achava um nome muito bem-posto àquela criança branca, transparente, loura, idealmente graciosa.

Oh! Tadeu ainda andava muita vez vestido de marujo, de granadeiro, de tirolês e de alferes, ainda o introduziam no cofre da lenha, ainda o faziam fumar um charuto depois de jantar, cheio de ânsias, de náuseas, de gritos abafados de angústia!... Mas que importava!

Logo que podia escapava-se para o quarto da fada, para o estojo cor-de-rosa da sua perola, da sua Margarida, e então eram risadas sem fim, eram corridas delirantes por sobre o tapete, era um papaguear de duas aves felizes.

Margarida com a idade ia-se fazendo despótica.

Pudera!

Ou ela não fosse mulher, e estremecida pelo seu humilde escravo!

Mas era assim mesmo que ele a queria.

Quando as mãozinhas polpudas e brancas de Margarida lhe batiam, Tadeu sentia-se feliz como um rei.

Quando ela o obrigava a agachar-se no chão para lhe servir de jumento, o rapazinho tinha tentações de rinchar de prazer, fazendo o passo bem ao vivo.

Porque no fim de contas, apesar de todas as suas adoráveis crueldades, Margarida gostava dele.

A presença de Tadeu iluminava de risos o seu rosto oval coroado de cabelos louros anelados, o seu rosto a um tempo angélico e gaiato!

Margarida não o achava feio, nem tolo, nem ridículo, nem doente.

Não desprezava a fraqueza dos seus braços, nem a pobreza absoluta da sua imaginação.

Pelo contrário! Admirava-o!

Sim; ela dera-lhe essa sensação poderosa e extraordinária, a sensação dos que se veem admirados com ingénua confiança.

Margarida pedia-lhe coisas enormes, com uma serenidade inefável de crente!

Pedira-lhe um ninho de melros, e o que é mais! Conseguira que ele tão medroso, tão débil, tão assustado, trepasse pelos braços nodosos de uma grande árvore e lho fosse buscar lá cima.

Que triunfo este dela, ao ver satisfeito o seu capricho! Mas que triunfo maior ainda o dele ao compreender, que alcançara essa coisa prodigiosa, que nem nos sonhos mais arrojados das suas noites de febre ele ousara até ali conceber!

Um dia Margarida, em frente daquele rasgo assombroso de valentia que colocara Tadeu ao lado dos maiores heróis, pusera se grave, meditativa, e apontando com serena majestade para a lua que se refletia num tanque do jardim, pedira a lua ao seu amigo Tadeu!

Está claro que ele lha não pode dar, mas gostou daquilo!

Percebeu que o julgavam capaz de coisas grandes, de levar a cabo empresas impossíveis, e esta ideia que alguém tinha da sua força, fê-lo crescer aos seus próprios olhos.

O marquês conhecendo que o pequeno deixara de ser o seu joguete, simplesmente para ser o joguete da sua filha e herdeira, aplaudiu-se de lhe haver dado aquela educação especial, e proibiu que o distraíssem, fosse sob que pretexto fosse, das suas novas funções.

Margarida era ainda muito pequenina para entreter os pais.

Ele precisava das excitações da política, das lutas do parlamento, dos sorrisos falsos ou verdadeiros, caros ou baratos das formosas mulheres, do jogo, da ambição, do amor, da violência corrosiva de todas as pequenas e grandes paixões!

Ela precisava do luxo, das joias que cintilam, das sedas que se quebram em ondulações brilhantes, do coro das adulações mentidas, de todas as efémeras alegrias que só o mundo lhe podia dar.

Para ambos, Margarida seria um remorso, se a não vissem tão feliz, tão roliça, tão alegre, com chispas de travessura maliciosa no olhar, sempre acompanhada do seu pequeno amigo, submisso e fiel como um cão.

Deixaram-nos, pois, crescer e viver juntos sob o olhar das aias, sempre um pouco hostil para Tadeu e por isso tanto mais insuspeito.

Foi o verdadeiro paraíso que este conheceu na terra, foi a sua idade de ouro.

Há seres que nunca nem por um instante só conheceram a completa ventura.

São de todos os mais desgraçados.

Tadeu mais tarde podia ao menos recordar-se!

E ele sabia apreciar ta o bem aquelas alegrias que em manhã abençoada tinham caído sobre a sua pobre cabeça!...

Um dia Margarida travessa e caprichosa como era, desatendendo todas as advertências de Tadeu, deixara-se cair dentro do tanque do jardim.

O pequeno não sabia nadar.

Que importa!

Sem premeditação, sem raciocínio, obedecendo a um instinto de dedicação inteiramente canina, deitou-se na

água atrás dela.

As criadas, acudindo, tiraram do tanque as duas crianças abraçadas.

Imagine-se o que iria em casa!

Tadeu, castigado severamente, não quis condenar a sua amiguinha, para se salvar a si.

Foi ela que, soberba, graciosa, com a sua majestade de pequena rainha, disse aos pais:

— Não batam nele. Ele pediu-me que não fosse. Eu é que quis ir.

Acharam-na adorável; encheram-na de caricias e de gulodices, mas ninguém pensou na ação tão simples e tão heroica do pequeno Tadeu, a quem tinham posto a alcunha de medroso.

****

Foi assim que Margarida fez nove anos.

Era linda e indómita.

Tinha um corpo airoso, flexível e forte.

Ninguém oprimira nunca aquela altiva natureza aristocrática.

Dai a sua isenção, a liberdade dos seus movimentos, o fulgor radioso dos seus grandes olhos azuis, onde um observador veria talvez as cintilações metálicas que davam tamanha dureza ao olhar da sua mãe.

Margarida tinha uma vontade de ferro, e uns nervos de mulher caprichosa.

Quando a professora alemã que os seus pais mandaram buscar, quis sujeitar o seu espirito a uma certa disciplina, Margarida revoltou-se num ímpeto de insubordinação selvática.

Tivera criadas que a serviam, um escravo que tremia à frente dela, e pais que transigiam com todos os seus pequenos desejos de criança.

Dera-se bem naquele meio, não queria outro, não o aceitava, nem curvaria a sua cabecinha ereta e firme com

uma auréola de anéis de ouro a cerca-la, a nenhum domínio que não fosse o da sua vontade.

Um dia Tadeu ouviu falar vagamente numa viagem que os seus tios iam fazer ao estrangeiro, e viu começar os preparativos para ela.

Ficou no céu.

Viveria só na grande casa com Margarida e o rancho dos criados.

Seriam livres.

Ela teria um balouço no jardim, uma rede brasileira no quiosque, e um barquinho no lago.

Eram os seus três sonhos ainda irrealizados.

Tadeu dirigiria todos os trabalhos.

Diria aos operários que tinha dezasseis anos, e que era sobrinho do marquês.

Os operários tinham de respeita-lo.

Eles não tinham precisão nenhuma de se rir do seu corpo enfezado e raquítico.

Não é preciso ser-se atlético para se ser respeitado pelos homens a quem se paga.

Tadeu havia de arranjar algum meio de lhes pagar.

Andava então doente, esquisito, com uma excitação nervosa que o torturava.

O seu afeto por Margarida tivera uma recrudescência violenta e dolorosa.

Tinha vagos pressentimentos que o faziam chorar.

Parecera-lhe que a sua tia, uma vez, ao encontra-lo num corredor, olhara para ele com uma aguda ironia malévola.

— Não sabes, Tadeu? Gritou Margarida entrando como um raio de sol no quarto onde costumava brincar com o primo. Não sabes? — E atirou-lhe negligentemente aos pés com um feixe de flores e de folhas verdes que estivera colhendo na quinta. — Também eu vou com o papá e a mamã. Vamos a Paris... Muito longe... Muito longe... Estive à escuta... percebi umas coisas mas não percebi outras. Falaram num convento... no Sacré Coeur... Sabes o que é?...

Tadeu sabia.

Não disse nada, mas no outro dia não pôde levantar-se da cama.

Tinha dores em todo o corpo e um grande cansaço, como de quem deu uma larga caminhada.

Gemia baixinho abrasado em febre, e quando pediu muito humildemente, com medo de recusa, para ver Margarida, disseram-lhe que a doença dele podia pegar-se e que as meninas não iam ao quarto dos homens.

Pois isto é um homem? Pensava Tadeu desolado.

Margarida de endoidecida com a mudança, com o movimento, com a espectativa de uma existência desconhecida e nova, esqueceu-se completamente do enfermo.

Partiu sem pedir sequer para lhe dizer adeus!…

Quando Tadeu ao cabo de um mês de doença saiu do quarto com o rosto macilento, abatido, cansado, como o de um velho, com a espinha dobrada e as magras pernas vacilantes, pediu para ir ao quarto onde brincava com a sua pérola, e agachou-se a um cantinho a chorar com uns uivos dolorosos, com uns uivos caninos que faziam mal.

Sentia-se para sempre só...

****

O marquês tinha ido sozinho para França. Fora, ao que se dizia, buscar a filha ao Sacré-Coeur.

A educação de Margarida devia estar completa. Fora-se embora com nove anos de idade, e já se tinham passado sete depois que ela partira.

Sete anos! Que longo período!

A casa dos marqueses era pouco mais ou menos a mesma coisa.

Tadeu perdera a sua mãe, mas aquela figura apagada, melancólica, de uma debilidade de valetudinária, pouca falta tinha feito no palácio iluminado e radioso.

O marquês aconselhado por alguma pessoa de juízo e de caridade tinha consentido a que logo depois da partida de Margarida seu sobrinho entrasse para um colégio.

Também já lhe não servia para nada.

Com o seu corpo magro e desengonçado, um corpo de funambulo, um corpo de grotesco, tinha melancolias quixotescas que incomodavam quem o via.

Os criados deram por mais de uma vez com o rapazola a chorar de bruços num recanto do jardim, chamado o canteiro de Margarida.

Era um pequeno espaço semeado de flores, onde principalmente abundavam os malmequeres brancos que tinham o poético nome da filha do marquês.

Havia ali uma grande árvore, um castanheiro copado cuja rama folhuda abrigava os longos pensamentos dolorosos de Tadeu.

Não se podia consolar!

Era ali naquele sítio fresco, esmaltado de flores, exalando um cheiro agreste e sadio, que ele se deixava ficar horas e horas esquecido de todos, numa espécie de letargo bestial, o letargo de um animal ferido.

E desfiava na memória todo o seu passado, toda a vida que vivera, abandonado, desprezado, perseguido de chufas ou de maus tratos, de caprichos humilhantes, ou de observações glacialmente desdenhosas.

Só ela nunca o ferira! Só ela fora no seu viver de cão apedrejado um consolo dulcíssimo! Uma nesga do céu que se entreabrira!

Só ela nunca se tinha rido à custa dele, e fora ele — o misero, o abandonado, o enfermo — que tivera o primeiro sorriso daquela boquinha de rosas, o primeiro beijo daqueles lábios frescos e húmidos de leite I

Era feio, era raquítico, era estúpido e desastrado.

Todos o conheciam, todos o repetiam em alto e bom som para que ele o não ignorasse, mas dia amava-o; ela não o dizia, não o pensava, não o tinha notado sequer!

Para dia era forte, e grande, e poderoso!

A ele é que Margarida confiara sempre os seus desejos, os seus sonhos, os seus afetos de criança mimosa.

Ralhava-lhe às vezes, batia-lhe, quando aspirava ao impossível que Tadeu lhe não podia dar, mas as crianças ricas têm horas de tédio só comparáveis ás horas sinistras de um imperador romano, e Tadeu compreendia isso tanto, que antes queria as cóleras, do que os desalentos rápidos e violentíssimos da sua perola.

Tudo que houvera bom na sua vida lhe tinha vindo dela.

Dos outros — nada!

E ele odiava todos os outros, só para poder adora-la com um culto exclusivo de negro pelo seu fetiche.

Não perguntava por notícias; para quê?

Tinha a certeza íntima de que lhas não dariam completas nem verdadeiras.

Antes não queria saber nada, do que banalizar a sua idolatria, revelando-a aos seus inimigos.

Ela também lhe não escrevera, o que o não surpreendera nada. .

Estava tão costumado a ser uma coisa inútil e desprezada, que nunca lhe viera à ideia a possibilidade sequer de

possuir uma carta dela.

No entanto ia adoecendo, definhando, parecia uma sombra.

Um médico que o viu torceu o nariz, e deu claramente a entender que aquilo nunca chegaria a ser um homem.

Foi então que se lembraram de o mandar para um colégio, em primeiro lugar para não terem o desgosto de o ver a cada passo, em segundo lugar para o distraírem da ideia fixa que o estava consumindo.

No primeiro dia em que Tadeu fez a sua entrada no colégio houve uma tal galhofa, um gáudio tão extraordinário entre a rapaziada, que os professores para manterem a ordem tiveram de empregar severos castigos.

Não havia meio de o ver sem rir.

Tinha um tic nervoso a um canto da boca, tinha os olhos de vidro embaciado, tinha as pernas muito magras e muito cambadas, e um modo de falar tímido, acanhado, medroso que era de fazer morrer de riso os rapazes.

Os próprios mestres tinham de fazer esforço para se não rirem quando o viam.

Na hora do recreio tomou-se a vítima, o bode expiatório do colégio.

Um dia, porém, a brincadeira atingiu tais proporções que degenerou em perversa brutalidade.

Tadeu caiu no chão extenuado a lançar jorros de sangue pelo nariz.

Do grupo estupefacto e arrependido dos colegiais destacou-se então um, o mais velho, o mais valente o que nunca entrava naquelas farsadas brutais, e disse com voz decidida:

— Tomo esse pobre diabo debaixo da minha proteção. O primeiro que lhe tocar tem os ossos num feixe.

Ninguém se atreveu a responder uma palavra.

Henrique de Souza era temido e respeitado.

Nas aulas era o primeiro; nas brincadeiras era o mais forte; na luta era o mais destemido.

Órfão de pai, era sustentado no colégio pelo trabalho insano da mãe e da irmã mais velha que se tinham feito costureiras para o poderem educar.

Henrique fizera-se homem antes de tempo.

O seu pensamento fixo era poder pagar a divida sagrada que contraíra com as duas heroicas e dedicadas mulheres.

Quando Tadeu despertou do desmaio em que a fraqueza o mergulhara, fixou os, seus tristes olhos esgazeados e humildes na fisionomia meiga e viril de Henrique.

Compreendeu que tinha achada um amigo e caiu-lhe nos braços a soluçar.

****

Tadeu conservara-se cinco anos no colégio, e saíra de lá um pouco mais forte e um pouco menos desgraçado.

Henrique, que há três anos tinha completado a sua educação, e que agora cursava a escola de medicina, nunca deixara de o ir visitar de tempos a tempos, levando-o muitas vezes por ocasião das férias a passar o dia em casa da sua mãe.

O jovem estudante de medicina dava lições de francês e inglês nas horas vagas, para aumentar os minguados recursos da família e como um tio que morrera lhe tivesse deixado uma pequena pensão, viviam agora todos três mais desafogada» mente.

Ocupavam uma casa pequenina mas muito bonita e quase nova; tinham um quintal com três galinhas, um casal de pombos e um canteirinho semeado de flores.

O trabalho da casa era a mãe de Henrique quem o fazia; a irmã costurava e bordava para fora, o irmão vivia de estudar e de esperar.

Muito unidos, muito resignados; em certos momentos mesmo, muito alegres, de uma alegria serena e doce, a alegria dos corações honrados que confiam na providência de Deus!

Henrique era formoso sem dar por isso. O único modo possível de um homem ser formoso.

Joaninha, a irmã, que já fizera vinte e sete anos, era uma doce e casta fisionomia de virgem que tem padecido muito.

Nos seus grandes olhos melancólicos havia a tranquila doçura dos que repousam depois de uma luta esmagadora.

Tinha a certeza de que havia na terra alegrias que nunca seriam dela, e no entretanto não se revoltara; pusera noutro ponto mais alto a sua mira.

Descobrira a sua individualidade, vivia da vida e das esperanças do seu irmão.

Neste interior recolhido e casto, Tadeu sentiu pela primeira vez acordar a consciência.

Sofria muito ali pelas comparações dolorosas que fazia, mas compreendeu que nesse mesmo sofrimento havia um progresso do seu espirito e afeiçoou-se ás torturas que ele lhe dava.

O trabalho era a lei daquela casa, e Tadeu não sabia trabalhar.

Ali concebia-se a vida de um modo elevado e justo, a dignidade do homem estava identificada com a sua independência, e Tadeu não passava de um parasita.

Aprendeu na convivência de Henrique e da sua mãe e irmã muito mais do que aprendera em todos os anos da sua desconsolada existência.

Determinou ter uma ocupação, um ofício, exercer um trabalho qualquer, mas bem depressa adquiriu a desoladora certeza de que a sua fraqueza física o tornava incapaz de qualquer esforço aturado e violento.

Com vinte e três anos conseguira tão-somente, por fim de porfiada luta, ser uma espécie de caixeiro de guarda-livros do seu tio.

Aprendeu a fazer bem contas, e tornou-se útil naquela desordenada administração de uma casa colossal.

Isto não era de certo coisa que satisfizesse as ambições de outro qualquer, mas para ele isto já era uma grande, uma sublime conquista.

Ganhava o pão que comia.

Era um escriturário humilde, mas tinha direito a dizer que não dependia de ninguém.

****

No dia em que Tadeu soube que Margarida ia chegar, a sensação que fez vibrar todo o seu ser, foi violenta de mais para que possa ser descrita.

Acudiram-lhe em tropel, desordenadamente, numa confusão louca, todas as lembranças do passado, todas as queridas visões daqueles nove anos de êxtase que ele vivera.

Estava tudo intacto num cantinho luminoso da sua alma, onde ele não entrava com medo de fazer fugir as avezinhas azuis que eram as suas saudades.

Margarida! Bebé! A sua alegria! A loura cabecinha encaracolada, os olhos cor de azul, límpidos, transparentes, cristalinos, como um céu de primavera! Os pequeninos braços gordos e nédios! A boquinha risonha! A voz musical, uma voz de cotovia acordando os ecos da alvorada!

Todo aquele conjunto de graças ia ser dele outra vez.

Com que delicia sôfrega ele não beijaria os pezinhos da sua fada pequenina e loura!

Como lhe contaria tudo que tinha passado longe dela!

As saudades sem consolo, as lagrimas que chorara, as humilhações que sofrera no meio daqueles perversos de faces rosadas e imberbes, que se tinham constituído em algozes da sua fraqueza e do seu desamparo!

Oh! Amá-la-ia tanto e tanto, que ela havia de dar-lhe por força um bocadinho de afeto, e esse bocadinho só bastaria a torna-lo mais feliz do que um rei.

Margarida!

E ao repetir baixinho com um calafrio de prazer este nome querido, via saltar num raio de sol uma figurinha esbelta, graciosa, de fato muito curto e muito simples, um vestido branco, um cinto azul, um bibe de cercadura bordada, onde as amoras colhidas por ele tinham posto uma mancha vermelha, com os espessos cabelos louros em anéis soltos, e uma risada a vibrar ainda em torno dela como um rosário de pérolas que se desfiasse dentro de um cofre de cristal.

Henrique julgou que ele endoidecia, e Joaninha com a sua voz velada, onde havia uns toques de doçura maternal, dizia-lhe:

— Mas olhe que ela é uma senhora! Já não pode ser a mesma. Não tenha uma esperança que vai converter-se-lhe em martírio!

— A minha Margarida, repetia ele alheado, meio louco! A minha filhinha adorada! Nunca tive uma alegria que dela me não viesse! Todos me tratavam mal, só ela gostava de mim e me queria sempre ao seu lado. Hás de vê-la, meu Henrique, verás se há no mundo uma criança mais linda, mais mimosa, é uma fada, é uma pérola, é a minha única amiga neste mundo!

****

No dia seguinte à hora em que uma brilhante festa de família, uma espécie de baile muito íntimo, reunia nas salas do marquês todos os parentes, aliados e amigos que vinham solenizar a chegada da sua filha e herdeira, Tadeu na

pequenina sala de jantar de Henrique, dobrado sobre o peitoril da janela numa postura de desolação e de abandono, soluçava baixinho, ao pé de Joaninha, que tentava em vão consola-lo.

Estava de casaca, coitadinho; Joana não seria capaz de rir do desgraçado, mas como a casaca lhe ficava mal!

Tinha-se vestido para assistir ao jantar.

Antes do jantar não conseguira ver Margarida.

— A Sra. D. Margarida vinha muito cansada, estava no seu quarto. Dormia. Não havia maneira de a acordar.

Eis as secas respostas que as criadas,—aquelas perversas — tinham dado ás suplicas frenéticas do pobre Tadeu.

Enquanto a ir ao encontro dela como tanto sonhara, não tinha podido.

O seu tio, agora que lhe descobrira algum préstimo— muito secundário, é verdade, mas um préstimo em todo o caso — abusava dele horrorosamente.

Tinha-o tornado uma máquina de fazer contas, contas de somar, de repartir, de multiplicar, o inferno!

Não pudera ir, mas esperava vê-la logo que ela chegasse, vê-la só, poder beijar-lhe as mãos, a testa, os cabelos, os pés! Vesti-la toda de beijos como dantes!

E depois sabia que também ela havia de ter saudades! Que também se havia de lembrar muito do seu amigo, do seu Tadeu, do seu cão fiel!

Estava impaciente, estava no ar. Mas quando teve a certeza de que só a veria na sala, foi vestir-se logo, envergou uma casaca do seu pai que este mandara arranjar para ele, uma casaca muito larga, já fora da moda, de pano azulado.

Que lhe importava! Ia vê-la!

Vê-la era o céu.

Vinha-lhe à lembrança aquele ninho de melros que apanhara um dia — sabe Deus com que trabalho — para lhe dar, e o dia em que ela lhe pedira a lua com um gravidade tão cómica, apontando para o tanque, e o balouço que ambos tinham projetado fazer, e as historias que ele lhe contava debaixo do castanheiro à tarde, enquanto a música do piano suspirava ao longe, e havia no ar uns rumores indefinidos de que ela lhe perguntava a explicação.

— São os passarinhos que andam a arranjar-se para se deitarem a dormir dentro dos seus ninhos — costumava dizer Tadeu.

E ela ria-se virando a cabeça muito esperta para a cúpula do castanheiro, a ver se descobria como se faz a toilete noturna dos passarinhos.

Entrara, por fim, na sala.

Havia grupos aqui e ali. Graves políticos que discutiam, financeiros de abdómen volumoso, matronas severas, rapazes elegantes, e no meio de tudo um bando de raparigas alegres, garridas, a chilrearem, a rirem e a cochicharem entre si, contentes da nova companheira que lhes chegava de longe, mas muito mais contentes ainda daquela atmosfera festiva e perfumada que as envolvia.

No meio desse grupo encantador é que ela estava de pé.

Um corpo deliciosamente modelado, de uma graça franzina e toda moderna.

Tinha um vestido de foulard muito justo, muito elegante, e no meio dos rolos do seu crespo cabelo louro aninhava-se uma rosa vermelha, uma rosa cor de sangue.

Os olhos azuis, altivos e desdenhosamente fixos lembravam... Os olhos metálicos da sua mãe.

Pois era aquela a sua Margarida?!

Era.

Não lhe restava a menor dúvida. Apesar de todas as diferenças tinha-a conhecido logo.

A sua límpida testa de criança um pouco curta, indício de obstinação e de capricho; a sua boca pequenina, até alguma coisa dos seus gestos antigos, tudo trouxe ao coração de Tadeu uma lufada de saudades irresistível.

Correu para ela como doudo, atravessou pelo meio de toda aquela gente, sem a menor timidez, sem o menor receio, sem notar sequer o espanto que a sua cómica aparição tinha excitado.

As raparigas que faziam um círculo em torno de Margarida separaram-se numa súbita explosão de risadinhas, e ela, olhando muito fixa para Tadeu, exclamou rindo, rindo sem poder mais:

— Ih! Credo, primo Tadeu, que casaca!... Que figura!... Pelo amor de Deus vá já tirar essa casaca e venha depois!

E ria, ria sem disfarce, enquanto ele com os braços quebrados, o rosto estúpido, a fisionomia espavorida, sentia dentro da sua pobre alma sem consolo esfacelar-se, desfazer-se, diluir-se em lagrimas de fel a ultima esperança da sua vida!

****

Três dias depois, Margarida, que se esquecera completamente daquele insignificante episodio em que Tadeu figurara, encontrou-o por acaso na Baixa, onde andava fazendo compras com a sua mãe, ao lado de Henrique, que para o distrair tinha ultimamente fingido precisar absolutamente da sua companhia.

Margarida saía de uma loja e ia a saltar ligeira, elegante com a sua graça parisiense para dentro do *coupé* delicioso que, de propósito para a filha, o marquês tinha encomendado meses antes à casa Binder, e que dois finos

cavalos ingleses esplendidamente ajaezados faziam voar pelas ruas da nossa pacata Lisboa.

A vista de Tadeu despertou-lhe umas poucas de ideias que ainda não lhe tinham ocorrido.

Lembrou se, por exemplo, de que não o vira mais, desde o instante em que ele se apresentara à frente dela com uns transportes ridículos e uma toilete horrorosa, na sala povoada pelas suas novas amigas, tão irónicas, tão cruelmente maliciosas...

Porque não tornara ela a vê-lo? Tinha-lhe esquecido perguntar por ele, fora muito ingrata...

E sem raciocinar aquele impulso estranho, parou, esperou numa atitude de coqueterie irresistível que os dois amigos se aproximassem, visto que ambos caminhavam na direção em que ela estava, e estendendo a Tadeu a sua mão esguia e fina, a sua mão de loura, enluvada de pelica cor de bronze, disse com uma expressão de finura e malicia intraduzível:

— Então seu ingrato! Não me tem querido aparecer! Por onde tem andado?

E ficou a olhar para ele, como quem espera alguma coisa, interrogadora, fascinante, sempre aristocrática.

A marquesa, que já estava dentro do trem, murmurou levemente enfastiada:

— Então, Margarida, ficamos aqui?...

E Tadeu corando, balbuciando, resmoneava confusamente uma banal desculpa.

Margarida saltou por fim o estribo que o criado conservava desdobrado, envolvendo num olhar magnético dos seus cintilantes olhos azuis, a bela e viril figura de Henrique de Sousa, que presenciara mudo aquela cena inexplicável.

****

Uma noite em S. Carlos estreitava-se uma celebridade lírica na Norma, que então estava muito na voga.

Henrique vivamente instado pela mãe e pela irmã e também um pouco pelo seu próprio desejo, determinou ir

ouvir a ópera adorável, que é uma verdadeira perola musical.

Havia tempos que ele andava nervoso e inquieto.

Não sabia bem o que tinha mas sentia-se mal.

Tinha impaciências nervosas que nunca tinha conhecido no seu organismo equilibrado e harmónico.

Surpreendia-se ás vezes doentiamente, a fazer planos impossíveis antes de adormecer; a imaginar quanto seria bom ser muito rico, viver na alta-roda, naquela esfera aristocrática e distinta em que se não trabalha, em que se falia de um modo especial e característico, com termos escolhidos, com inflexões muito mais suaves, com uns certos desdéns que dantes lhe pareciam ridículos e que lhe estavam agora parecendo superiormente requintados. Ter um palacete com alguns salões apainelados em cuja escadaria de mármore povoada de estátuas e de plantas raras, se aprumassem espadanados lacaios de farda; ter equipagens luxuosas, ter uma mulher loura, franzina, de testa curta, de olhos piscos, com um sorriso felino, quase cruel nos lábios vermelhos, e um corpo flexível, delicado,

mignon de estatueta de *biscuit*... Uma mulher que se chamasse Margarida.».

Neste ponto do seu pensamento, Henrique suspendia-se como que sentindo a estranha impressão de quem vai caminhando por uma estrada lisa e de aparências tranquilizadoras, e encontra de repente, debaixo dos pés, quando menos o espera um reptil desconhecido.

Margarida! Que tinha ele com Margarida?!

Lembrava-se que a desprezara e amaldiçoara no dia em que vira chegar a sua casa, pálido, desfeito, com uma casaca grotesca e uns olhos inchados e vermelhos de chorar, o seu pobre amigo Tadeu, que na véspera o tinha deixado tão louco de alegria e tão triunfante de felicidade!

Margarida!

Vira-a depois loura, elegante, com o seu desdenhoso olhar de míope, subir com ligeireza fidalga o estribo de uma carruagem, descobrindo os finos bordados das suas saias, o pequeno pé primorosamente calçado, todo um poema de misteriosas elegâncias.

Nunca mais a vira, nunca mais desejara vê-la!

Para quê?

Ela lá tão em cima, ele cá em baixo lidando, tressuando, lutando para alcançar... O que talvez não tivesse nunca!

Um nome, uma posição, o pão da sua mãe e da sua irmã, sem amarguras e sem pequenas privações humilhantes!

Naquela noite em S. Carlos a música sentimental e enervante de Belini, o contacto de todo aquele mundo ocioso e rico ainda o tornava mais nervoso e excitado. Estava quase arrependido de ter vindo.

Nisto sentiu que lhe batiam no hombo e uma voz aflautada, uma voz tremelicante, com inflexões muito alegres, disse-lhe ao ouvido:

— Anda cá acima, pediram-me para te vir buscar, para te apresentar; gostam muito de ti! Não imaginas como és estimado pela minha querida Margarida, desde que soube que tens sido o meu único amigo, o meu auxílio na vida, aquele a quem mais devo depois dela.

E Tadeu, porque era ele, arrastava pelos corredores das frisas Henrique surpreendido, contrariado, com uma

estranha sensação de desconforto a comprimir-lhe fortemente o peito.

****

Na frisa, radiante da mocidade, de fina distinção, com todos os requintes da moda a fazer realçar a sua beleza moderna, frágil, quebradiça, alguma coisa amaneirada estava Margarida.

A marquesa ao lado dela conversava com um velho diplomata.

A entrada dos dois a mãe teve um comprimento um pouco seco, a filha um sorriso de graça adorável, de garridice inata mas irresistível.

— Quis vê-lo porque soube que tem sido muito bom para Tadeu, excelente mesmo. Ele contou-me tudo.

Pobre rapaz! *Poor dear boy*! E sorriu-se outra vez com um aspeto bondoso e protetor que a transfigurou por instantes.

— Eu tinha-me esquecido, o Tadeu é que se lembrava de tudo. Fez-me reviver a minha infância. Sempre é bom. Agora já estou tão velha que acho imensa graça a estas recordações do passado.

E graciosa, maternal, afastando toda e qualquer ideia que não traduzisse uma solicitude encantadora para o seu companheiro da infância, Margarida foi o que seria a noiva idealizada pelo austero coração de Henrique.

E dali em diante o amigo de Tadeu deixava-se arrastar de oito em oito dias até o palacete dos marqueses.

Era ali otimamente recebido.

Margarida, adorada pelos pais, dava a lei em casa. Sabiam-na voluntariosa, cheia de caprichos e de fantasias, tinham medo de irrita-la resistindo-lhe. .

Depois, Henrique com as suas maneiras de *gentleman*, com a gravidade desafetada do seu porte, com os generosos ardores da sua rica organização, revelava-se o que era: um homem de futuro, um homem que havia de ter nome mais tarde.

O marquês, cínico como a vida o tornara, era juiz excelente neste assumpto.

Conhecia um homem depois de duas horas de conversação.

As próprias severidades do rapaz, amolecidas agora ao contacto da perturbadora formosura de Margarida, agradavam ao marquês como uma coisa nova, picante, inteiramente imprevista para ele.

Tadeu nadava num júbilo celeste.

Era muito bem tratado; Margarida tinha com ele umas garridices angélicas que ás vezes o deixavam pálido e sufocado, encostado a uma árvore ou a um banco do jardim para não cair no meio do chão desfeito em lagrimas.

Tadeu tinha agora de vez em quando um odio selvagem à sua mesquinha e enfezada personalidade.

Se ele não fosse como era... Se fosse alto, esbelto, forte... Pode ser... Tem-se visto tanta coisa...

E também ficava absorto, idiota, seguindo com um olhar esgazeado umas visões que o iam enlouquecendo.

Ela no entanto vinha alegre, radiosa, cheia de vida, com o seu vestido de foulard cor de carne a desenhar-lhe as formas flexíveis, com uma rosa nos seus cabelos louros, dava-lhe o braço, e arrastava-o enlevado e estúpido pelas alamedas do jardim.

— Conta-me lá o que tu fazias quando eu cá não estava! Conta-me em que pensavas. Estavas muito triste? Quando é que viste pela primeira vez o teu amigo Henrique? Que lhe dizias tu de mim? E ele?... Ele que ideia fazia desta endiabrada pessoa que tu lhe descreveste tanta vez com a tua fantasia de poeta — porque tu quando se trata de mim és poeta, meu pobre Tadeu! — Anda, falia, conta-me o que vocês faziam, gosto tanto de te ouvir!

E toda dobrada sobre o hombo dele, meiga, elétrica, fascinadora, com meneios de serpente, levava horas passeando pelo braço de Tadeu.

.....

Um ano depois desta época, Margarida declarava terminantemente aos pais que voltava para França, que ia

morrer freira no convento onde vivera educanda, se eles a não casassem com Henrique.

E dizia-lhes estas palavras numa tal violência de gritos e de soluços, tão magra, tão empalidecida naquela lacta intima de doze longos meses, que o marquês encolheu os ombros com a suprema indiferença que fazia dele um *viveur*, e que a marquesa animada pela placidez do marido ao encarar esta questão magna, declarou à filha, hoje seus únicos amores, que ia fazer tudo para lhe dar o noivo da sua alma, o escolhido pela sua ardente paixão juvenil.

Teve medo de ver a filha definhar-lhe e morrer-lhe nos braços. Via-a tão abatida, tão triste, tão enfastiada da vida, que a ideia de perdê-la sobrelevou a todos os seus escrúpulos de rica e de fidalga.

Margarida autorizada pelos pais pôde dizer a Henrique, que o amava!

Quanto amor! Que entusiasmo febril neste sublime impudor da criança opulenta, formosa, aristocrática, disputada por dezenas de noivos tão ricos e tão nobres como ela, que vem espontaneamente oferecer a sua mão e a sua vida inteira ao

obscuro plebeu que passa confundido no meio das multidões desconhecidas!

E esse impudor, ninguém mais fidalga e altivamente do que Margarida o soube ter.

Sabia-se adorada, estremecida, sabia que um riso dela bastaria para as alegrias e para as torturas de uma semana passada por Henrique na labutação da sua mesquinha existência; mas sabia também que ele era tão grande, tão forte, tão orgulhoso e digno que podia morrer, mas que morreria calado, sem que uma palavra revelasse o seu martírio!

— Tadeu, meu querido Tadeu, meu amiguinho, tenho sido muito má, não tenho querido contar-te nada com medo de que lhe dissesses a ele alguma coisa. Eu queria ser a primeira a dizer-lho, queria gozar do seu sorriso, do seu olhar de anjo, de mártir beatificado, do seu olhar que me enlouqueceu para sempre... Agora digo-te, já não tenho motivo nenhum para to esconder.

Vou casar-me, vou ser dele, só dele... Levar-te-ei connosco... Olha que foi ele que mo pediu.. . Vê como ele é

bom. Eu a falar a verdade estava tão doida que nem me lembrei de semelhante coisa; mas ele falou logo em ti, foi a sua primeira vontade! Adoro-te visto que ele é teu amigo. Hás de aborrecer-me ás vezes, meu pobre Tadeu, porque nunca entendes a tempo quando deves ir-te embora, mas eu hei de educar-te. Verás! Viveremos todos três. Nunca mais te hei de tratar mal! Nunca mais me hei de rir da tua casaca. E, a propósito, tu ainda a tens, aquela malfadada casaca? Não me faças rir no dia do meu casamento, pelo amor de Deus manda fazer uma nova para esse dia. Não tenhas medo de gastar. Eu tenho muito. Sou rica, muito rica, somos todos três muito ricos.

E doida, anelante, no delírio da criança que venceu a sua primeira teima, na dilatação ampla de uma alma que conquistou o seu desejo supremo, Margarida expandia nestas palavras difusas incoerentes, sem nexo, toda a felicidade que era hoje dela e que julgava eterna.

Tadeu escutava com o olhar morto e vidrado de um sonâmbulo.

Depois emudecido por uma dor aguda que lhe rasgava as carnes de todo o seu corpo como um punhal de muitas

lâminas, saiu do quarto cambaleando como um ébrio.

No dia do casamento de Henrique houve dois seres que na humilde tristeza de uma pobre casa, choravam unidos todas as lagrimas da sua alma.

A um desses seres pungia-o uma angústia dilacerante demais para que a palavra humana a pudesse traduzir.

A outro sobressaltava-o um pressentimento horrível, como que um dobrar de finados que lhe ecoava lá dentro, e ao qual não podia fechar os ouvidos.

Esses dois seres esquecidos, voluntariamente afastados das pompas principescas daquele dia, das festas daquela solenidade esplendida eram Tadeu e a irmã de Henrique.

****

De feito há já cinco anos que viviam juntos numa casa espaçosa e lindíssima de Buenos-Aires.

Henrique pedira com tão meigas e sentidas palavras a Tadeu para que ele os não deixasse, que depois da viagem

de rigor feita pelos noivos à Suíça e à Itália o bom cão fiel foi viver junto deles.

As investigações da ciência, o estudo paciente dos homens e das coisas, altas aspirações inspiradas pelo marquês a uma gloriosa carreira política, absorviam Henrique, enquanto que Tadeu mais amadurecido agora pela experiencia da vida, administrava a casa, tomava contas aos feitores e criados, punha em ordem os pagamentos, recebia os rendimentos, pagava aos fornecedores, era por assim dizer o mordomo mór da opulenta fortuna da sua companheira de infância.

Margarida continuava a ser o enlevo e o mimo de quantos viviam junto dela.

De uma organização delicada, nervosa e vibrátil, com um aspeto infantil, que infundia uma vaga e doce ideia de proteção; boa, desta bondade superficial e egoísta, que consiste em não gostar de ver ninguém triste ao pé de si, todos os seus caprichos se convertiam noutras tantas graças, todas as suas exigências se impunham com a tirania adorável de uma súplica!

O marido tinha por Margarida aquela paixão deletéria e quase covarde, que ela lhe inspirara logo no primeiro dia.

Não sabia resistir senão a muito custo, a um olhar daqueles olhos húmidos e radiantes, a um sorriso daqueles lábios vermelhos, a um gesto daquelas mãos finas, esguias, pálidas, da suave palidez dos lírios.

Não era bem amor, era uma fascinação, uma embriaguez, uma destas doenças que exercem no cérebro a sua ação paralisadora.

Margarida que nenhuma força superior tentava dominar, dera expansão completa a todos os caprichos da sua colorida e quente fantasia.

Adorava o luxo, as coisas de arte, a música, as flores raras, frequentava muito o alto mundo onde era requestadíssima, vivia na perpétua idolatria de si própria, que a pouco e pouco a inutilizava para os graves deveres da vida.

Tadeu no meio da sua cega e embrutecedora adoração obedecia-lhe como um escravo. Só ele sabia as despesas colossais, as extravagâncias principescas daquela

pequenina pessoa, ativa, graciosa, fantasista como um poeta oriental.

Mas economizava ridiculamente em todas as verbas, para que ela, a rainha, a perola, a Margarita dos seus sonhos doutro tempo não franzisse um minuto a sua testa curta, a sua testa de teimosa, na contrariedade de um desejo insaciado.

E ela estava tão habituada à submissão e à humildade daquele pária, que o tratava como um traste, um objeto seu, com o qual não tinha de mostrar o mínimo constrangimento, a mínima atenção afetuosa.

— Tadeu, quero isto! Tadeu, quero aquilo! Tadeu, vi hoje na loja de F. um adereço de um conto de réis. Se o não mandar buscar até amanhã vendem-no. Eu quero-o. Não me deixes ficar sem ele. Fazias-me chorar!

Não lhe pedia a lua como em outro tempo, mas quantas vezes lhe pedia coisas quase tão inacessíveis como a lua!

Margarida tinha dois filhos. Um menino e uma menina. Dois querubins.

Mais meigos do que a mãe nunca fora, mais dóceis, mais tranquilos, tendo no olhar a serenidade melancólica do olhar do seu pai!

Tadeu envelhecido, de uma velhice precoce que assombrava os que o tinham conhecido na infância, tinha por essas duas crianças um louco amor de avô.

Aqueles quatro seres eram a sua vida.

Fundia-os a todos na mesma adoração apaixonada e tímida.

Vivia deles e para eles.

Henrique era o seu respeito. Margarida o ídolo do seu passado, os dois querubins louros, a única esperança suave do seu futuro.

Sacrificar-se, esquecer-se, abnegar de si, eis o modo obscuro e sublime pelo qual ele sabia querer!

Mas os dois pequeninos que não eram turbulentos nem cruéis, tinham nas suas caricias inconscientes o balsamo poderoso, o balsamo divino para as chagas ocultas daquele coração que a vida ulcerara tanto e tanto.

****

Desde algum tempo que Tadeu andava inquieto.

Com o seu faro finíssimo de rafeiro fiel pressentia no ar um perigo desconhecido, alguma coisa de misterioso e de sinistro, que ouvia rugir ao longe como no fundo de uma voragem.

Na aparência todos viviam tranquilos:

Henrique sempre bom, sério, pensativo, de uma indulgência de forte, de uma doçura de herói.

Margarida sempre buliçosa, inquieta, cheia de desejos infantis, de caprichos, de alegrias ruidosas ou de melancolias súbitas que ás vezes no silêncio da sala fofa e discreta pareciam a Tadeu um grito de alarme na monotonia do deserto.

As criancinhas... Sempre os seus mais doces amores, aqueles de que nunca lhe proviera uma amargura.

Quando Tadeu pensava que podia um fatalidade qualquer separa-lo dos seus dois anjos, desatava a chorar como um

perdido na solidão do seu quarto.

****

Ele estava sentado ao pé da mesa. Primeiro estivera fazendo contas, as despesas da casa, agora pendia-lhe a cabeça embevecido num vago pensamento.

Sem saber explicar porquê, naquele dia lembravam-lhe tantas coisas do seu passado!...

Sentia dentro de si uns vagos assomos de revolta, lembrando-se das humilhações que padecera, dos tratos com que lhe tinham enfraquecido o corpo e atrofiado a inteligência. Depois... Na sua vida, até ali obscura e dolorosa, surgia de repente envolta nas rendas brancas do seu berço uma visão deliciosa, uma pequena fada, a sua amiguinha, a sua Margarida f...

Como fora feliz com ela e por amor dela...

Contudo... Pensando bem... Para essa felicidade quimérica fora ele quem fornecera todos os elementos. Ela nunca vira

no pobre Tadeu senão um instrumento dos seus caprichos, um escravo das suas vontades...

Em todas as delícias com que dourara a sua vida não havia uma só que fosse nascida da vontade de ser-lhe boa, útil, consoladora!...

— E verdade, murmurava o pobre doudo, é verdade! Ela nunca teve coração!

E suspendeu se como que aterrado daquela blasfémia.

Neste momento Margarida entrava pelo quarto de Tadeu, pálida como um cadáver, com os grandes olhos dilatados numa expressão de indescritível pavor.

Agarrou-se-lhe ao braço e disse lhe baixo, numa voz estrangulada e rouca:

— Henrique chegou da quinta. Eu não o esperava. Contava que ele viesse amanhã. No meu gabinete há uma pessoa que deve sair sem que o meu marido a veja. Ouves? Estou perdida... Estava perdida mas lembrei-me de ti... Salva-me...

— Não me digas nem uma palavra — prosseguiu vendo que ele ia falar. —Uma demora de segundos perde-me sem remissão.

E saiu com o seu passo miudinho, o seu passo *chic,* aprendido de passagem nos boulevards de Paris.

Tadeu saiu do quarto, e quando voltou a entrar ali, acompanhava-o um rapaz muito pálido, de bigode louro, cabelo cuidadosamente frisado e *toilette* irrepreensível.

Não trocaram uma palavra. Tadeu apontou-lhe para uma cadeira, fechou a porta do quarto à chave e sentou-se junto da janela, que dava sobre o jardim.

Era em plena primavera. Pela janela aberta entrava um perfume vago e subtil, um perfume de rosas, de madressilva e de baunilha em flor.

Ouvia-se o rir e o chilrear das duas crianças, e entre as ramarias entrelaçadas dos grandes arbustos exóticos, Tadeu viu passar com os seus meneios serpentinos, o seu vestido branco, a sua cabeladura douro, a figura esbelta de Margarida pendida ao braço do esposo com quem falava baixinho.

Foi a última visão que teve dela.

Uma visão de perfídia felina e de felina formosura.

****

— Deixe-se estar quieto. Não vê que não pode sair deste quarto senão à noite? Pronunciou a voz enrouquecida de Tadeu.

E sem dar mais atenção ao seu odioso hóspede, pôs-se a arranjar papeis, uma trouxa de roupa, algumas velhas relíquias, os retratos dos seus dois pequeninos, dos seus netos como ele lhes chamava»

Depois despregou da parede as duas fotografias de Henrique e de Margarida. A dele beijou-a, e guardou-a com as dos pequeninos. A dela... Aproximou-a de uma vela que acendera e deixou-a arder até que ficaram só cinzas. Estava medonhamente lívido.

Era noite: sentiu o rumor conhecido da hora de jantar, esperou que o criado viesse chama-lo e respondeu-lhe:

— Diga aos senhores que jantem. Eu hoje estou convidado fora, não os posso acompanhar.

Olhou para o homem que ali estava na mudez estúpida dos malvados, que são ridículos, e disse-lhe:

— Venha daí.

Saíram juntos.

Tadeu nunca mais voltou; não pôde.

Pediu a esmola de um agasalho à irmã de Henrique, e achou meio de fazer num escritório cópias que lhe rendem três tostões diários!

Disso come e disso se veste.

Fingiu-se ofendido com Henrique por uma dúvida mesquinha de contas, que este nunca chegou a perceber.

Aceitou o papel degradante do ingrato que morde a mão que o socorreu.

Ninguém pôde nunca arrancar-lhe nem uma palavra do seu segredo.

Tem 35 anos e dão-lhe setenta.

As poucas pessoas que o veem ou o desprezam por ser absolutamente insignificante ou têm por ele a comiseração que inspira um idiota.

O TIO SEBASTIÃO

Não havia coisa que mais alegrasse o tio Sebastião, um velhito que conheci numa aldeia perto de Braga, do que falarem-lhe no filho que estudava em Coimbra.

Sorriam-se-lhe os olhos, e um contentamento intraduzível espelhava-se-lhe no rosto.

Quando lhe elogiavam o caracter, o talento, a bondade e a aplicação do rapaz, ele fingia que não acreditava, dizia que não era tanto assim. .. E repetia:

— Favores, meu amigo, favores...

Mas lá no íntimo agradecia aquilo tudo, e tinha vontade de apertar nos braços a pessoa que falava com tamanho louvor do filho estremecido.

Quando ele descobria o seu fraco, era quando lhe elogiavam na presença outro rapaz, outro estudante.

— Sim, sim, mas como o meu! Não é porque o rapaz seja meu filho, mas disse-me o prior, e olhe que o prior não é tolo nenhum, pois disse-me o prior que o meu pequeno era o melhor estudante que andava nas aulas de Braga, que lho tinham dito os próprios mestres. Aquilo tem uma memória! E então ler! As vezes estava horas e horas a ouvi-lo, dava gosto. O talho da letra já foi melhor, isso foi, mas o prior, a quem eu disse isto, consolou-me, dizendo-me que todos os doutores tinham má letra. Assim será, mas as primeiras cartas que o pequeno me escreveu, quando foi para o estudo, podem mostrar-se:.. Quer você ver uma dessas cartas?...

Toda a gente da aldeia gostava do velho, e não havia uma só pessoa que para o lisonjear, ao encontra-lo, lhe não perguntasse pelo filho.

— Obrigado, vai bom! E com um sorriso doce, enternecido e caricioso envolvia o da pergunta.

O tempo das férias, sobretudo as do Natal, que é quando se mata o porco, e se fazem filhós, e se conversa animadamente em volta da lareira, era ansiosa e impacientemente esperado pelo velho; todas as noites ia ao

reportório, que tinha à cabeceira da cama, e pondo uma cruz no dia que findara, dizia jubiloso:

— É de menos um!

Na véspera da chegada do filho, era uma azáfama, um revolver as velhas arcas de onde se exala um forte cheiro de maçãs camoesas, e um andar tudo numa poeira naquela casa.

— Esta cama não tem roupa bastante, Joana, dizia para a criada; vá buscar mais um cobertor!

E alisava a colcha, endireitando a fronha da travesseirinha, e repetindo:

— O estudante é muito mimoso, e depois faz frio que não é brincadeira!

Ia à cozinha, era preciso comprar isto e mais aquilo. Examinava os armários, passava revista aos frascos das compotas, e punha de banda as garrafas de vinho antigo.

— Não que ele gosta do que é bom!

Na rua não esperava que lhe perguntassem pelo filho:

— Chega amanhã, chega amanhã!

As ânsias eram no dia da chegada. Vinha para a porta, esfregando as mãos, rutilante de prazer. Todo o pobre que passava tinha uma esmola, todo o transeunte um cumprimento benévolo e afável.

Os vizinhos exploravam aquele grandíssimo e sagrado afeto.

— Com que então é hoje, hein?

—É verdade, pelo menos assim o espero. Queira Deus que lhe não suceda alguma no caminho» Isto de rapazes...

— Há rapazes de rapazes. O seu é uma joia...

— Sim, sim, mas há más companhias...

— Qual quê! E então o juízo e o talento para que servem? Eu tenho ido com ele algumas vezes a Braga, e bem vejo as pessoas com quem o seu menino se dá. E tudo gente da melhor. E não lhe fazem favor. Todos me gabam a sabedoria do seu estudante, todos...

— E eu que o diga, afirmava outro.

— Então porque não entram? Vejam se apanham um catarral! Está muito frio. Ó Joana, traz duas malgas daquele

vinho que sabes, e não te esqueças de trazer uma talhada de presunto. Vão beber pinga de substancia! Este é dó tal que faz peito, hê, hê, hê!

— Com que então — diziam os biltres — à saúde do Sr. doutor!

— Que Deus fará! Tornava o bom do lavrador, com as lagrimas nos olhos. Mas eu não tenho malga, traz-me também uma, que quero beber à saúde aqui dos amigos.

E bebia de um trago, valentemente, com alma.

O estudante às vezes, na vinda de Coimbra, chegava a Braga, onde tinha amigos e condiscípulos antigos, e ficava mais um dia. De forma que o velho esperava, e ia deitar-se cheio de cuidados; não pregava olho toda a noite.

A Joana, que bebera o mesmo leite que Sebastião, ouvindo-o gemer e suspirar, erguia-se, e perguntava-lhe:

— Tem alguma coisa, senhor Sebastião?

— Que é? O estudante chegou? Já me levanto, traz-me a candeia!

E era preciso que a velha lhe explicasse tudo, e que o embalasse carinhosamente com aquelas doces palavras com que as mães adormecem os filhos rabugentos.

****

O tio Sebastião, quando casou, tinha cinquenta anos, uns cinquenta anos limpos e rijos como não há aí muitos trinta»

Enquanto a mãe foi viva, não lhe quis dar atenção.

— Nada dizia ás pessoas que lhe aconselhavam o casamento, nada! Que lucro eu com isso? A velhinha podia não se dar com o génio da mulher que eu trouxesse para casa e isso era o inferno para mim. Quem manda naquela casa é a minha mãe, e há de mandar em quanto for viva. Ela ralha, ela grita, ela dá por paus e por pedras, por dá cá aquela palha. Deixa-la! Quando rabuja de mais, saio de casa, e a Joana que a ature! São mulheres, e lá se entendem. Se eu me casasse, tinha de acudir por uma ou por outra... Nada! Boi solto lambe-se todo...

E ainda solteiro fechou os olhos da mãe que lhe morreu nos braços.

Joana ficou senhora de tudo. Era ela que olhava pela casa, que dava ordens, a verdadeira dona da casa por fim. Aquele novo modo de vida, porém, começou a pesar-lhe, entrou a ter saudades do antigo jugo, queria receber ordens e não dá-las; a domesticidade era para ela um hábito de que não havia de desacostuma-la.

— Sabe o que mais, senhor Sebastião? Disse ela um dia ao patrão. O tempo das rapaziadas passou. porque não toma estado? Raparigas é que não faltam. E verdade que o mundo vai perdido de todo, mas ainda há raparigas perfeitas e tementes a Deus.

— Endoideceste, Joana! Eu caso me lá, nesta idade! Só se for contigo...

— Lá começa ele com as tolices do costume.

Água mole em pedra dura...

O tio Sebastião entrou um dia em casa com noiva. Era órfã de pai e mãe, era pobre, não tinha parentes a não ser um irmão que fora para o Brasil, e de quem não tinha noticias

há muito tempo; contava trinta e tantos anos, mas era madrugadora como um galo, direita como um vime, e valia por dois homens no amanho da vida. .

Quando o tio Sebastião lhe falou em casamento, ela fez-se vermelha como uma papoila, hesitou um momento, e atirando com a foice com que andava a cortar feno, lançou-se-lhe nos braços, e num amplexo formidável de leoa, rompeu com isto:

— Esperava esta felicidade há dez anos. Abrace-me, só Sebastião, que se não fosse consigo, não me casava senão com a cova.

Vinha de longe o afeto desta mulher pelo bondoso homem.

O pai de Carlota caiu entrevado; o tio Sebastião ao passar-lhe um dia à porta ouviu choros e lamentações; entrou e soube que havia ali necessidade e quase fome; a filha única do inválido, Carlota, tinha de ficar à cabeceira do catre; as últimas economias tinham-se extinguido pouco e pouco.

O tio Sebastião socorreu aquela gente, mandou chamar o médico a Vila Verde, pagou os remédios da botica e por fim o enterro do infeliz.

Entre as poucas pessoas que acompanharam à igreja o modesto ataúde, ia o tio Sebastião curvado, melancólico, com o seu rosto barbeado, e cheio de bondade e lhaneza.

Carlota, que chorava a um canto do albergue, com as mãos atadas à cabeça despenteada, ao ver entrar o benfeitor, não lhe agradeceu as esmolas com palavras ociosas — arrastou se para ele de joelhos, e agarrando-lhe nas mãos beijou-as com devota sofreguidão.

Passados tempos o tio Sebastião esquecera-se daquele episódio, e nem sequer reparou que a melhor cantadeira do lugar, que inquestionavelmente era a Carlota, deixava de cantar todas as vezes que ele passava por uma certa azinhaga...

Se ele voltasse o rosto veria no meio das ervas altas e húmidas, ou em cima dos castanheiros folhudos e entrelaçados de pâmpanos, um vulto de mulher voltado para ele, a devora-lo com a vista, a segui-lo, a banha-lo na luz cariciosa de um longo olhar enamorado.

Não deu por tal o tio Sebastião; Joana, porém, que era amiga de Carlota, adivinhou o segredo, e o resultado sabe-o

o leitor.

****

Três anos depois do casamento o tio Sebastião enviuvara.

Ficou-lhe um filho, uma criancinha loura e adorável, o vivo retrato da mãe.

O lavrador concentrava no pequeno, todos os afetos, amava-o até à insânia.

O rapaz cresceu rodeado de caricias, de mimos e de ternos cuidados.

Não havia vontade que se lhe não fizesse. Era um pequeno rei despótico a cuja voz o pai e a velha Joana se curvavam com cega obediência.

Ao completar seis anos, por-conselho do prior, começou o pequeno a estudar as primeiras letras com o professor régio da freguesia.

— Temos homem, dizia o prior ao velho; o rapaz vai bem, estuda e aprende com facilidade.

— Quando me lembro que posso morrer sem o ouvir cantar a missa nova, parece-me que estalo de pena.

— Ó senhor prior, o meu rapaz dava ou não dava um padre de mão cheia?

Era para padre que o velho destinava o filho, sonhava todas as noites com a sua primeira missa, via-o com as Vestimentas engomadas e duras do sacerdócio, à frente do altar da igreja da freguesia, no meio de nuvens de incenso, enquanto os padres cantarolavam ao som plangente e arrastado do órgão, e os sinos tangiam alegres repiques, e subiam ao ar as girandolas de foguetes impregnando de um espesso cheiro de pólvora o adro enramilhetado de murtas...

Pronto nas primeiras letras, foi o pequeno Sebastião para Braga onde se matriculou no liceu.

Neste entrementes chegou do Brasil o irmão de Carlota. Foi à aldeia natal, procurou os parentes, e soube que todos tinham falecido, restando-lhe tão somente um sobrinho.

O brasileiro era solteiro, e doente; não vinha milionário, mas tinha mais do que o suficiente para dar uma bonita carreira ao estudante.

— Olhe, mano, disse ao cunhado, deixe isso ao meu cuidado, eu me encarrego do menino. O bem que desejava fazer aos meus pais, que infelizmente não encontrei, hei de reverte-lo em favor do meu sobrinho.

Uma condição exijo: não quero que o rapaz se ordene. Quero dizer, se isso for da sua vontade, dele, não me oponho, mas deixemos o tempo ao tempo. Cá a minha opinião é que ele deve estudar medicina. Os médicos ganham muito dinheiro em toda a parte, e no Brasil sobretudo, onde o mais reles tem carruagem. Está por isto? O rapaz quando acabar os estudos em Braga vai para Coimbra?

O tio Sebastião custou a descer daquele sonho em que andara tantos anos embevecido. Mas por fim cedeu.

O brasileiro demorou-se alguns anos ainda em Portugal. A quebra, porém, de uma casa importante do Rio chamou-o ao Brasil, para onde partiu deixando ao sobrinho, que até

então se tinha portado com singular e exemplaríssimo discernimento, ordem franca para receber tudo que lhe fosse preciso numa das casas mais acreditadas do Porto.

****

Um dos estudantes que mais dinheiro gastava em Coimbra por aqueles tempos era Sebastião Alves, a quem a convivência com os rapazes oriundos das mais nobres famílias de Portugal empavonara e envaidecera extremamente.

No seu quarto, que ele adornara com excessivo e inaudito luxo para um estudante, reuniam-se todos os que sobressaiam em Coimbra pela fidalguia, pela força, e pela estroinice.

Sebastião, entrou a ser explorado; pediam-lhe dinheiro que nunca era restituído, vestiam-lhe o fato, calçavam-lhe as botas, e comiam-lhe ceias abundantes e regadas de vinhos caros.

Com aquela vida era incompatível o estudo e a reflexão. Deixou de ir ás aulas. Enganava o tio e o pai, enviando-lhes certidões falsas dos actos que nunca fizera.

Havia dois anos já que não ia à aldeia, cujo viver lhe aborrecia e se lhe figurava mesquinho e chato.

Quando os estudantes partiam para férias, contentes e alegres para os abraços da família, Sebastião Alves deixava também Coimbra, percorria as praias, ia ao Porto, a Cintra, ao Bussaco.

Aquela vida inútil e vadia era de vez em quando remordida pelo remorso, todas as vezes que o vadio recebia as cartas do pai, que, apesar de não terem ortografia, e de serem escritas com uma letra grotesca e pesada, lhe avivavam o entranhado amor com que ele era querido por aquele amantíssimo coração de velho.

****

O brasileiro voltara a Portugal. Em Santa Apolónia comprou bilhete para Coimbra, mas adormecendo profundamente só acordou quando ouviu um empregado gritar: Granja!

— É o mesmo, disse consigo. Até é melhor. Fico no Porto, e escrevo ao Sebastião que venha ter comigo se quer ir ver o filho a Coimbra.

Escreveu. Se o tio Sebastião queria ir a Coimbra! Nisso pensava ele há semanas, porque já não podia com as saudades.

— Já cá estão dois carros e uns pozinhos, dizia ele, se não fosse isto, quem ia ver o rapaz era o filho da minha mãe...

O convite do cunhado alvoroçara-o de alegria e de desusado contentamento. Ria alto, andava radiante, cantava:

Á uma hora nasci,

Ás duas fui batizado,

Ás três andava de amores,

Ás quatro estava casado.

— Queres tu vir daí, Joana? Dizia ele para a criada que lhe arranjava a mala.

E verdade, ó Joana, não te lembras assim de uma coisa que o estudante goste? Uma coisa bonita...

A criada que era gulosa, lembrava-lhe marmelada, doce de ginja, pêras de calda...

— Upa! Coisa melhor...

— Quer saber? — disse a velha, com os olhos acesos de quem achou um tesouro, e a mim que me não lembrou logo! Eu cá se fosse o senhor Sebastião comprava uma medalha de ouro como a que o Sr. morgado traz no cordão do relógio; metia-lhe dentro o retrato da falecida, e levava isso ao menino que há de ficar no céu ao ver a mãezinha que Deus lhe levou.

O tio Sebastião aprovou a ideia. O retrato foi tirado da parede, tinha sido feito em Braga, logo nos primeiros tempos do casamento. Representava Carlota vestida com

uma saia de seda preta, lustrosa, cheia de vincos, com grossas arrecadas, e uns enormes grilhões no peito largo e aflante, os pés nus numas chinelas bicudas de verniz. Na mão direita tinha um lenço cheio de bordados, tufado. A esquerda descansava nas costas de uma cadeira, e os grossos dedos dessa mão pendiam para a palhinha, lãzudos, reluzentes de anéis. Nos olhos de Carlota havia o espanto de quem vê bruxaria, uma espécie de pavor disfarçado.

O lavrador pegou no retrato, e esteve a olhar para a mulher. Não chorou, nem teve saudades, estava absorvido por um sentimento superior.

—O Joana, mas o retrato é grande e a medalha pequena. Eu não tenho alma de degolar o retrato...

A criada riu-se.

— Pois leve o retrato e a medalha ao menino, e ele lá que o mande arranjar...

Na manhã seguinte almoçava o tio Sebastião com o cunhado, e partia nessa mesma tarde para Coimbra, onde chegaram de noite. O brasileiro, cheio de cansaço,

adoentado, propôs que se adiasse a visita ao estudante para o outro dia. Que eram horas dele estar a estudar; que não era bom distrai-lo das suas obrigações. O tio Sebastião, porém, não se convenceu. Disse que iria só, que não podia esperar, que não dormiria bem sem dar um abraço no filho. Partiram ambos.

Os viajantes bateram à porta da casa de Sebastião Alves, maravilhados de verem as janelas abertas e a casa completamente ás escuras. Ninguém lhes respondeu.

Bateram de novo.

Uma vizinha com a sua voz fina e cantada perguntou o que desejavam, e explicou que o Sr. Sebastião Alves tinha ido cear com uns amigos a uma hospedaria da baixa.

Perguntou o brasileiro onde era essa hospedaria, e para li se encaminhou com o ansioso companheiro, que ao vê-lo meditativo resmungava como que para atenuar a extravagancia:

— Rapazes um dia não são dias.

As ruas da alta estavam solenemente silenciosas, os transeuntes eram raros.

Ao passarem por uma casa, cujo primeiro andar tinha as janelas abertas, viram um estudante com a cabeça encostada ás mãos, absorvido e com os olhos nuns livros...

— Aquele também é rapaz, disse o brasileiro com gesto sentencioso, mas faz a sua obrigação. Quem vem para aqui é para estudar...

Ao subirem as escadas da hospedaria ouviram um grande rumor, vivas, e hurrahs frenéticos e entusiásticos; os criados açodados, vermelhos, passavam com largas travessas fumegantes...

— Desejamos saber, disse o brasileiro a um dos criados, se o Sr. Sebastião Alves está aqui.

— Está, sim senhor, se lhe querem falar, vou dar-lhe parte...

O brasileiro tirou meia coroa da bolsa de prata, e dando-a ao criado continuou:

— Não queremos perturbar o Sr. Sebastião, falar-lhe-emos depois. O que desejamos é um quarto onde possamos esperar até que finde a ceia. Faça o favor de lhe não revelar

que estamos aqui, é uma surpresa que queremos fazer ao estudante; e sorriu contrafeito.

O criado conduziu-os a uma sala, separada daquela em que os estudantes ceavam simplesmente por uma porta.

O tio Sebastião tinha o coração aos pulos dentro do peito.

— Eu vou lá; dizia baixo com a voz tremula, quero vê-lo.

O cunhado conteve-o.

— Espreite pelo buraco dessa fechadura que já o vê.

O velho curvou-se e olhou.

— Lá está ele! Lá o vejo. Está mais magro... aquilo talvez seja do estudo. Coitado! Mas que chibante que ele anda! Os outros ao pé dele parecem uns pobretões! Um até tem a veste toda rota e cheia de nodoas. Aquilo que eles trazem é assim a modo de batina de padre... pois não é? Espera, ó mano! lá vai o meu filho levantar-se. O meu rico filho da minha alma!

Sebastião levantara-se de facto para fazer um brinde.

Tinham bebido à saúde das mulheres, do amor, da glória, do talento...

Sebastião, um tanto inflamado de repetidas libações, fez uma saúde a um velho que estava sentado à mesa, um pouco distanciado do grupo dos estudantes.

O brinde foi estrepitosamente vitoriado.

O velho agradeceu nestes termos:

«Muito obrigado, meus senhores! Reconhecido pela deferência com que me honram, consintam que beba à saúde do pai do cavalheiro que me brindou.

O brasileiro disse:

— Tome, mano! aquilo é consigo!

— Mas eu vou lá, vou dar um abraço naquele honrado homem que se lembrou de mim…

Os estudantes ergueram os copos.

— À saúde do teu pai, clamaram.

— Que infelizmente está longe, disse comovido pelo vinho Sebastião Alves.

— Longe! qual longe, nem meio longe, tartamudeou o tio Sebastião, e ia para lançar-se pelo corredor fora, quando o

brasileiro de novo o reteve.

— Espere homem! o rapaz talvez fique envergonhado se lhe aparecermos assim de repente.

— É verdade, meus senhores, disse um dos da roda, um que passava por orador e que gostava de fazer estilo.

«O pai de Sebastião está longe, vive em plagas distantes, em terra de Santa Cruz nesse país ubérrimo, monstruoso, gigante, que se chama o Brasil, e onde os nossos recebem uma hospitalidade tão franca e tão generosa. Brindando ao pai de Sebastião, brindo aos nossos irmãos de além-mar.

— O que diz ele? resmungou o tio Sebastião, que eu estou no Brasil? Não é má!... e atabafava o riso.

O brasileiro compreendeu tudo e murmurou: canalha!...

Um dos rapazes que fora condiscípulo de Sebastião em Braga, voltando-se para este, disse:

— E verdade, ó Sebastião, aquele velhinho que uma vez te acompanhou à mala posta, e que eu vi a chorar como uma criança na rua da Cónega quando se despediu de ti, era o teu avô? Muito gostei eu do velhinho. Parece que o

estou a ver a acenar-te com o lenço, correndo com as suas pernas trôpegas e cansadas atrás da carruagem, a dizer: O Senhor vá na tua companhia!

Sebastião avincou o rosto, um rubor súbito incendiou-lhe as faces, e partindo uma noz, respondeu:

— Esse velho era caseiro de uma quinta que o meu pai comprou quando esteve ultimamente em Portugal.

O tio Sebastião voltou-se para o brasileiro. Estava lívido, tinha os lábios apertadamente unidos, os olhos injetados de sangue. Esteve um segundo, com os olhos fitos nos do cunhado, sem poder articular uma palavra, bamboleando a cabeça, respirando ofegantemente pelas narinas palpitantes e dilatadas; depois caiu nos braços do cunhado e rompeu num soluçar dilacerante e pungitivo:

— Ingrato! ingrato!

****

Quando o tio Sebastião chegou à sua aldeia, vinha pálido, desfeito, parecia desenterrado.

A velha Joana assustada perguntou-lhe:

— Que foi? que foi? E o menino?

— Morreu!

O ANEL DO DIPLOMATA

— Parecia que vendia saúde... tão forte que era!...

— É verdade! quem o havia de dizer!

— Era uma criança ainda, pouco mais tinha de setenta anos, disse outro que, pela figura e pelo andar trôpego e vacilante, denotava ter os seus oitenta, bem puxados.

— E olhe que era um bom homem! Você não viu como a filha chorava quando o pusemos em cima da cama? Cortava o coração, coitadita!

— E honradinho! Eu sei cá! Poucos se topam por aí com tão bons sentimentos e com cara tão limpa...

— Lá isso!...

— Não, que quem saí aos seus não degenera!

— Era muito amigo da pobreza! tartamudeou uma velha.

— Ó Cristo! era o pai da pobreza, é o que vossemecê deve dizer, tia Joaquina.

— E depois olhe que era o melhor letrado destas oito léguas em redondo.

— Aquilo era um selvagem...

Assim falavam alguns indivíduos pertencentes a diversas categorias da pequena sociedade da vila de X...., descendo as escadas da casa do advogado Vasconcelos que caíra mortalmente fulminado por uma congestão cerebral, no momento em que defendia calorosamente um individuo que numa alucinação brutal de ciúme assassinara a mulher e dois filhitos.

****

O advogado Vasconcelos morrera pobre, sorte de todos os causídicos de província, que logram vencer, quando muito, por mês, o que qualquer dos colegas de Lisboa e Porto dá aos seus agaloados trintenários.

Filho segundo de uma casa de bom nome na província do Minho, cursava cânones e leis na Universidade, no ano de 1828, emigrando nesse mesmo ano, e vindo terminar o curso mais tarde, depois de ter defendido a causa da liberdade, de parceria com outros condiscípulos, que tão assinaladamente se distinguiram depois na política, nas armas e nas letras.

Depois de formado, recolheu-se à sua vila natal, e não podendo contar com a mesada que o seu irmão lhe arbitrara, visto que os rendimentos da casa mal chegavam para a alimentação e sustento do primogénito, abriu banca de advogado, dependurando de um dos lados da estante de pinho, encimada pela pasta verde e encarnada de quintanista, a lata com os seus pergaminhos de bacharel *in utroque*, e de outro lado a farda impregnada da pólvora de vinte combates e varada pelas balas dos servidores d'el-rei nosso senhor, no cerco do Porto.

A formosa irlandesa que o acompanhara no exilio, e que lhe foi denodada companheira nas ásperas provações da vida, morreu-lhe pouco tempo depois, deixando-lhe dois filhos, um rapaz e uma menina.

Tanto um como outro eram educados com solicitude e esmero, que para a educação dos dois não se forrava aquele pai amantíssimo nem a despesas nem a trabalhos.

O rapaz foi para Coimbra, e a menina para o convento das Salésias em Lisboa, de onde recolheu quando o irmão entrava para o primeiro ano jurídico.

— E preciso estudar, António, olha que se eu não tivesse aquelas cartas, tinha de andar a cavar nas hortas do meu irmão, ou de esmolar nas escadas ignóbeis das secretarias um lugar de porteiro ou de amanuense, e isto ainda assim, apresentando como documento dos meus serviços aquela farda.

Não eram necessários estes conselhos. António de Vasconcelos foi sempre um sisudo rapaz, estudioso, o que não quer dizer que aquela mocidade fosse bisonha e avessa ás ridentes alegrias dos vinte anos.

Pobre da árvore que ao sorrir da primavera se não estreleja de flores, e em cujos ramos folhudos e a reverem seiva não cantam as toutinegras e não assobiam os melros!

****

Recolhia-se à sua casa, em Coimbra, o rapaz estudante, alegre e contente de si por ter correspondido bizarramente, numa sabatina, ao alto conceito em que o curso o tinha, quando lhe entregaram uma parte telegráfica.

Rasgou alvoroçadamente o sobrescrito, leu e empalideceu horrivelmente.

— Meu querido pai! murmurou, e curvado sobre a sua mesa de estudo deixou cair a cabeça nos punhos fechados. Pobre pai! pobre pai! que me não chegou a ver bacharel!

Na manhã do dia seguinte entrava por casa dentro, ao passo que descia as escadas o caixão em que vinha metido o pai.

Quiseram-no afastar, esconder-lhe aquele espetáculo lutuoso, mas ele resistiu, e abraçado ao cadáver do pai chorava como choram os que de repente sentem que o braço amorável que os guiava nesta vida enfraquece e esfria para sempre, deixando-os na mais desconsolada e álgida das solidões.

Amparado nos braços de um amigo da infância, entrou no aposento em que a irmã pálida e desfeita expedia gritos clamorosos e histéricos.

— Sozinha, repetia a misera, sozinha!

— E eu, minha querida Francisca? Não te lembraste do teu irmão? disse o rapaz engolindo as lagrimas, e fazendo-se forte para dar coragem à desgraçada menina.

Assim no alto mar quando o temporal arrepia e enovela as ondas, e o velame bate nos mastros com o ruido molhado das azas de uma ave que se afoga, e a marinhagem assustada grita e pragueja perante a morte próxima e inevitável, o capitão que tem filhos e esposa, longe numa pequena aldeia à beira-mar, dá ordens com voz tranquila, e comanda a manobra com a serenidade de quem vê perto as águas quietas e espelhadas do ancoradouro.

****

Volvidos alguns dias, desceu o estudante ao escritório. Examinou as gavetas e os móveis, a ver se o pai tinha feito as suas últimas disposições. Não encontrou senão minutas, autos, libelos em princípio, considerações jurídicas.

— Parece-me que o estou vendo! A última vez que o vi, estava aqui sentado e perguntou-me a rir se eu sabia o que era um libelo!—disse o rapaz para a irmã, que o acompanhava. — Respondi-lhe, e ele disse:

— Cáspite! Pois olha, que quando deixei Coimbra não o sabia. A minha universidade foi esta banca. Aqui é que se aprende, deixa lá! E depois tu verás!

Mal sabia ele que eu nunca havia de ver isso...

— E porquê, António?

— Porquê? porque estamos pobríssimos. O pai morreu honrado, mas sem recursos. O que nos resta, filha, são umas cinquenta moedas, que a nossa velha Joana juntou com as soldadas ganhas no serviço da casa dos nossos avós, e nesta... casa que é hoje dela, porque é ela que nos tem sustentado desde que nos faltou o nosso querido amigo...

Bateram neste momento à porta do escritório, António de Vasconcelos foi abrir. Apareceu no limiar da porta um lavrador que disse, desbarretando-se:

— Queria dar uma palavra ao Sr. doutor.. .

— O meu pai faleceu esta semana...

— O quê! E eu que o vi ainda há dias tão forte e rijo! Em nome do Padre e do Filho... É o que nós somos neste mundo. .. Que Deus o tenha na sua glória, que era um homem ás direitas... Então queira perdoar.

E saiu enquanto os dois com os olhares atados um no outro, perguntavam naquela muda linguagem, o que seria deles desamparados e sós naquele temporal, que tão a súbitas lhes escurecera o azul sereno da vida.

****

Alguns amigos do advogado e um pároco daquelas circunvizinhanças, reunidos num sagrado pensamento, ajustaram entre si dar uma mensalidade a António de

Vasconcelos, que a rogos da irmã aceitou aqueles adiantamentos como uma divida que satisfaria mais tarde.

Temos o nosso estudante formado e pronto. Logo que se viu senhor dos títulos alcançados pelo seu estudo e aplicação, foi à vila natal agradecer aos que o tinham tão evangelicamente amparado, e, por conselhos de um condiscípulo, dirigiu-se a Lisboa, onde fixou residência, e entrou a frequentar o escritório de um dos advogados de mais renome no foro da capital.

Ir para a província trabalhar como um mouro, estudar como um benedictino; para quê? O resultado conhecera-o ele, que o exemplo lhe fora mais que manifesto na própria família. Em Lisboa encontraria campo mais dilatado onde desafogar as suas altas aspirações.

O pior seria o primeiro ano e ainda o segundo, mas depois acudiriam os clientes, e o seu nome adquiriria a gloriosa reputação com que outros de menos talento se ufanavam.

— Ao princípio, Francisca, dizia o rapaz doutor, não correrá tudo à medida dos nossos desejos, mas tu hás de ter muita coragem, não é assim? Quando eu entrar em

casa, e vir um sorriso na tua boca, verás como me lanço ao trabalho com vontade e com intrepidez...

Pobre criança!

****

Naquela época chegara a Lisboa um indivíduo que fora o mais perdulário dos leões da Lisboa de há trinta anos, e que presentemente ocupava um elevado lugar diplomático numa corte estrangeira.

Contavam-se deste homem excentricidades que fariam morrer de inveja o mais fastiento e esplenético dos lords. Batera-se vinte vezes e por motivos diversos, por questões de jogo, por questões de mulheres, e por questões de política.

Espirituoso, valente e rico, passou pelo mais bem acabado produto do seu tempo e do seu meio.

Agora velho mas sempre original e taful, era estimado por todos, querido nas salas, temido ainda na imprensa e

respeitado pelos políticos a quem asseteava com o acre azedume de quem já mourejou nos bastidores da política, e lhes conhece bem os fumosos mistérios.

Estava António de Vasconcelos no Chiado, conversando com um condiscípulo, quando o diplomata se apeou de um trem, e se deteve a conversar alguns instantes com umas senhoras que iam passando.

— Sabes quem é aquele sujeito? perguntou-lhe o condiscípulo.

— Não.

— É Jorge de Alvim. O velho mais rapaz que passeia nesta cidade sorumbática e sorna...

— Esse nome não me é estranho. Foi condiscípulo do meu pai que o estimava e tinha em grande conta, e até se me não engano, queimei uma larga correspondência travada entre aquele homem e o meu pai. A ele pessoalmente não conhecia, mas é simpático.

—E homem de grande influência politica.

Neste momento o cavalheiro F. e o ministro L. que passavam, acercaram-se do diplomata e demoraram-se com ele em palestra em que pareciam enlevados.

— Repara tu como eles o tratam! concluiu o condiscípulo de Vasconcelos ao dar-lhe o aperto de mão de despedida.

****

— Sempre me decido, Francisca.

— Pois vai, António, vai que não desonra pedir trabalho e proteção...

— Receber-me-á ele bem?

— Quem te não há de receber bem, tolo? vai que eu fico a pedir a Deus por ti!

António de Vasconcelos foi e falou com o velho amigo do seu pai, Jorge Alvim. Contou lhe toda a sua vida trabalhosa, as lutas obscuras, as misérias que afrontara, descreveu-lhe a nua e triste água-furtada em que viviam, ele e a irmã, as

longas e plúmbeas noites mal dormidas, a costura mal remunerada, a dureza dos senhorios.

E no gabinete cheio de conforto e de luxo aquelas palavras tristes, desesperadas e expirantes soavam lugubremente como um grito de agonia nas alegrias de um noivado...

— V. exa não sabia de uma coisa que lhe vou agora dizer. O seu pai salvou-me da morte uma vez no cerco do Porto, eu salvá-lo-ei custe o que custar das... garras da...

— Miséria, disse o rapaz com o rosto ligeiramente carminado.

— Pois seja assim) Começaremos a combater o monstro hoje mesmo. Para isso é preciso que V. Exa. envergue as armas próprias para combates (Testa ordem. Em vez do arnês, do broquel, das caneleiras e do elmo, aconselho-lhe que se vista com elegância igual à sua gentileza, porque vai combater a fera no salão da mais elegante senhora de Lisboa, e perante a presença das nossas mais acentuadas celebridades politicas e literárias. Até logo, não é assim? disse o velho estendendo com uma graça adorável a mão a

António de Vasconcelos que desceu as escadas enceradas com o coração cheio de sol e de alegria.

****

— Não estejas triste, a casaca fica-te bem, não está muito nova, mas ninguém repara. Põe este botão de rosa na casa. E bonito. Aves mesmo um taful — dizia a irmã de António de Vasconcelos recuando e examinando amoravelmente o rapaz.

Depois, com um gesto impregnado de um misto singular de proteção e de doce autoridade, continuou:

— Proíbo-te que estejas com essa cara desconsolada. Digo-te eu que és o mais bonito que lá aparece. Depois mo contarás.

E conversando e rindo num abandono divino e infantil, aqueles dois camaradas na adversidade, edificavam castelos de ventura, esquecidos de que o padeiro naquele dia recusara fiar-lhes mais pão. Oh mocidade!

****

Jorge de Alvim naquele dia parecia exceder-se a si próprio, tão brilhantes eram as suas respostas, tão finas as suas ironias, tão cheias de sal as anedotas com que encantava os conselheiros, ministros e jornalistas que estavam à mesa da elegante condessa de X....

Falou-se em diamantes. Jorge de Alvim desde logo entrou a historiar casos e anedotas a tal respeito. Narrou as aventuras de diamantes que se tornaram celebres pelas peregrinações cm que andaram, e assim precisou com uma erudição graciosa a história do Saney, diamante que foi de Carlos o Temerário, e que das mãos deste passou para as de um Duque de Florença e depois para o poder do Prior do Crato, que o empenhou ao entendente das finanças em França, Harley de Sancy, de onde lhe proveio o nome.

— Ainda aqui não pára, minhas senhoras, a odisseia desta pedra. Harley de Sancy quando Henrique IV de França antes de ser reconhecido se achou em grandes

apuros de dinheiro, mandou vender esse diamante aos judeus de Metz. O homem encarregado de tão preciosa missão, caindo nas mãos de uma quadrilha de bandidos, e receando que lhe roubassem o tesouro que levava, engolira a pedra...

— Ora essa! disse a dona da casa.

— Verdade pura, minha senhora. O cadáver foi descoberto passados tempos no bosque de Dôls, e aberto o ventre, acharam o diamante que foi vendido a Jacques I de Inglaterra, de cujo poder passou para o de Luiz XIV.

— E depois? disse uma das senhoras. Não pode parar aí esse longo peregrinar de que V. Exa. está sendo um Fernão Mendes.. .

— Minto.. pois seja assim. O que posso afiançar a V. Exa. é que esta pedra, depois de várias e encontradas vicissitudes acabou por onde acabou a esposa de Menelau... Foi roubada, e hoje pára nas mãos dos Russos.

— Justamente o que mais dia, menos dia sucederá ao seu magnífico anel, Sr. Jorge de Alvim, disse a mesma

interruptora, dardejando um olhar guloso e felino à pedra do anel...

— E é verdade que é lindíssimo e de apetite o seu anel; deixa-mo ver, Sr. Alvim? disse uma das senhoras que estava ao lado de António de Vasconcelos.

O anel foi passando de mão em mão crivado de admirações e de quentes cobiças...

A conversação tomara outro rumo; era o momento dos toasts, e então Alvim explicou uma usança que lá fora estava agora muito em moda nos jantares da alta vida, a taça da amizade.

Ia a descrever este costume elegante quando a senhora que estava à esquerda de Vasconcelos soltou um grito.

— Ah!

— Que foi? O que foi? repetiram em roda.

— Tinha aqui o anel e desapareceu-me!

Levantaram-se pratos, arredaram-se cadeiras, houve várias conjeturas.

— Estaria aqui? talvez estivesse ali...

E sempre debalde.

Ergueram-se todos, sem cerimónia turbulentamente, como da mesa de um hotel...

O anel não aparecia.

Um dos convivas, celebre no foro, começou a examinar o rosto de cada criado, como quem tenta descobrir o autor de um crime.

— Uma joia tão rica!

— Não está ali por menos de duzentas libras, afirmou um banqueiro.

— Ora, pelo amor de Deus, meus senhores, disse o velho casquilho. O meu anel que julgo não tem ainda por agora aventuras, ouvindo as minhas narrativas de há pouco encheu-se de preceitos, e quis provar aos incrédulos que também lhe estão reservados altos destinos... Vou propor a V. Exa. uma coisa que lhes parecerá excêntrica, mas que me relevarão, já que em Lisboa passo por um ser singular e extraordinário. Aí vai a singular excentricidade que me passou pela cabeça: ao sair desta sala hão de todos deixar-se revistar pelos donos da casa. Rejeitam ou aprovam?

Ouvindo aquela proposta esquisita e quase que ofensiva, alguns sorriram, indignaram se outros, franzindo os sobrolhos, e um pesado silêncio constrangido caiu naquela sala há pouco tão sonora de vozes, de risos e do fino tilintar da prata e dos cristais.

— Peço perdão, mas oponho-me e rejeito essa proposta!

Quem assim falava era António de Vasconcelos. Estava pálido como a morte, tentava sorrir, mas os dentes cerravam-se-lhe nervosamente, e os cabelos empastavam-se-lhe na testa gotejando suor.

— Seria ele? disse a dona da casa baixo, e fitando-o tristemente.

E toda a gente que o ouvira como que por instinto afastou-se do pobre rapaz.

Podia ser, que fosse ele. Era pobre, pois não viam isso claramente?

Os olhos de todas as mulheres que ali estavam começaram então desapiedadamente a analisa-lo por miúdo, e passavam-lhe em revista a casaca coçada, a pouca finura da

camisa, a gravata branca ligeiramente encardida, as joelheiras luzidias das calças pretas.

— E não é feio rapaz!

— Pois sim, mas Lacenaire também não era feio, disse outra menos caridosa e mais letrada.

António de Vasconcelos aproximou-se de Jorge de Alvim, e baixo com voz concentrada disse-lhe:

— Uma palavra, Sr. Alvim, desejo dar-lhe uma palavra...

— É melhor mais tarde... depois... replicou desdenhosamente Jorge de Alvim.

Repararam todos na insistência de António de Vasconcelos, e as suspeitas mais e mais se enraizaram no espirito dos convivas.

O pobre rapaz, que conhecia a falsa posição em que se colocara com a sua frase, sentia-se humilhado e como que vendido naquele meio.

Os próprios criados olhavam-no com manifesto desprezo.

Vasconcelos disse ainda ao diplomata:

— Sr. Jorge de Alvim, pela ultima vez, quer ouvir-me?

— Homem, já sei; é pobre, teve uma fascinação, já li isso não sei aonde... Ah! já sei... num conto de Balzac.. .

E voltou-lhe as costas.

Nesse instante uma voz entaramelada e rouca ecoou na sala:

— Peço que me escutem! como sou o único pobre que aqui está, e como todas as circunstâncias são no meu desfavor, podem julgar que fui eu que roubei esse anel. Se não consenti na proposta feita pelo Sr. Jorge de Alvim,,— e na palidez do seu rosto destacavam-se duas rosas de pejo, —foi porque, se me revistassem, encontravam-me no bolso isto que eu furtei para levar à minha irmã que não come desde ontem... disse o mancebo tirando da algibeira um pão.

****

Houve um grande e profundo silêncio angustioso. A condessa foi a primeira a rompe-lo adiantando se para Vasconcelos.

— Pobre rapaz!...

E com o movimento que fez, um objeto brilhante faiscou nas franjas do seu vestido.

— Permita-me V. Exa., condessa, disse o banqueiro abaixando-se e desprendendo das franjas o objeto que reluzia e chispava: aqui está o anel.

****

António de Vasconcelos ocupa hoje com geral aplauso e com grandes créditos o lugar de secretário, na embaixada de que é ministro seu amigo e cunhado Jorge de Alvim.

A ESCOLHA DE GASTÃO

Fez verdadeiramente o que se chama escândalo, em todas as salas da alta roda, o casamento do filho do visconde das Lagoas.

O visconde, cujo nome primitivo era João do Moinho Novo, e que depois não sei porque artes se apelidava João Silveira, fora para o Brasil muito novo, creio que com dezoito anos, e voltara de lá com cinquenta e archi-milionário.

Rosnava-se muito acerca das origens desta nebulosa e extraordinária fortuna.

Uns falavam de escravatura, alguns de contrabando, todos de negócios pouco lisos e poucos lícitos. No fim de contas, porém, o principal é que uma pessoa seja muito rica.

Lá o como e porquê são questões secundarias, com que se preocupam muito os invejosos, e um pouco os escrupulosos.

O resto das pessoas, e já se vê que são muitas, essas nem para aí voltam os olhos.

Acham este esmiuçar impertinente das vidas alheias além de enfadonho pouco aristocrático.

O visconde passava o verão na província do Minho, numa povoação perto de Viana, onde comprara um velho palácio, cuja frontaria enegrecida ele mandara cuidadosamente caiar.

O portão do palácio era encimado pelo brasão darmas da família arruinada a que pertencera. O visconde, que não quisera conservar mais nada intacto, teve a caridosa lembrança de o conservar a ele.

Mandou-o limpar das ervas e dos musgos daninhos que se tinham introduzido entre as fisgas da pedra, e dos ninhos que a fantasia errante das andorinhas ali armara no estio.

Depois de limpo pareceu-lhe um ornato simpático e nada contraditório com os seus gostos plebeus, e deixou-o ali ficar, com tenção firme de o cobrir de crepe, no caso de lhe morrer algum dos seus.

Foi depois disto que se decidiu a pedir ou por outra a comprar, dos poderes públicos complacentes o seu título de visconde.

O mais modificou-o e transformou-o à sua vontade.

Detestava as ruínas por instinto.

As vastas salas apaineladas e forradas de custosos panos de Arrás, mandou-as estucar à moderna, de cores claras e alegres, vendendo a um amador de curiosas velharias, — o mais caro que pôde, já se entende — aquelas colgaduras enegrecidas e esfiadas, cujo mérito não tinha nunca logrado perceber.

Vendeu igualmente a velha mobília, que punha como que um perfume de grandeza extinta no arruinado casarão, as credencias marchetadas, os tremós de espelho partido ao meio, e em cuja moldura dançavam estranhas figurinhas, as cadeiras abaciais de couro e pregaria amarela, os cofres de pau santo, os tamboretes de carvalho, as relíquias de um mundo que desabara.

Os domínios do visconde depois de transfigurados pelo seu opulento proprietário perderam aquele aspeto desolador,

saudoso e melancólico que os recomendava aos artistas e aos... morcegos.

Ninguém por mais fantasioso e poeta que fosse, seria capaz de evocar na sombra dos longos corredores claustrais, uma daquelas figuras que são a graça misteriosa do passado.

Uma castelã pálida e esguia, sustendo nas suas mãos de marfim o missal de ricas iluminuras... Um pajem louro e namorado, embevecido no sonho de longínquas aventuras e de impossíveis amores. .. Um vulto de abade austero e glacial, trazendo para o meio do mundo a gélida mortalha da sua piedade monástica...

Nenhuma dessas visões podia agora evocar-se.

Foram derrubadas as árvores silvestres cuja sombra envolvia o palácio numa austera solidão; arrancaram-se as heras possantes que cobriam com o manto vigoroso da sua folhagem verdenegra os muros gastos e esburacados; calçaram e ladrilharam os pátios por onde a erva crescia indomada e livre, e onde fontes enormes choravam dia e noite com uma triste e sonolenta melopeia.

Um jardineiro inglês veio de propósito cortar as moitas de buxo espesso do jardim, onde umas estátuas de pedras mutiladas e musgosas pareciam ainda relembrar no desamparo da sua nudez friorenta, uma vida inteira que o passado abismara.

Aquela desolação das ruinas e aquele indómito luxo da natureza entregue a si, foram substituídos por todas as graças e coquetismos da moderna jardinagem.

Uma estufa de plantas raras, de estranho colorido, de formas fantásticas e inquietadoras, de cheiro irritante e acre; tabuleiros de *gazon* de uma frescura esmeraldina, camélias, rosas, trepadeiras floridas, tudo que as tiranias da arte tem misturado nas liberdades da Natureza.

O visconde depois de haver-se rodeado de tudo que pode tornar aos ricos a vida não só aprazível o que é pouco, mas invejável o que é muitíssimo, começou a granjear relações, e a receber com bizarra hospitalidade os amigos que durante o inverno adquiria nas salas da capital.

Em Lisboa não era menos rica, nem menos confortável, a habitação do milionário.

Vastos salões ricamente mobilados, equipagens de alto estilo, criadagem insolente e ociosa, escadarias alcatifadas, bailes e ceias onde toda a corte concorria tão cheia de curiosidade como de gulodice, jantares aos quais eram convidados os ministros, os titulares, os diplomatas estrangeiros e os funcionários mais influentes, tudo, enfim, que pode dar à vida um aspeto opulento e principesco, tudo que constitui o orgulho supremo dos medíocres e a inveja brutal dos ambiciosos.

De resto o dono da casa era tão pouco conhecido da maioria dos frequentadores das suas festas, que mais de um o tomou pelo criado de si mesmo, e lhe pediu com desdenhosa insolência, o paletó, ou um copo de água.

O visconde enviuvara antes de deixar o Brasil, e os que tinham conhecido a sua mulher, não lamentavam que a pobre senhora fosse dispensada pela Providencia de assistir à espetaculosa *mise-en-scêne* da vida dos que tinham sido seus.

O visconde tivera do seu matrimónio, duas filhas e dois filhos.

Na época em que ele maior ostentação desenvolvia, teriam as meninas dezoito a vinte anos.

Tinham sido educadas em casa, por uma mestra francesa escolhida pelo pai. Vestiam-se da Aline, quando não mandavam vir diretamente de Paris as suas toiletes extraordinárias, e sempre muito além da moda.

Usavam tudo que havia de mais excêntrico. Os chapéus mais pequenos, ou os chapéus de mais largas abas, os vestidos que deixassem ver o pé todo, ou os vestidos cuja cauda roçagante lembrasse um manto de rainha.. . de teatro.

Havia tempos em que usavam na cabeça o cabelo de uma dúzia de mulheres, e outros tempos em que apareciam de repente de cabelo cortado como os rapazes, encaracolado e de risco ao lado.

Timbravam em não se parecer com mais ninguém.

Mas não podiam eximir-se a um defeito especial que as fazia darem muito na vista. Ocupavam-se extremamente de si.

Falavam do seu *boudoir*, das suas toiletes, das meias de seda de três libras ou doze mil réis — as únicas que traziam —, do elegante édredon do seu leito, das finas perfumarias do seu toucador.

Isto fazia rir com riso amarelo as amigas mais intimas, que à frente de gente, costumavam puxar-lhes pela língua.

De resto as filhas do visconde seguiam rigorosamente os preceitos e regras da alta-vida.

Tinham assinatura em S. Carlos, para serem vistas, e frequentavam assiduamente a igreja, para se parecerem com as filhas de condes pálidas e anémicas, cujo luxo superior é a devoção e a caridade, diluídas ambas as coisas em pequeninas práticas de todos os dias.

Sabiam conversar pouco mais ou menos sobre tudo, sendo no fundo de uma crassa ignorância acerca de todas as coisas.

Como dissemos fora francesa a mestra que as dirigira. Dera-lhes o verniz da educação, e mais nada.

De línguas sabiam o bastante para conversarem com os diplomatas; de música, para criticarem o físico das

cantoras; de artes para revelarem a cada instante a negação profunda que tinham para o belo.

Respeitavam e invejavam todas as superioridades sociais; o dinheiro, a fidalguia herdada ou comprada, a posição, as honras, a formosura.

Desprezavam profundamente uma só coisa: a pobreza.

Quando viam alguém pobre, pouca ou nenhuma atenção lhe prestavam; mas se esse alguém tivesse a inaudita ousadia de apresentar uma ideia, uma opinião, um juízo, de contraria-las, de escarnecer alguma das coisas que elas acima de tudo reverenciavam, viam-nas então revelar um pasmo sincero, um espanto que tinha o seu quê de tragicamente ridículo.

Um dia ouviu alguém a uma delas este aforismo extraordinário.

Quem é pobre não tem opinião.

E tinham um modo de levantar a voz, de alçar altivamente a cabeça, de sublinhar vigorosamente as palavras, que mais do que tudo confirmava que elas como pessoas que possuíam duzentos mil réis por mês, só para os seus

alfinetes, não tinham nunca imaginado sequer a possibilidade de não terem razão.

Era uma maneira não menos autoritária, porém menos correta de dizer o que à senhora de Stael disse um dia a duquesa de la Ferté.

Il n’y a que moi, chère amie, qui aie toujours raison.

Aí estão pouco mais ou menos as duas filhas do visconde.

****

O filho mais velho, que partilhara no Brasil os primeiros trabalhos e as primeiras lutas do seu pai, adquirira com a vitória dele, que era também sua, o mesmo ar de ingénua superioridade.

Tinham trazido do Brasil uma fortuna colossal, logo tinham o direito de dominarem onde quer que estivessem.

Toda a gente que frequentava a casa deles, que lhes aturava a impertinencia boçal, confirmava pela sua servil

condescendência esta convicção; porque é que não tinham de a sentir?

O primogénito do visconde ocupava-se muito, com verdadeira alegria do seu pai, de cifras e de operações bancarias; jogava em fundos estrangeiros, tinha a vocação mercantil pronunciadíssima, e nos intervalos que estas ocupações transcendentes lhe deixavam, governava um carro, e mandava correr os seus cavalos.

Estivera em Londres, quando lá fora deixar num colégio o seu irmão mais novo, e voltara com certas aspirações a *gentleeman rider*.

Falava pouco, com ar sacudido, apressado e sentencioso.

Usava suíças e vestia de um alfaiate inglês. Queria ser homem sério, respeitável, homem de peso, e pensava numa candidatura como num pedestal próprio para as suas atitudes.

É no meio desta família admiravelmente feita para a sua época e para a posição que tem, que vamos encontrar Gastão, o ultimo filho do visconde, um fenómeno destinado

a contrariar tudo que se tem dito e escrito sobre a lei da hereditariedade.

Gastão tem vinte e um ano, é Alto, delgado, de uma constituição tão delicada e nervosa, que ao lado das suas irmãs com o seu ar masculino e as suas inflexões duras, ele é que parece a mulher e elas é que parecem os homens.

Dizem os que um dia se atreveram a chasqueá-lo pelo ar tímido e suave que aparenta, que nos seus olhos azuis, de uma expressão triste e sofredora, passou um relâmpago de cólera, pouco tranquilizador para os que abusarem da sua excelente educação.

Gastão da Silveira, chegara há pouco de uma viagem que fizera pela Europa, depois de concluir a sua formatura numa Universidade de Inglaterra.

Da sua família não sabia senão que era rica, e que vivia grandemente, como ele tinha visto viver os opulentos banqueiros ingleses, nas suas deliciosas casas dos arrabaldes da cidade, confortáveis e luxuosas.

Esta informação não lhe faltava porque o seu pai, as suas irmãs e o seu irmão mais velho, nunca se cansavam de lha

repetir em todas as cartas.

Isto porém não bastava a Gastão. O que ele desejaria profundamente, era conhecer a fundo o caracter dos seus, e o que desse caracter lhe revelavam as cartas secas e lacónicas de que falíamos, teimava ele na sua fé juvenil, em não o aceitar como prova ou como manifestação.

Tinha pelos seus amigos e condiscípulos conhecido a vida inglesa em relação à família, fora convidado para passar as ferias, em casa de ricos industriais na companhia de alguns dos seus mais caros colegas de estudo, e poder a conceber um ideal realizável, de paz, de conchego, de conforto domestico, que ansiava encontrar no seio da sua família.

Tinham-lhe dito que o seu pai ganhara pelo trabalho a grande fortuna que possuía, e Gastão habituado a observar a atividade enorme, incansável, persistente, a fecunda atividade inglesa, sentira crescer o amor pelo visconde ao saber a tenacidade com que ele trabalhara.

Inteligente, de uma inteligência fina e delicada, a viagem que fizera desenvolvera-lhe o espirito, e afinara-lhe o gosto.

Voltava cheio de ideias, de factos, de noções práticas, respeitando acima de tudo a inteligência, e a dignidade da vida.

Como homem educado ao contacto da vida inglesa, avaliava o dinheiro mas não como um fim, simplesmente como um meio, o mais enérgico e infalível dos meios para chegar a grandes fins.

No dia em que Gastão conheceu o seu pai e os seus irmãos imaginem a dolorosa surpresa que ele sentiria.

****

No ânimo do visconde e dos seus filhos excitou porém o aparecimento daquele belo rapaz de maneiras distintas, afavelmente dignas, de espirito superiormente cultivado, de conhecimentos científicos excecionalmente desenvolvidos, a mais agradável das impressões.

Um irmão daqueles, um filho de tal maneira elegante e fino, dava-lhes honra, dava-lhes importância e realce. Se fosse

um estranho ter-lhe-iam inveja, mas, enfim, Gastão pertencia-lhes, era deles, a sua graça, a sua superioridade, a sua distinção comunicava-se-lhes, destingia sobre as suas pessoas.

O visconde pensava que no fim de contas o que constituía o especial encanto do tilho, a educação, fora ele quem a comprara muitíssimo cara.

Podia orgulhar-se de Gastão à frente dos estranhos mas queria domina-lo, subordinar as opiniões dele ás suas, mostrar lhe bem claro, que o adorava pelo que ele transmitia a sua vida de elegante e de superior, mas que o considerava um objeto raro adquirido por muito bom preço, e do qual dispunha absolutamente.

As manas, essas não ocultaram no primeiro momento de entusiasmo que a posse de Gastão lhes dava muito mais chic do que a posse do seu coupé novo tirado por dois cavalos ingleses *pur sang* e cujos arreios irrepreensíveis tinham sido louvados pelo embaixador de França.

— Ora tu verás, dizia a mais velha para a outra, que as Pimentas em vendo Gastão ficam de fel e vinagre. Repara

bem para a cara que elas fazem, sobretudo se vierem acompanhadas do mano, daquele Leopoldo, de olhos vesgos, de quem toda gente se ri, e que ainda não acertou a fazer uma conta de somar.

E exibiam o irmão pelas salas das suas amigas, sob pretexto de que não tinham quem as acompanhasse, e repetiam em segredo a todas as pessoas do seu conhecimento:

— Não fazem ideia! O mano Gastão é um poço de ciência. Sabe todas as línguas. Eu creio que ele até sabe sânscrito. O papá gastou imenso, mas que educação que ele lhe deu!.

E por aqui adiante uma ladainha em que se confundiam a *ciência do mano*, os gastos do papá, a inveja que todos tinham de ambos, e a glória que a elas provinha da inveja, dos gastos e da ciência.

Gastão tornara-se o luxo superior da família.

****

Foi por esse tempo que o visconde entendeu que era necessário casar o filho mais novo, visto que o mais velho dissera com desdém supremo que só se atiraria a esse abismo do casamento, quando tivesse completado os seus folgados quarenta anos.

Quando Gastão casar, as pequenas poderão frequentar mais os bailes, os saraus e os passeios.

Eu gosto de receber em casa; não me incomodo com isso, mas lá para andar sempre pelo meio da rua é que não estou. E depois Gastão pode fazer um casamento esplendido. Está nesses casos por todos os motivos.

E foi resolvido em conselho de família, que Gastão tomasse estado.

A casa do visconde das Lagoas tornou-se a mansão de todos os prazeres, como o bom do homem dizia na praça aos seus amigos titulares e merceeiros. Bailes, jantares, *petites sauteries intimes*, concertos, a fortuna!

A leda destas reuniões, que os noticiaristas imortalizavam na secção da alta elegância mundana, chamava-se Clotilde

de Magalhães. O pai ambicionava um título que ainda não tinha podido alcançar dos governos, mas que mediante um avultado donativo a não sei que estabelecimento bafejado pelo favor da corte, lhe fora prometido para muito breve.

O conselheiro Magalhães dissera porém ao seu amigo o visconde das Lagoas, que essa promessa lhe não bastava, que o que ele queria e alcançaria decerto, visto que ao dinheiro nada é impossível, era um título em duas vidas, um título que ele pudesse transmitir à sua filha e portanto ao seu genro.

O visconde ouviu e compreendeu.

Desde esse dia as duas famílias acariciaram como uma esperança lisonjeira, o projeto de enlace entre Clotilde de Magalhães, a filha única desse conselheiro milionário, e Gastão da Silveira, o elegante filho do visconde das Lagoas.

Clotilde tinha vinte e dois anos. Uma esplendida fisionomia peninsular iluminada por um par de olhos negros, dos que atearíam incêndios há trinta anos no seio apaixonado dos tétricos trovadores.

Era inteligente o bastante para ocultar o soberano orgulho, que lhe esterilizava o coração.

Tudo quanto a educação das salas tem de mais requintado e precioso possuía-o Clotilde em larga escala.

Manejava facilmente duas ou três línguas, cantava com uma voz de contralto quente e apaixonada as arias mais enervantes dos mestres italianos, dançava com uma perfeição de atitudes que a tornavam celebre nos salões, vestia-se bem, sem excentricidades e sem plebeísmos de mau gosto.

As filhas do visconde das Lagoas invejavam-na ardentemente conhecendo-lhe a superioridade dominadora, mas fingiam adora-la, porque da frequência de Clotilde em casa delas, resultava grande animação para as suas soirées.

Clotilde que era caridosa em certas horas, e que ostentava o capricho da proteção, tinha na sua casa, como companheira,, pupila ou o que quer que fosse, uma parenta pobre da sua falecida mãe.

Muitas vezes a levava consigo ás reuniões mais » íntimas talvez por um refinado instinto de garridice.

Tão admirável e triunfante era a beleza de Clotilde, como doce, modesta, sofredora, era a aparência de Angelina. Deste contraste que a todos os olhos se impunha, resultavam sempre grandes alegrias de amor próprio para a elegante herdeira.

Angelina tinha pois uma dupla missão, inteiramente passiva. Fazer sobressair a bondade de Clotilde e à sua formosura.

****

Quando Clotilde conheceu mais de perto aquele que o seu pai lhe prometera muito brevemente para esposo, compreendeu logo, com a rara perspicácia que a distinguia, que o que na sua pessoa havia de mais brilhante e admirado pouca ou nenhuma influencia exerceria no coração dele.

Uma noite em que a filha do conselheiro Magalhães estivera mais rodeada de admirações lorpas e de cultos banais, em que, se cheira a esse grosseiro incenso das salas, ela exibira todas as suas raras e distintas prendas de mulher bonita e de mulher garrida, ousou sorrindo perguntar a Gastão, que mais de uma vez a tinha olhado com mal disfarçada ironia:

— Não me dirá qual é o seu ideal de mulher? Vejo-o sempre tão reservadamente cortês com todas as senhoras, que ainda não percebi o que é preciso ser para lhe agradar.

— Meu Deus! não há nada mais fácil — respondeu o rapaz fitando o olhar límpido e honesto no altivo olhar de Cio tilde. — É preciso ser uma mulher em quem ninguém repare.

— Julguei que a mediocridade o não cativava a esse ponto — disse Clotilde mordendo os beiços de cólera.

— Mas é que não é ser medíocre ser modesta. E que a mulher que gosta de brilhar, não sabe o que é sacrifício e abnegação, é que para mim todos os encantos que se

apreciam nas salas, não valem um bom e cândido coração que saiba amar-me e viver só para mim.

Não se pode dizer que Clotilde adorava Gastão, mas, enfim, a verdade é que gostava muito dele. Achava-o superior, correto, distinto, de uma aristocracia inata que a encantava.

Achava-o digno de si.

Não lhe sacrificaria nenhum dos seus triunfos, nenhuma das suas vaidades, nenhum dos seus gozos, mas sacrificava-lhe com certeza todos os seus adoradores.

Ser mulher dele era para ela um sonho radioso.

Discordavam, porém, em tudo, nos gostos, nas ideias, nos sentimentos, na maneira de entenderem a vida.

Clotilde na arte preferia tudo que é brilhante e aparatoso; Gastão amava tudo quanto é grande e dedicado. Clotilde só vivia no meio das opulências sociais; Gastão tinha a ambição das alegrias íntimas e ignoradas.

Ela gostava do incenso de todas as lisonjas por mais grosseiramente capitoso que fosse; ela mais de uma vez

dissera que achava ignóbil da parte de uma mulher consentir que um sujeito de casaca, engravatado e ridículo, tivesse a audácia de lhe declarar perto do ouvido que a estava achando formosa e cobiçável.

— Só digo finezas ás mulheres a quem desprezo. São as únicas que nos dão direito de lhes dizermos o que nos passa pela cabeça.

Um homem que diz coisas ternas a uma senhora, fazendo boquinhas e frases românticas, insulta-a de um modo indigno.

Como é que as mulheres são tão absurdamente educadas que não percebem isto?

Um dia perguntaram a Gastão à frente de Clotilde se gostava da música italiana.

— Conforme! Gosto do bom que há em todas as escolas. Nesse ponto sou eclético e creio que todos o deviam ser. Agora a música italiana das salas acho-a ridícula e pouco decente. Uma senhora a cantar arias em que se falia de amor, de paixão, de exta ris inolvidáveis, etc., que diz *io t'amo* revirando os olhos ao primeiro sujeito que passa,

perdeu o direito a que um homem sério a escolha para sua mulher.

Desde esse dia Clotilde deixou de cantar.

Gastão não percebeu o sacrifício, ou pelo menos não mostrou que o percebera.

Era um espirito logico e reto, e tinha o defeito de se guiar na vida pelas opiniões que professava.

****

Dançavam todos em casa do visconde das Lagoas, e junto de uma pequena mesa de trabalho, no gabinete das filhas do visconde, uma figura loura e delicadíssima, inclinada sobre um álbum de retratos, parecia ignorada e esquecida de toda aquela multidão que se divertia.

— Porque não dança, senhora D. Angelina? perguntou jovialmente a voz de Gastão. Se eu lhe pedir que seja meu par, recasa-me?

— Recuso, respondeu ela docemente, e uma cor viva tingiu-lhe as faces.

Recuso por muitas razões. Em primeiro lugar é um pouco estranho dançar quando se tem a posição que eu tenho, porque, enfim, eu não sou mais que uma *dame* de companhia, uma aia, uma governante ou como queiram chamar-me, de casa dos meus caridosos parentes. — Ao dizer isto, talvez involuntariamente, na voz de Angelina havia umas inflexões de amargura resignada.

— Depois — continuou — não danço porque me faria mal. Dói-me muito o peito!

Gastão sentiu dentro da alma como que a brotar subitamente, um sentimento que lhe era desconhecido e em que havia dó, tristeza, admiração, um enternecimento sem nome que lhe embargava a voz.

Angelina era tão delgada, tão frágil, de uma fisionomia tão delicadamente melancólica!

Para tudo a fizera o destino, menos para combater e para lutar. A desgraça despedaçara-a sem que ela tentasse resistir-lhe sequer.

Como seria doce protege-la, guiai-a na vida, abriga-la no peito contra os embates hostis da adversidade!

Era assim que Gastão tinha sonhado uma adorável e submissa mulherzinha, com aquele olhar largo e límpido que lembrava um lago da Suíça, com aqueles louros cabelos ondados emoldurando uma testa cetinosa e cor de marfim.

Trocaram mais duas ou três palavras, e depois separaram-se de novo. Angelina talvez ficasse a pensar, que nunca mais teria ocasião de ver postos nos seus uns olhos onde se lesse tão doce e tão honesta simpatia.-

****

O visconde das Lagoas convidou a família do conselheiro para estar um mês na sua quinta do Alto Minho.

Angelina acompanhou naturalmente a sua gentil parenta e protetora.

No campo estabelecem se facilmente intimidades que na cidade parecem inconvenientes-e impossíveis.

Gastão entre aquelas duas belas criaturas, de uma beleza tão diversa como diversos eram os caracteres, pude apreciar e aquilatar a alma e o coração de ambas.

Durante um mês Clotilde foi a rainha aclamada e triunfante do solar provinciano povoado de numerosos hospedes que alternadamente chegavam, ou partiam.

Era ela quem organizava as festas, quem dirigia as partidas, quem inventava as distrações e os jogos. Ativa, inteligente, soberanamente caprichosa, ser dominada por ela constituía uma sedução. Enquanto assim era o centro da animação festiva que se notava na opulenta casa do visconde, Clotilde empregava para cativar Gastão todos os seus artifícios de sereia.

Envolvia-o no magnetismo irresistível dos seus sorrisos misteriosos, do seu espirito acerado e mordaz, da sua graça majestosa e altiva.

Punha aos pés dele todas as homenagens de que era objeto.

As vezes à noite, sentava-se à mesa com o desleixo crioulo que sabia fingir, e punha-se a desenhar, com uma verve cómica incomparável, as caricaturas dos galãs suspirosos que a cercavam. Depois, cônscia de que a sua mão valia um milhão, e sem atender aos desesperos que excitava, oferecia a Gastão os desenhos com um gesto irónico e submisso de que só ela possuía o segredo encantador.

Os serões animava-os com a sua presença, com a sua voz, com a sua mestria musical, com os seus conhecimentos variados adquiridos nas viagens e nas leituras.

Angelina voluntariamente oculta no canto mais escuro da sala, assistia a todo este jogo brilhantíssimo com a silenciosa resignação de quem se sente para sempre expulsa de todos os prazeres da vida.

Nem sequer percebia que era para o lugar em que ela trabalhava, que os; olhos de Gastão se dirigiam constantemente, e que ele tão desdenhoso e tão irónico para com as outras, lhe falava sempre timidamente, respeitosamente, como os devotos faliam com o seu Deus, como as mães faliam com os seus filhos doentes.

Houve um dia em que uma resposta quase insolente de Clotilde a fez padecer muito.

Arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas, levantou-se e foi encostar-se à varanda toda enredada de trepadeiras que dava sobre o jardim.

Não percebeu que a crueldade de Clotilde significava um despeito, um ciúme, talvez uma agonia profunda de amor próprio! Pensou somente que a herdeira rica e poderosa insultava diante da sua família, diante do seu noivo, a órfã desamparada, e chamou baixinho pela sua mãe, pedindo-lhe que a levasse consigo para o céu.

Então uma voz grave, sonora e viril, a voz de um homem de coração e de coragem, murmurou perto dela:

— Quer ser minha mulher, Angelina? Há muitos dias que tenho vontade de fazer-lhe esta pergunta e não me atrevia!

É que se me recusar, juro-lhe que me dá um desgosto muito grande! Não faz ideia! Parece-me que a conheço desde que nasci, que nunca vi outra mulher, que nunca achei possível ter outra esposa... Talvez não creia... mas olhe... hei de

faze-la muito feliz... hei de ama-la com uma devoção tão profunda...

Angelina não o deixou concluir. Tapou-lhe a boca com uma das suas mãos diáfanas, e pálida, a tremer, deixou-lhe cair a cabeça sobre o peito a soluçar.

****

A família de Gastão quando o rapaz lhe participou a resolução definitiva que adotara, repeliu-o do seu grémio ilustre com o mais indignado espanto.

Aquele mesquinho enlace que vinha destruir tantas esperanças pomposas, era para todos uma vergonha.

O visconde, as duas manas, o irmão mais velho, o conselheiro Magalhães, tudo se revoltara contra o que chamavam o romantismo de Gastão.

Só uma pessoa o aceitou sem cólera e sem protestos.

Foi Clotilde.

Quis ela própria conduzir à igreja a sua juvenil protegida, e até à última hora teve para com ela e para com o homem a quem um dia no íntimo do coração chamara — o seu noivo — uma atitude irrepreensível de serena dignidade.

Gastão e Angelina vivem numa deliciosa casinha em Buenos-Aires, onde há dias os visitei.

Ele alcançou uma excelente colocação numa casa bancaria; ela tem o singular segredo de ser económica com elegância e laboriosa com gentil dignidade.

São ambos felizes como dois leais corações que se estremecera e se entendem.

No seu gabinete confortável e artisticamente arranjado pelas mãos de Angelina, quantas vezes à noite no tranquilo recolhimento do serão comum, os dois noivos não lamentam a sorte dos seus parentes milionários!

Clotilde não casou ainda nem casará talvez.

Aparece em todas as festas, em todos os bailes, em todos os teatros, sempre com o seu eterno sorriso mordaz nos lábios empalidecidos.

Há porém quem julgue ler na sua bela fisionomia altiva, uns toques de intraduzível sofrimento.

O ROMANCE DE ADELINA

(FRAGMENTOS DE CARTAS)

O meu pai, a minha mãe e as pessoas que me cercam dizem-me continuamente que a vida é triste, que o dever tem sempre um aspeto difícil, que as quimeras da nossa imaginação nunca chegam a realizar-se ...

Eu ouço-os, mas afirmo-te que não estou nada convencida.

Suponho ás vezes que vejo a existência pelo avesso, que tenho um modo muito extravagante de compreender as coisas.

Ouço por exemplo chamar romanescas a todas as mulheres loucas ou desgraçadas.

As que deixam seus maridos para seguir um sujeito de bigode e colete branco que lhes recitou versos ao piano entre dois candelabros; ás que andam toda a vida à procura

de um ideal que ora encontram ora deixam, percebendo que se enganaram; ás que usam olheiras e cabelos caídos, e faliam do seu desespero inconsolado entre uma quadrilha e uma valsa.

Para mim essas mulheres são tudo menos romanescas.

Sabes ao que eu chamo romantismo?

A uma aspiração delicada, a tudo que é belo e bom. A um desejo ardente de perfeição que se não satisfaz facilmente. A uma tendência para idealizar os deveres e os sentimentos.

Crê, minha boa Teresa, que não há ninguém mais romântica do que eu!

Chego ás vezes a ter medo de que isto seja um pendor funesto que me arraste a algum desvario.

No outro dia casou aqui uma prima minha.

E uma galante rapariga, bem educada e inteligente.

Encontrou o noivo uma dúzia de vezes, ele pediu-lhe licença para confessar aos pais que a amava muito.

Dali a dois meses, concluídos os preparativos, casaram-se.

Não se conhecem nada, mas como as fortunas, as idades, e as posições dos pais estavam em harmonia, concluíram que se tinham de dar otimamente.

Aquele casamento que agradou a toda a gente, consternou-me a mim.

O meu casamento há de ser o único romance da minha vida, mas afirmo-te que o quero bem longo, bem completo. Quero que as suas páginas luminosas lidas uma vez me dourem de misteriosa claridade todo o futuro. Quero amar o meu noivo para adorar eternamente o meu marido.

Dizem que o dever é sempre custoso de cumprir.

Conforme!

Eu tenho dezoito anos, e nunca até hoje liguei à ideia do dever uma ideia que não fosse de satisfação íntima.

Sou tão feliz em amar meus pais, em socorrer os desgraçados, em cultivar o meu espirito, em sacrificar os meus prazeres aos prazeres de alguém!

O sacrifício seja ele de que género for, parece-me uma dor suave, uma sensação de pungitiva delicia, que nos eleva e

nos engrandece.

Só os que sabem sacrificar-se afirmam a sua superioridade.

Tenho medo de ser criminosamente aristocrata.

Parece-me que assim como as pessoas bem educadas nunca se deixam avassalar pela gula, pela violência dos apetites grosseiros, assim as almas finas não devem entregar-se a uma ambição desregrada de prazeres.

Sofrer é uma condição humana, mas há sofrimentos que são a mais requintada das doçuras.

Às vezes olho para a minha mãe e lembro-me que se pudesse trocar a minha robustez pela sua débil saúde, a minha cabeleira densa e loura pelos seus lindos cabelos brancos, a minha alegria exuberante pelo seu sorriso meigo e sofredor, conheceria um grão de felicidade mais puro, mais alto do que todos os gozos que até agora experimentei.

E no entanto ao dar-lhe a minha mocidade, ao receber em troca a sua velhice, decerto que sentiria infinitas saudades!

Não se renuncia friamente a todas as esperanças do futuro!

Seria, porém, uma das tais dores que eu amo, uma daquelas tristezas divinas que fazem bem à alma e como que a depuram das imperfeições da terra.

Será isto romantismo, Teresa?

****

Andam comigo agora de baile em baile, de soirée em jantar.

Imaginam que me enganam, os queridos velhinhos. Eles que gostam tanto do cantinho do fogão, onde conversam, e se recordam de tudo que passou, fingem um súbito e inexplicável desejo de distrações mundanas.

Eu sigo-os com um sorriso malicioso que ás vezes os assusta.

Sabes as minhas ideias, não é verdade?

Que garantias de futuro me daria a mim um marido apanhado a laço à luz dos lustres dourados, numa sala de baile frívola e banal?

Não é aí que eu encontrarei decerto o noivo da minha alma!

Porque é que se não poderá aliar a poesia do coração com os deveres da realidade? Não entendo isto!

Pois só serão deliciosos os amores vedados?

A mim parece-me que a vida com o seu cortejo de dores, de deveres, de sacrifícios, de afetos, a vida com a sua manhã purpúrea e gorjeada, com o seu meio dia luminoso em que rompe em ondas cristalinas a musica triunfante dos vinte anos, com a sua tarde melancólica de uma doçura indefinida e dúbia, com a sua noite enfim, noite estrelada e calma, em que esmorecem e expiram todos os rumores da terra, é como que um poema completo, uma sifónia em que há todas as notas, todos os tons, todas as expressões.

Os que amaldiçoam a vida, ou querem fugir das suas comoções naturais, procurando num meio artificial, numa atmosfera de estufa outros gozos, outros prazeres, outras angústias, são esses que não entendem a opulência harmoniosa da criação!

Ser filha, e noiva e esposa e mãe! onde acharemos estados da alma mais completos que aqueles que resultam

naturalmente destes modos de ser?

Aqui há tudo! Alegrias, dores, sobressaltos, esperanças, sonhos, arrebatamentos, êxtases inefáveis!

Não proscrevamos o romance da vida. pelo contrário identifiquemo-lo com a vida!

Ponhamos no nosso modo de sentir a maior porção de ideal, a que sejamos acessíveis.

Pensar que o dever só pode compreender-se terra a terra é amesquinhar e rebaixar o dever!

A paixão não precisa de ser criminosa para nos dar gozos supremos; creio mesmo que é o crime que a torna amarga aos lábios e dolorosa ao coração!

****

Perguntavas-me no outro dia maliciosamente se eu faço a minha leitura predileta da Moral em ação.

Não faço.

Se há coisa que eu acho desmoralizador é um tratado de moral *chaufé à froid*.

Sabes quem são os meus mestres do bom e do belo? São Beethoven, Mozart, Hayden, os meus queridos e nobres artistas.

Cada dia me deixo levar mais apaixonadamente por este amor da música que me consola, e me levanta e por assim dizer me realiza todos os sonhos ambiciosos da minha alma.

Pressinto que se chegar na vida para mim uma hora sombria em que veja por terra os meus ídolos, a música me há de consolar de tudo!

Há pessoas que choram com a música. Foge sempre da música que faz chorar. É enervante, é perigosa e traiçoeira.

Mozart e Beethoven não enfraquecem, fortificam. Dão-nos à alma como um grande banho de ar puro.

Fazem-nos subir ás alturas imaculadas e de lá ver tudo que é pequeno, efémero, transitório aos nossos pés.

Ó Beethoven, se eu alguma vez for traída envolve-me nas tuas azas de luz!

Não te disse eu que o meu romance existia algures, num misterioso recanto onde eu ainda não dera com ele?

Não me enganei.

Existe.

Tem vinte e cinco anos, há muita gente que diz que ele é feio. Eu acho-o simplesmente adorável.

Tem uns belos olhos escuros que a paixão ilumina, de que a ironia faz chispar faíscas sombrias, e que em horas de embevecimento e de ternura tem segredos doces de uma bondade inefável! Tem uma testa larga e pensativa, e uma boca desdenhosa como se o sarcasmo a tivesse afeiçoado.

Acham-lhe inúmeros defeitos, eu acho-lhe somente alguns.

Mas é para aqueles que a vida endureceu e azedou, que as almas jovens devem abrir os mananciais da sua fé.

Ontem disse-me, depois, de me ter ouvido tocar piano durante três horas, que eu lhe fizera tanto bem, que se

esquecia por amor de mim do mal que todos os outros lhe tinham feito.

Estas palavras que em outra boca seriam uma banalidade, na boca dele pareceram-me um juramento que vinculava para sempre as nossas duas vidas.

****

Três anos de silêncio! Como é que tu hás de perdoar-me, Teresa!

Mas se eu te disser uma coisa, só uma coisa, perdoas-me decerto.

Sou muito infeliz.

Quis talvez realizar o impossível, quis achar no amor do meu marido o conjunto de todos os amores de que eu me sentia capaz.

Fiz tudo para conservar a felicidade, e a felicidade fugiu-me.

Ele vê em mim um peso, uma prisão, talvez que um grande desapontamento.

Nunca me queixo. Para quê?

A gente não se deve queixar, porque é uma humilhação escusada e inútil.

Procuro convencer-me de que na vida de todas as mulheres há destes cilícios ocultos que elas suportam ajeitando nos lábios um sorriso heroico.

Não renego nenhuma das minhas ideias. O dever consola, o dever compensa.

Não compreendo que, porque um faltou ao contrato ideal que fez com a consciência, o outro deva faltar também.

Enquanto ele me quiser junto de si, hei de dar-lhe toda a minha vida, feliz deste sacrifício sem paga.

Iludi-me porque lhe quis muito, e perdoo-lhe porquê me iludi.

****

Ontem, a minha mãe, a pobre velhinha que sucumbe ás agonias da sua recente viuvez, dizia-me à frente do berço do meu filho desamparado, do meu orfãozinho, cujo pai vive ainda:—Acabou se tudo!

Pelo contrário! Agora é que tudo começa!

Não imaginas a coragem e a energia que eu sinto em mim!

Sou eu, a minha mãe e o meu filho.

Uma quase que perdeu a consciência, o outro não a tem ainda. Sou eu que preciso pensar e trabalhar por todos três.

Na grande desgraça que me feriu, a ideia de que sou necessária, de que me tornei indispensável aos seres a quem mais quero, inoculou-me no espirito dilacerado uma força superior.

Mas como foi que tudo isto sucedeu? perguntas tu cheia de pasmo.

Não sei! Uma mulher que passou, uma artista que tinha em talento o que lhe faltava em coração e que o levou atrás de

si, satélite desprezível, de um astro caído.

Não tenho saudades dele, crê que não tenho.

O homem que eu amei era uma nobre e digna criatura, incapaz de transigir com a honra, e de submeter-se à tirania dos apetites brutais.

Tinha defeitos, era violento, apaixonado, irascível, mas era honesto.

Esse homem morreu, ou não existiu nunca.

O que fugiu não se parecia com ele.

Quando estou só, estremeço ás vezes com um asco intraduzível de mim própria.

Quem é que se consola das máculas de um tal amor?

Não te disse eu, que se tudo me faltasse, os meus velhos mestres, os meus amigos, as almas sonoras e transparentes que sabem traduzir em sons tudo que há de belo na natureza, as cores, os perfume», as linhas, o mundo da matéria e o mundo do espirito; não te disse eu que eles me consolariam e me tinham de amparar?!

Chegou o momento supremo.

Chamei os e não faltaram ao meu apelo.

Mostrei-lhes o meu coração partido, o meu orgulho machucado, as minhas ilusões desfeitas e disse-lhes: Consolai-me! Mostrei-lhe o meu filho pequenino, e a minha mãe decrepita, e disse-lhes: dai-lhes pão!

E ouviram-me as almas adoráveis!

Sinto em mim a virilidade augusta dos fortes.

O meu Arthur tem hoje quinze anos.

É um formoso adolescente, louro e tímido como uma virgem.

Vivemos eu e ele numa casinha de um bairro tranquilo e retirado.

De dia ele frequenta o liceu, e eu dou as minhas lições de música, à noite lemos, conversamos e tocamos juntos.

Todos os anos, num dia certo, fazemos uma romagem piedosa.

Vamos visitar ao cemitério o túmulo de pedra, pobre e modesto, onde dorme o seu tranquilo sono a minha querida mãe.

Foram serenos e doces os últimos dias que ela viveu na terra.

Ajudou a criar o meu Arthur, que era tão endiabrado e travesso como hoje é tranquilo e sonhador!

Eu saía de casa muito cedo, e deixava-os a ambos juntos a papaguearem alegremente, porque não há nada que ilumine a tristeza dos velhos como a alegria dos netos.

Ao princípio era-me doloroso aquele monótono trabalho de ensinar os princípios de música, mas quando vi desenvolver-se em casa o conforto devido aos meus pertinazes esforços, cobrei nova coragem e alentos novos.

Sabia com mais ânimo e voltava com mais alegria. . .

Em mim faziam-se dois trabalhos: Procurava afazer-me à minha nova existência e apagar da memória o meu passado enganoso.

Tivera o meu romance, e o romance deixara me na boca o travor amargo das coisas insalubres!

Em todo o caso nunca me arrependi de ter aspirado a saciar a minha sede de ideal nas fontes puras do coração.

Era mais feliz na minha infelicidade que os outros nas suas alegrias!

A minha vida de professora, fazendo-me penetrar em muitas casas diversas, deu-me oportunidade para conhecer melhor o mundo.

Encontrei muita gente alegre e satisfeita que me causou profundo dó.

Marido e mulher separados pelas ideias morais, pelas crenças religiosas, pelas ocupações, pelas índoles diversas, pelo modo antitético de encarar as coisas; unidos somente por um laço, o hábito; por uma força, as conveniências sociais.

Oh! antes o meu desamparo, antes o abandono em que eu fiquei na flor da vida!

Conheci muitas mulheres que procuravam no turbilhão mundano consolação para íntimas tristezas; outras, que me confessaram chorando, que a ingratidão e a inconstância do marido as arrastara à perdição, ao desprezo de si próprias.

Não as repeli, porque não tinha direito para ser implacável; lamentei-as, não porque as achasse dignas de lástima, mas porque me pareciam dignas de desdém!

Como se o crime posterior da mulher não fosse a justificação do crime anterior do marido!

Ser boa e digna e virtuosa, quando tudo nos ajuda a isso, grande milagre!

Na solidão, no abandono, na injustiça do mundo, é que a honestidade da mulher se acrisola!

Se o meu marido não tivesse fugido de mim, deixando-me nos braços uma criancinha de meses, como poderia eu conhecer as lutas da vida e ter saído triunfante das provações da desgraça?

Não imaginas, querida amiga, como hoje é doce e tranquilo o meu outono!

Em primeiro lugar o querido anjo que eu eduquei sozinha, depois a música, as flores e os bons livros. Falta-me a minha mãe querida, mas essa morreu abençoando-me!

Ao domingo, quando eu e Arthur nos achamos bem sós, no nosso pequeno gabinete de trabalho, chego a conceber a beatitude do paraíso.

Sento-me ao piano e toco, toco até me sentir sem forças.

Converso longamente com os amigos da minha mocidade, com os que me vestiram a alma da cristalina armadura que resistiu a todos os atritos da miséria humana.

Conto-lhes as luminosas aspirações da minha adolescência, a ideia que eu fazia da abnegação, do amor, do sacrifício; e os esforços que empreguei para me cingir sempre a essa ideia levantada e superior.

Conto-lhes o belo instante radioso em que na minha vida desabrochou a flor misteriosa que eles me tinham ensinado a julgar o premio mais doce de um coração cheio de fé. E com que extremos eu cultivei essa flor que um dia se desfez em cinzas nas minhas tremulas mãos! E como a doce ilusão de a possuir me fizera melhor!

Depois conto-lhes a tempestade que subitamente fez sobre mim a sua explosão sinistra, e o meu desamparo e a minha dor fulminadora, e a vacilação tremenda em que eu vi tudo

que julgara imutável prestes a desabar, deixando-me só ruinas!

Foi então que o amor deles me salvou, foi então que as suas vozes divinas me chamaram, e que, na esfera elevada em que eles moram, eu me senti penetrar da calmaria adormecedora de todas as paixões ruins!

No outro dia, depois de tocar duas horas, esquecida de tudo, procurei o meu filho e achei-o de joelhos ao pé de mim.

Tinha a gentil cabeça loura mergulhada nos meus vestidos, e, quando levantou os olhos cheios de lagrimas, disse-me com uma voz em que se fundiam todas as músicas:

— Ó mãe, Deus te abençoe, porque foste ultrajada e traída, e eu posso amar-te e respeitar-te.

A CIGANA

Quando o gajeiro gritou do alto das vergas— terral—toda a gente que vinha a bordo da galera Terrível sentiu uma grande e indefinida alegria.

Subiram uns para o tombadilho, outros deixaram-se ficar no convés, e os passageiros da proa, os mais pobres, encarrapitaram-se na amurada; começaram todos a olhar com uma ansiedade febril para a facha escura que a pouco e pouco avultava no horizonte.

A viagem tinha sido longa; a galera levara cinquenta dias a chegar do Rio de Janeiro.

Mas, todas essas penas, todo esse aborrecimento que assaltam o viajante que durante dias e dias não vê mais que o céu e o mar, desaparecem como que por encanto perante essa palavra mágica, solta pelo gajeiro — terra!

Os passageiros eram, na maior parte, gente de baixa condição e de ambições modestas: tinham sido no Brasil carroceiros, feitores de roça, carpinteiros e pedreiros.

Vinham com pouco dinheiro, mas traziam grande abundancia de saudades; tinham sofrido, padecido longe da pátria, mas como ela os ia compensar de todas essas amarguras!

A alegria bailava em todos os olhos.

Ah! o capitão Navarro, apesar de ter feito aquela viagem cinquenta vezes, também vinha contente e esfregava as mãos, tomado de um júbilo desmedido.

Quando o piloto se correspondia com o castelo da barra, o capitão impaciente, mas sem perder o seu aspeto risonho e benévolo, perguntava:

— Deixam-nos ou não nos deixam entrar a barra?

— Estão-me agora a perguntar se morreu alguém a bordo.

— Ora essa! Morto estou eu por me ver em Massarelos. Querem ver que ainda temos que ir dar com os ossos em

Vigo? Com mil bombas! Era o que me faltava agora!

Mas não aconteceu o que o capitão receava: do castelo fizeram sinal que a galera podia entrar, e foi com uma voz vibrante de entusiasmo e de um prazer intenso que o capitão comandou a manobra.

A galera como um cavalo que obedece facilmente à perícia de um ótimo cavaleiro, proejou a barra no meio das exclamações dos impacientes e saudosos passageiros.

****

A galera fundeou em frente de Massarelos.

No dia seguinte, já não havia ali senão parte da tripulação e um ou outro marinheiro que não tinha família e que olhava para o cães com repugnância e com desdém.

As capoeiras em redor do tombadilho estavam despovoadas. À roda do leme reluzia ao sol, parada, sem movimento, as tampas enceradas da meia laranja abriam-se como as azas de uma enorme borboleta em repouso, e as

mangueiras de linho cheias, retesadas, levavam o ar à camara e ao porão.

Um belo dia de agosto!

O capitão Navarro assistia ao descarregar sentado numa barrica de farinha de mandioca; o contramestre no portaló olhava mais lentamente para o Douro como quem procura enxergar uma coisa desejada e cubicada.

— Ainda nada? perguntou o capitão.

— Admira, capitão! Das outras vezes pouco se deixa esperar essa visita.

E com a mão em quebra-luz continuava a observar o movimento cios botes e das catraias.

De repente, a Cigana, uma cadela de fila que era o ídolo de toda a tripulação do navio, deu um salto, subiu as escadas do portaló, e alongando o pescoço, meneou festivamente a cauda e ladrou de contente…

Era um latir alegre e de boa feição, o latir que ouvimos aos cães das nossas casas, quando recolhemos depois de longa ausência.

— Espera! disse o contramestre, a Cigana tem faro. Aí vem a sua gente, capitão!

Navarro ergueu-se, olhou e viu um barco que, à força de remos, se dirigia para a galera.

— Até que enfim! disse o capitão, e desceu cheio de contentamento as escadas do portaló. ..

A cadela, vendo descer o dono, acompanhou-o e saltou ao mesmo tempo que ele para o interior do barco.

O contramestre olhava de cima aquele quadro e murmurava entre alegre e melancólico:

— Parece que é bom ter família e ter uma pequerrucha bonita como a do capitão que nos venha dar um abraço quando vimos de longe...

— Assim será, meu contra mestre, mas quando essa filha vem de luto, devendo vir vestida de cores alegres; quando ela nos vem dizer com a voz abafada em lagrimas e soluços — a mamã morreu! —não me parece que seja muito para invejar, meu rude celibatário, que não tens outro afeto senão pela tua galera e pelo mar, a quem confiaste a tua

mocidade e a quem confiarás um dia o repouso do teu corpo!

****

De sorte que aquele momento tão apetecido pelo capitão foi-lhe amargurado pela noticia da morte da mulher.

Eram quatro os afetos do capitão: a mulher, a filha, a Cigana e a sua bonita e garbosa galera.

O primeiro afeto desaparecera, restavam-lhe ainda os três; não tinha muito que se queixar do destino: a galera ali estava capaz ainda de arrostar com sessenta viagens, a filha dependurava-se-lhe do peito amplo e largo, cheia de viço e de adorável meiguice, e aos pés de ambos, rojava-se latindo baixo a Cigana, acariciando-os com os olhos onde havia o indefinido das vagas, e como que um lampejo humedecido de uma ternura doce e humana.

A filha de Navarro, depois de haver chorado no seio do pai, abaixou-se e passou a mão pela cabeça da cadela.

— Quando partir de novo, papá, deixe-me a Cigana;, sim? A mamã era tão amiga dela!

A Cigana, parecendo compreender aquelas palavras, endireitou-se, e pousando as patas no colo da menina, beijou-lhe carinhosamente as mãos.. .

Quando Navarro chegava do Brasil e ia passar algum tempo a Lessa com a família, levava sempre na sua companhia o seu querido animal! Imagine-se como este seria amimado, festejado e cheio de afagos quando souberam que uma vez no alto mar...

****

Não sei quantas milhas devorava nesse momento a galera.

Era meio-dia, fazia um sol de rachar, os marinheiros à proa comiam o rancho, e na tolda não estava senão o capitão, a Cigana, e o homem do leme.

O piloto fora buscar ao seu beliche um mapa que o capitão lhe pedira, e demorara-se mais que o tempo necessário.

Navarro ergueu se do banco de vime e encostou se ás grades da ré.

Como foi aquilo? Vertigem? Congestão cerebral?

Foi ele encostar-se à grade, estar ali coisa de dois ou três minutos, e de súbito borcar-se-lhe o corpo nas ondas...

O homem do leme viu aquilo, e aflitivamente exclamou:

— Jesus! acudam!

E quando os passageiros correram ao tombadilho e a tripulação veio saber o que sucedera, o piloto, pálido e assustado, mandou colher todo o pano; podia ver-se ao longe no meio das águas, que faiscavam e transluziam os raios do sol, um ponto negro e que pouco a pouco parecia afastar-se, afastar-se...

Os dois escaleres da ré foram descidos ao mar, e dentro deles os mais robustos dos tripulantes.

— A modo que ele não estava bom! disse o homem do leme. Que eu só reparei nele quando o vi no ar...

— Deitem-lhe a boia! gritou o contramestre.

Naquele momento de ansiedade, procurou-se a boia e não se encontrou.

O contramestre estava desesperado, as pragas mais violentas saíam-lhe em borbotões por entre os dentes, que apertavam estreitamente o tubo fumoso do cachimbo.

O navio afrouxara a sua marcha, contudo os escaleres ainda iam bastante longe do ponto negro que todos julgavam ser o capitão.

— Lá bom nadador é ele, dizia o contramestre, mas se há tubarões assim! e reunia os dedos em pinha.

Estendia os braços, dependurava-se da grade da popa, e com gestos ansiosos tentava animar os marinheiros dos escaleres.

— Força, rapazes!

No rosto de todos os passageiros lia-se um grande terror e uma pena profunda.

Era impossível escapar. O capitão apesar de bom nadador já estava velho e. cansado, depois os tubarões...

Os marinheiros contavam casos horrendos que tinham presenciado, e em que figuravam esses assanhados tigres do mar.

— Valha-nos o senhor de Matosinhos! conclamavam num grito lancinante àqueles homens, que tantas vezes tinham lutado heroicamente contra as coléricas sanhas da tempestade, e que adoravam o bondoso velho, o seu capitão.

O ponto negro ia-se distinguindo mais nitidamente: ás vezes afundava-se, outras vezes imergia-se; e enquanto os escaleres voavam, o contramestre continuava a gritar, posto que as puas vozes já não pudessem ser ouvidas pelos que iam em salvamento de Navarro.

Quando o vulto vinha a distância de uma milha o contramestre exclamou, afirmando a vista:

— Ou eu me engano, ou o capitão não vem sozinho... esperem! é a Cigana que traz a reboque o patrão!...

Era a Cigana efetivamente. Quando o velho caíra ao mar, o animal atirara-se logo atrás, e mergulhando conseguira

apertar nos dentes as roupas do capitão, e desde esse instante nunca mais o largara.

Quando os escaleres se aproximaram dos dois, a pobre Cigana estava quase exausta e sem forças.

Arrancaram-lhe a custo da boca o seu querido fardo e ela continuou a nadar frouxamente sem poder resistir ás ondas que a levavam de chofre de encontro aos escaleres.

Quis subir, galgar a borda de um dos escaleres, e não pôde, resvalou na água, ganindo dolorosamente, sendo preciso que um dos marinheiros a empolgasse com força, arrebatando-a assim à morte inevitável.

Da galera, aplaudiram a ação da Cigana, e quando ela e o capitão chegaram, não sei bem qual, dos dois foi mais abraçado.

— Bravo, Cigana! exclamou o contramestre, não há homem que te valha. Dá cá um abraço!

O capitão foi levado por dois marinheiros para a sua camara, enquanto a Cigana, resfolegando alto, com os olhos embaciados, o corpo escorrendo água e todo trémulo, tentava arrastar se para onde lhe levavam o dono.

****

Ora, aqui está porque a Cigana era tão querida e estimada na pequena e alegre casa do capitão em Lessa, e aqui está a razão porque a filha do velho e bondoso Navarro lhe pedia com tão amável meiguice que deixasse ficar a Cigana quando para a outra vez tivesse de fazer viagem.

Quando a galera Terrível partiu, não levava a bordo nem o capitão nem a Cigana. Porque?

Se o leitor é pai diga-me, se no caso do capitão Navarro, teria forças de fazer-se ao largo e deixar sozinha uma filha de quinze anos, graciosa e encantadora.

Não tinha forças para tal, acreditamos.

Ao capitão sucedeu o mesmo. Despediu-se dos seus companheiros, chorou quando viu pela primeira vez a Terrível fazer-se de vela sem ele, mas ficou em terra.

Tinha saudades, isso tinha, do mar, da solidão majestosa das águas, da melancolia das horas da calma, das

tempestades que, de vez em quando, o visitavam, mas fitava os olhos azuis da filha e bebia neles consolações que lhe amorteciam essas mágoas.

As vezes, saía de casa acompanhado pela Cigana, e ficava-se à beira do mar, observando os navios que passavam a distância, absorvendo a plenos pulmões o saudável ar marítimo, regalava-se conversando com os pescadores e com os embarcadiços, e nessas tardes recolhia mais alegre e com o corpo mais direito e rejuvenescido.

Outras vezes, ia num bote pelo ameníssimo rio Lessa acima, e nessas excursões levava quase sempre a sua querida Luísa, e quase sempre nesses passeios em que ele contava à filha as peripécias de toda a sua vida trabalhosa, encontrava-se com outro bote em que ia ao leme um rapaz de vinte anos, elegante e galhardo que o cumprimentava respeitosamente.

A terceira vez que aquele encontro se deu, o velho disse à filha:

— Não sei se conheço aquele rapaz? É o filho único de um meu antigo companheiro O pai está rico, está. Eu

também por aquele preço podia estar como ele ou melhor. Que se ele tem muito de seu, a mim mo deve. Joaquim António Ferreira, que depois foi feito Conde da Guaratiba, bem queria que eu fosse capitão de uma sua barca, recusei, porém, sempre, e apresentei-lhe um dia Gouveia, o pai desse rapaz, que afinal de contas depois de seis ou sete viagens felizes à Africa, deixa a vida do mar e foi um dos que mais lotes .de escravos levava aos armazéns de Valongo... Ser rico à custa de tantas lagrimas não era para o filho do meu pai...

E aqui entrava o capitão a contar a Luísa coisas da sua mocidade, e absorvido nessas recordações não reparava que a filha seguia com a vista ansiosa o barco em que ia o herdeiro do milionário Gouveia.

****

Luísa amava, e amava com o primeiro e grande afeto de quinze anos.

Segregada das raparigas da sua idade, não tinha a quem confiar tantos e tão amantíssimos segredos: embriagada por aquele amor, deixava-se ir deliciosamente pela correnteza, sem medo de encontrar um dia a voragem que a tragasse, o abismo em que se lhe afundasse a honra e a vida.

Nunca tinha falado ao noivo da sua alma; via-o de longe, ora passar a cavalo pela rua em que morava, ora no rio quando o pai a levava aos costumados passeios.

Conhecia-o pelas cartas, que lia, relia e decorava, e a todas elas respondera, menos à última cujo conteúdo a trazia surpresa, enlevada, vibrante...

O não responder a essa carta era como que um assentimento a um pedido que nela se fazia.

O velho capitão nessa noite pedira à filha que lhe lesse uns livros de viagem. Luísa lia perfeitamente, com uma entoação harmoniosíssima, e dando com a voz um relevo maravilhoso à narrativa. O capitão, com o corpo reclinado na poltrona, o cachimbo apertado nos dentes, e a cabeça da Cigana nos joelhos, sorria na plena beatitude de um gozo

indefinido. De vez em quando, acordava daquela deliciosa sonolência e emendava as incoerências e os enganos do escritor.

— Nada, nada, isso não é assim. Venham cá dizer-mo a mim, que passei por esse ponto mais de trinta vezes...

As dez horas serviu se o chá, a Cigana foi levada para o quintal, e Luísa acompanhou o pai até ao limiar do quarto.

— Deus te abençoe, minha filha, disse o velho ao despedir-se, e beijou Luísa na testa.

— Hoje tenho pouco sono, papá, fico ainda a ler um bocadito na sala, se o papá quiser alguma coisa chame-me, sim? Vou acabar de ler este livro, acho o muito bonito. Gosto tanto da vida do mar!

— Filho de peixe sabe nadar, disse o capitão sorrindo com o divino sorriso dos pais, que se creem únicos senhores dos afetos dos filhos.

Passada meia hora, ouviu-se no quintal o ladrar contínuo, frenético e raivoso da Cigana.

O capitão gritou da cama:

— O que é aquilo, filha? A Cigana está hoje como nunca a vi. Vai sossega-la, se não tens sono, e prende-a. Naturalmente os pescadores saltaram-me à fruta. É o que é. Deixa-los lá, coitados! Estes dias tem havido pouco peixe. Não vá a Cigana fazer alguma das suas... Ora vai, anda, tem paciência... Eu não vou porque me sinto fatigado e esquisito hoje... A Cigana ouvindo-te, sossega...

****

Luísa desceu ao pátio.

Abriu com mão tremula a cancela e encostou-se vacilante, agitada e convulsa ao muro. O ladrar da cadela cessara. Adiantou-se. No fundo do jardim sob a latada, um vulto cosia-se com a parede. A pobre menina levou as mãos ao peito, como para sossegar a doida violência do coração que parecia sufoca-la; quis falar e não pôde. O corpo vergava-se-lhe frouxo, mole, sem forças.

De repente saiu das sombras das árvores a Cigana, que se arrastou para Luísa, ganindo dilacerantemente, movendo

com dificuldade a cauda, com a parte posterior do corpo quase paralítica, escorrendo-lhe da boca uma baba espessa, com os olhos dilatados desmedidamente...

Naquele olhar que a claridade da lua deixava distinguir havia um pedido, uma súplica.

— Cigana! exclamou Luísa.

Ouvindo aquela voz, a cadela, que se sustentava dificilmente nas patas dianteiras, ergueu ainda, por um supremo esforço, a cabeça, e, tomada de uma ansia aflitiva, convulsionando-se-lhe o corpo num estremecimento instantâneo, soltou um gemido rouco, escabujou violentamente, e caiu morta aos pés da filha do capitão.

— A sua Cigana é muito má, mas ainda é mais gulosa, disse o vulto que se escondia sob a latada.

— Que mal lhe fez este animal, Sr. Gouveia? perguntou repreensivamente Luísa, estrangulando-se-lhe a voz na garganta.

— Boa pergunta! Não subisse eu tão depressa para o muro e estava asseado a estas horas! O demónio do bicho! Mas vinha prevenido, atirei-lhe uma bola, que lhe soube

como se fosse manteiga. Ora deixe lá o cão, querida, não se faça piegas...

Luísa interrompeu bruscamente aquelas palavras tolíssimas, e endireitando o corpo, ergueu a voz quebrada pelas lagrimas:

— Saia, saia depressa; se não quer que o meu pai o venha aqui matar sem ser tão cobardemente como o senhor acaba de matar a minha pobre Cigana.

E em quanto o vulto marinhava pelo muro, a desditosa criatura abraçava a Cigana, e chorava como somente uma vez em vida chorara, quando lhe levaram para fora de casa o corpo da sua mãe.

— Cigana, minha pobre Cigana! repetia Luísa, fui eu que te matei!

Ao outro dia murmurava o capitão, fingindo-se sereno e forte para poder consolar a filha:

— Vão lá depois fazer bem... Eu mandava prender a Cigana para que não fizesse mal a ninguém, e pagaram-me desta forma!...

E o velho, para não chorar também, fingia que não reparava nas lagrimas que rolavam como pérolas pelo rosto descolorido e pálido da filha.

DUAS FACES DE UMA MEDALHA

Ela tinha já feito vinte e cinco anos, ele contava apenas vinte e dois.

Era uma criança triste e ambiciosa.

Sonhava no impossível, e nesse sonho criava forças heroicas para todas as lutas da realidade.

Margarida distinguira-o no meio de todos os homens ricos, elegantes, nobres ou poderosos, que a rodeavam e aclamavam rainha.

E que na cara dele, já cavada por duas linhas profundas, lia o que não lera ainda nos outros— o pensamento e a energia.

Sabia, porém, que o seu pai, o banqueiro milionário, só a daria com prazer a quem trouxesse mais lustre ou mais dinheiro à sua casa, e tímida, melancólica, sem disposições

para as lutas da vida, repugnava-lhe tudo que fosse combate ou resistência.

Tinha sido doente desde pequenina, era um organismo nervoso e delicado, cheio de caprichos inconscientes, mais artístico do que reflexivo.

Gostava de música, de flores, de versos, das coisas belas e harmoniosas, tinha um vago desdém silencioso por tudo quanto via ser o enlevo e a preocupação exclusiva dos seus.

O dinheiro! sempre o dinheiro!

Ninguém falava em torno dela senão em dinheiro, e no entanto ela, que vivia num voluptuoso ninho de princesa de conto de fadas, tinha pelo dinheiro em si o mais soberano desdém.

Salvava-a isto da vulgaridade que mais ou menos contamina as mulheres ricas.

Margarida no inverno vivia em Lisboa.

Tinha então a vida fútil e ociosa de todas as rainhas da alta vida.

Ia muito a S. Carlos, recebia numa certa noite da semana, presidia aos jantares dados pelo seu pai, ia passar muitas noites fora, fazia compras, corria as modistas acompanhada sempre por miss Brown, uma correta inglesa de saca-rolhas cor de açafrão, que o seu pai descobrira felizmente numa das suas viagens a Londres.

No meio desta vida artificial tão vazia e tão fatigante ao mesmo tempo, que lugar havia para que ela pensasse, sentisse, desejasse alguma coisa para fora do círculo estreito que a encerrava?

Margarida deixava-se viver.

Um dia, porém, num baile, apresentaram-lhe Eduardo de C., e depois de meia hora de conversação sentiu por ele o que não sentira ainda por nenhum outro.

Ficaram .conhecidos.

Ele na sombra, de longe, já se vê; ela lá em cima na plena irradiação da sua graça, da sua formosura, da sua opulência, de todo o seu esplendor.

Cumprimentavam-se com uns toques de familiaridade, e num ou noutro baile destes a que vai toda a gente, a boa e

a má, tinham-se apertado a mão mutuamente, e tinham trocado algumas frases afetuosas.

No verão, o pai de Margarida, que tinha propriedades em vários pontos de Portugal, consultava a filha para que lhe indicasse a quinta em que mais gostaria de passar as calmas do estio.

Pouco tempo depois do encontro com Eduardo, Margarida, disse ao seu pai, que a consultava como de costume:

— Este ano vamos para o Minho, sim? Sinto-me tão fraca, tão doente! O ar do Minho há de por força fazer-me bem.

E verdade que nas vésperas, num baile, Eduardo dissera-lhe, aproximando-se dela:

— Peço licença par A apresentar a v. ex. as minhas despedidas. Alcancei uma colocação em Viana do Castelo, e parto para ali um dia destes.

— Viana! pensou Margarida enquanto dois raios de alegria se acendiam nas suas pupilas de um azul sombrio.

— E em Viana a nossa quinta.

****

Partiram.

Na província a intimidade estabelece-se forçadamente entre pessoas que não pertencem ás mesmas camadas sociais.

Para se admitir um sujeito em qualquer sala de província exige-se simplesmente que tenha uma educação limpa, e que possua alguma prenda de sociedade.

Em Viana, na sala do grande banqueiro tão altivo e tão inacessível, reuniam-se não só os fidalgos mais primorosos das cercanias, como também os humildes funcionários do Estado, que por aquelas regiões se achavam acomodados .

Margarida, com o seu porte de soberana, o seu sorriso altivo e distraído, a graça ondeante da sua gentil figura, recebia a todos com a mesma benévola indiferença.

Todos a contemplavam fascinados e quase medrosos.

Ninguém se atrevia a dirigir-lhe finezas banais: de tal modo o olhar dela sabia tornar-se glacial, logo que adivinhava a pretensão de um namorado na amabilidade um tanto desastrada de algum dos seus convivas provincianos.

— Não há aqui um empregado chamado Eduardo de C.? perguntava um dia na sala a elegante filha do banqueiro.

— Há. Um rapaz muito estudioso, muito concentrado, que desenha muito bem, acudiu espevitadamente dali uma menina que fazia as delicias das *soiréss* de Viana, pela sua voz de falsete sempre pronta a torturar os ouvidos do próximo. Conhece-o?

— Foi-me apresentado este inverno em Lisboa; respondeu Margarida.

E acrescentou mentalmente: — Quem me dera que ele aqui aparecesse! Como me distrairia de todo isto que me cerca.

Isto era uma dúzia de cavalheiros da província acompanhados das suas respetivas esposas ou manas, tudo gente preocupada dos interesses mais mesquinhos, das pequenas intrigas mais pueris, falando, gesticulando,

dançando, tocando, cantando, murmurando e constituindo a única diversão das noites de Margarida.

Não sabemos de que traças usou a gentil lisboeta: sabemos que algumas noites depois desta, Eduardo de O. era apresentado por um fidalgote, aspirante e literato, na sala do banqueiro.

Desde esse dia ele e Margarida formaram em comum uma espécie de refúgio contra a frívola banalidade daquelas noites.

Eduardo desenhava com muito chiste caricaturas e graciosos croquis, que Margarida guardava contentíssima; ela cantava com a sua voz meiga e flexível algumas simples melodias alemãs, ou tocava as músicas dos velhos mestres clássicos, tão queridos de Eduardo.

Falavam a respeito de tudo com a liberdade de pessoas que se entendem e apreciam.

Discutiam literatura, música e verbos.

As vezes falavam ambos do futuro.

—Que tem tenção de fazer? perguntava Margarida.

— Ora! Não sei bem. Com certeza hei de fazer alguma coisa. Ando a criar forças para a luta. Há de ser tenaz, há de ser terrível, bem sei, mas eu hei de vencer!

— Quer que lhe dê um talismã para entrar no fogo?

Ele envolveu-a num olhar ardente; depois, baixando a vista, respondeu quase com violência:

— Não brinque comigo. Olhe, que me faz muito mal.

****

Margarida sabia que era amada.

Também ela sentia por ele o que nunca sentira, mas não tinha coragem para resistir ás ordens do seu pai.

Por esse tempo andava ele a arranjar o casamento da filha com o conde de V., um rapaz que tinha nas veias o sangue dos reis godos, e na cabeça a mais crassa estupidez de que há memória desde o tempo dos ditos.

Margarida sabia ou suspeitava do caso, mas deixava-se ir numa indolência de crioula à mercê dos acontecimentos da sua vida.

Ao pé de Eduardo sentia-se bem, e quando ele a fixava com o seu belo olhar de ambicioso e de pensador, Margarida esquecia-se de tudo que não fosse a delícia de ser preferida por aquele homem.

****

Numa noite em que os hóspedes habituais estavam na sala, e em que junto da mesa redonda do serão Eduardo e Margarida liam esquecidos de tudo que os cercava, felizes, despreocupados como os dois amantes do florentino, ouviu-se o rodar de uma carruagem que parava à porta do palácio.

O banqueiro levantou-se rapidamente da banca do voltarete e saiu da sala relanceando para a filha um olhar de esconso.

Margarida, sem saber porque, fez-se pálida, como uma morta.

— Ó meu amigo — exclamou num ímpeto ardente, irresistível, que não soube conter, — chegou o fim da nossa felicidade!

Eduardo olhou para ela desvairado.

— Que diz? que é isso? a que se refere?

Neste momento entrava na sala o pai de Margarida dando a direita ao último herdeiro de nobres avoengos.

— O Sr. conde de V... pronunciou com o orgulho humilde dos burgueses ambiciosos de honrarias sociais, apresentando o recém-chegado a toda a companhia.

Margarida acolheu-o com um sorriso gelado.

Conhecia-o, sabia que o pai queria pôr-lhe sobre a cabeça loura e altiva uma coroa de condessa, e sentiu que dentro da alma lhe estalava uma corda que nunca mais tomaria a vibrar!

****

Dali a seis meses todos os jornais anunciavam na secção do *high-life* o casamento da filha do banqueiro opulento com o neto dos heróis mediévicos.

Os noticiaristas fundavam as mais ardentes esperanças neste consórcio que aliava o sangue nobilíssimo e a fortuna colossal, e contavam com grandes minudências as pompas daquela festa principesca, os presentes riquíssimos que à noiva recebera, a toilette desta, a alegria dos numerosos convidados, etc., etc.

O que ninguém sabia é que esse casamento despedaçara duas vidas!

****

No fim de dez anos o conde de V... dera cabo do dote da mulher, e a vida do sogro, que morreu amaldiçoando-o.

Continuava, porém, *la vie à grandes guides*, que tinha começado no dia seguinte ao seu noivado, e já havia quem

calculasse muito pela rama por quanto tempo podia durar ainda a desenfreada orgia daquela existência de Marialva estúpido.

Em casa da condessa o luxo não se modificara com as aproximações da pobreza.

No olhar dela divisava-se uma profunda e desdenhosa indiferença da vida.

Nem o amor maternal conseguira salva-la do desespero.

Ligada a um homem que desprezava do íntimo da alma, entristecida para sempre por uma destas recordações que lavram dia a dia, e que por fim se apossam de uma existência inteira, Margarida procurava esquecer-se de si, aturdir-se no turbilhão das festas mundanas.

Os filhinhos estavam entregues ao cuidado daquela pobre miss Brown que ao ver o abandono dos pobres anjos, inocentes das culpas dos seus pais, se dedicara por eles com a abnegação profunda de que só é capaz uma inglesa feia!

Margarida passeava de carruagem, ia ao teatro, ao paço, aos bailes, ás festas de beneficência, vendia nos bazares de

caridade elegante, fazia e recebia visitas, e de vez em quando, se no meio deste turbilhão avistava o marido, media-o de alto a baixo com um olhar de profundo e inconcebível tédio!

Eduardo durante estes dez anos também, sofrera grandes modificações na sua vida.

Lutara como um homem, e soubera vencer a mediocridade do seu nascimento e da sua posição.

No instante em que aquela que ele um dia amara como a noiva estremecida da sua alma, sentia vagamente afundar-se no sorvedouro negro da miséria, ele recusara altivamente uma pasta de ministro e uma noiva brasileira, possuidora de duzentos contos fortes, isto depois de uma sessão legislativa, em que a sua palavra viva, nervosa, eloquente, colorida e artística tinha deslumbrado o país.

— Não me vendo por dinheiro, nem pelas honras mentirosas com que os tolos lançam poeira à cara uns dos outros; respondera a quem o interrogava espantado acerca destas duas recusas.

****

Alguém, que me contou este vulgar episódio da vida moderna, mostrou-me o fragmento de uma carta que Margarida escreveu doze anos depois de casada a uma socia das suas antigas alegrias.

<E a ti que prefiro escrever. Conheceste-me solteira, feliz, ídolo de um pai, que, ai de mim! se perdeu e me perdeu pela vaidade. Hás de ter dó de mim.

«Tenho dois filhos e preciso ganhar honestamente o pão que eles hão de comer!

«Pressinto o teu espanto, as tuas interrogações, os brados aflitivos da tua surpresa!

«Não me perguntes nada.

«Pergunta-o se quiseres, a essa Lisboa, que assistiu ao louco esfacelar de uma fortuna enorme, com o sorriso, banal e adulador que ela tem para todos os perdulários.

«Sabes a educação que recebi.

«Creio que seria uma mestra capaz de cumprir com a minha árdua missão.

«Em nome dos teus louros pequeninos, tão fartos de gulodices e de beijos, arranja-me algum meio de ganhar um pedaço de pão para os meus filhos.»

****

Dava lições!

A brilhante Condessa de V..., a filha adorada de um dos homens mais ricos de Lisboa, a rainha dos salões luxuosos, a estrela mais fulgurante do alto mundo, dava lições para sustentar os dois filhos que lhe restavam, únicos vestígios de um passado de pomposas mentiras.

O infortúnio nobremente suportado transfigurara aquele rosto desdenhoso e soberbo de garrida mundana.

Deixara de ser rainha e levantara-se mártir!

Levantava-se de manhã muito cedo, bebia à pressa uma xícara de café, que a sua fiel Miss Brown, companheira dos

triunfos e das desventuras lhe preparava pelas suas próprias mãos, e saía, modestamente vestida de preto, a cumprir a sua ímproba tarefa.

Só voltava a casa de noite.

Divulgara-se rapidamente a noticia daquela excecional desventura, e muita gente, que vira com desprazer a prodigalidade da caprichosa condessa, compadecia £e agora, sem pensamento reservado, daquela digna e santa expiação.

Margarida tinha muitas discípulas.

Fazia pena vê-la, muito delgada, quase diáfana, com os olhos pisados, as faces coradas pelo cansaço e pela febre, e um sorriso triste resignado, humilde, naqueles lábios que tinham sabido trejeitar com tão altivo desdém.

Era sempre a mesma alma sem energia.

Não esperava coisa nenhuma da terra senão a morte, levando a consciência de ter expiado os erros do seu orgulho.

Cumpria uma penitência, não encetava uma luta heroica de que esperasse sair vencedora. Numa tarde do mês de janeiro, chuvosa, húmida e fria, Margarida subia a muito custo a calçada de S. Bento, em Lisboa, onde morava uma das suas discípulas.

A rua, viscosa e lamacenta, inspirava-lhe aquela repugnância patrícia, que a infeliz ainda não soubera vencer.

A atmosfera plúmbea e carregada dava-lhe ao coração uma dose de invencível tristeza.

Sentia-se predisposta para as recordações cruciantes para as inúteis flutuações de um sonho que se extinguira.

Compreendia com angústia que lhe faltava coragem para levar a cabo o doloroso dever que a si própria impusera.

Oh! ela bem sabia que a sua alma não era da têmpera das que lutam e se sacrificam!...

Nisto uma carruagem elegante descia a calçada ao passo de dois formosos cavalos ingleses.

Margarida, vendo a alguns passos o correio agaloado, percebeu que era um ministro e, sem querer, movida por um impulso súbito, levantou os olhos e fitou os no homem que ia dentro do trem.

O que ela sentiu não se explica.

O ministro era Eduardo de C.

Os olhos dos dois encontraram-se.

Margarida quis saborear a voluptuosa tortura de ver nesses olhos o brilho de um satânico orgulho, de um triunfo sinistro e mau.

Não viu!

Eduardo teve tempo de inunda-la num destes olhares doces, untuosos, cheios de misericórdia, de doçura, de perdão; num destes olhares que só podem comparar-se ao olhar do Cristo redimindo a Magdalena!

Só de longe a tinha visto de vez em quando nas salas do alto mundo: nunca lhe falara então; não quis humilha-la falando-lhe agora!

Ela sentiu que se lhe despedaçara no peito alguma coisa indispensável à vida.

Apertou em torno do corpo friorento e emagrecido as pregas do seu pobre chale preto, abaixou a cabeça instintivamente, como se fizesse pender para a terra um peso estranho, e continuou a subir devagarinho, arrimando-se à parede, aquela eterna calçada, cheia de água e de lama.

Caía uma chuva fria e miúda que lhe encharcava o fato.

****

Um mês depois, da casa pequenina de Margarida saía um enterro modesto.

Era o enterro delia.

Miss Brown explicava que a pobre senhora voltara uma noite muito constipada das lições, que teimara em sair ainda no dia seguinte, mas que tivera de recolher-se à cama, onde penou pouco menos de um mês.

O enterro de Margarida levava por acompanhamento único uma carruagem sem brasão.

Nessa carruagem ia Eduardo de C.

Margarida, antes de morrer, escrevera-lhe uma carta cujas súplicas dolorosas iam apagadas pelas lagrimas.

Os dois órfãos de Margarida estão agora a educar-se num dos melhores colégios de Lisboa, e todas as despesas da sua educação são pagas por um protetor invisível e misterioso.

Há quem dê a essa Providencia ignota o nome simpático e hoje glorioso e querido de Eduardo de C.

A TIA ISABEL

Conhecia-a em casa de Uma família amigada minha.

Afirmavam os que a tinham conhecido em menina, que fora bonita; a mim parecia-me simplesmente simpática.

Era alta, magra, loura e muito branca, uma fisionomia serena e melancólica, sem muito relevo, mas com muita doçura.

Andava sempre vestida de escuro, com uma simplicidade em que transpareciam, porventura, vislumbres de antigas elegâncias.

Ao olhar para ela conhecia-se que havia de ter gostado de certas puerilidades mundanas, de se vestir e pentear bem, por exemplo, de ser citada pelo esmero do seu gosto, e pela distinção finíssima das suas maneiras.

Hoje todas as vaidades se tinham apagado; fizera quarenta anos, e acolhera-os com resignação, com dignidade, com uma certa graça melancólica que lhe ficava muito bem.

Nenhum dos rapazes que frequentavam aquela casa se atrevia a chamar-lhe solteirona.

A solteirona é a mulher solteira que não sabe aceitar resignada as amarguras da sua isolação, e as converte em ridículos quando as não converte em péssimas qualidades.

A solteirona é pretensiosa, presumida, ávida de atrair a atenção, revolve os olhos sentimentalmente, lê romances, come gulodices, tem um king charles e inveja tudo o que é novo, radiante, feliz, tudo que tem esperanças e para quem o futuro, desabrocha em promessas.

A solteirona é egoísta, incomodam-na como uma injúria que lhe é particularmente dirigida todas as alegrias que não tem, persegue-a atrozmente a aspiração irrequieta a um pobre marido que pudesse atormentar à vontade; sente se na vida como numa casa que não é sua; daqui o seu mau humor continuado que torna dela quase sempre o flagelo da família onde se sente pária!

A tia Izabel, porém, não era nada disto, pelo contrário.

Tinha para os sobrinhos um coração que, sem ser de mãe, encerrava muito de maternal, sobretudo no que as mães têm de indulgente!

Nunca a vi colérica, nunca a vi também excessivamente animada.

Não se ria, mas tinha habitualmente um sorriso plácido, quase distraído, ô sorriso de quem se sente um pouco estranha a todas as alegrias que a rodeiam, mas que nem por isso deseja projetar as suas sombras na luz que os outros espalham em torno dela.

Era muito estimada pelo irmão, pela cunhada e pelos sobrinhos, uns traquinas que andavam sempre a recorrer à sua inesgotável paciência, e que nunca foram expulsos com um gesto de irritação ou de desamor.

Sabia a difícil ciência de se tornar útil a todos, quase indispensável; estreitando deste modo os laços que a prendiam aos seus, tornando-os por assim dizer inquebrantáveis:

Sentia-se assim menos só!

Nos jantares de família os melhores pratos eram sempre executados debaixo da sua direção; era ela quem fazia o menu, quem distribuía os lugares, quem presidia a todos os arranjos de casa.

Encarregava-se das tarefas mais enfadonhas, daquela parte aborrecida que tem uma festa e que as donas da casa aceitam com tédio, mas que lhes é mais tarde compensada no aplauso, na satisfação, ás vezes mesmo na inveja disfarçada em risos dos seus convivas.

Nessas ocasiões solenes em que ninguém dava por ela, creio que se permitia um instante de inocente amor próprio, vendo a mesa bonita, bem disposta, com a elegante e simétrica poesia das grandes jarras do Japão cheias de flores, dos cristais facetados onde o vinho tomava as olímpicas aparências do néctar, da bela louça da China de lavores extravagantes e fantasiosos, da roupa fresca, pesada, macia, de Unho da Rússia adamascado, tendo bordadas iniciais.. . que não eram as dela.

Depois voltava para o seu lugar secundário, obscuro, e voltava de boamente com simplicidade despreocupada.

Estava sempre bem com todos, sem se curvar obsequiosamente diante de alguém.

Tinha mesmo um modo seu de dizer as verdades com firmeza e com brandura, sem transigências cobardes, sem severidade excessiva.

Quando havia em casa um doente, sentava-se-lhe tranquilamente à cabeceira, fazia-lhe sentir com discreta suavidade a sua influência boa, perdia as noites com um aspeto de intrepidez e de meiguices; era inapreciável enfim.

Tinha uma infinidade de pequenas ideias que punha em prática e de cada uma das quais resultava um alívio para o doente: arranjava as almofadas, aconchegava as roupas do leito, dir-se-ia que a sua mão esguia, branca, um pouco seca, tinha o segredo de verter balsamo em todas as feridas de um corpo enfermo.

Na convalescença lia alto.

Escolhia muito bem os livros, tinha a maravilhosa intuição de todas as necessidades de um espirito adormecido, naquela dúbia luz crepuscular da doença física.

A sua voz velada, sem grande sonoridade, tinha umas notas macias que entravam até ao fundo do coração e que o amoleciam docemente.

Ainda nos desgostos de família, na hora das crises e das catástrofes era para ela que instintivamente todos os braços se estendiam.

E que ela, com o seu passo miudinho, o seu ar sereno, os seus hábitos metódicos, nem à frente das máximas catástrofes perdia a placidez necessária.

Uma das suas particularidades mais acentuadas era a repugnância pelo barulho, pelo espalhafato, por todas as exterioridades aparatosas.

Andava, falava, trabalhava, movia-se sempre devagarinho.

Lembro-me perfeitamente do quarto dela, como de uma espécie de pequeno santuário onde poucas vezes penetravam as travessas crianças de quem ela era como que segunda mãe.

Quando eu acertava de lá entrar com elas, enquanto a pequenada corria de um lado para outro, vendo, tocando tudo, perguntando informações de todas as coisas, eu

observava calada com o meu olhar de mais velha, mais penetrante e mais curioso.

Tudo ali era limpo, asseado mas tudo antigo, datando sem dúvida da sua adolescência, do tempo em que ela fora feliz, porventura requestada e formosa.

A alcova branca, discreta, com o seu oratório de pau santo, cheio de belas imagens, a Virgem risonha e loura com o menino nos braços, o Cristo macerado e sangrento com a expressão de sobre-humana agonia no amortecido olhar.

No gabinete contiguo as cortinas, os reposteiros de chita, as poltronas, as pequeninas mesas cobertas com os seus papos de crochet, as estantes de livros, tudo, enfim, era bem conservado, sem ser novo; via-se que tinha sido o objeto de atentos cuidados, que todas aquelas coisas mudas tinham sido as companheiras únicas de uma existência concentrada e solitária.

Nas paredes, sobre as pequenas *étagères*, muitos retratos, todo um cortejo rapaz e triunfante que passava ao longe.

Exalava se daqueles objetos tão esmeradamente cuidados, um vago, um indistinto perfume de saudade, como de um

herbário de flores secas, colhidas entre risos de cristal, nos dias radiantes da primavera...

Os pequenos então, com a sua inconsciente crueldade infantil, faziam mil perguntas, impacientes, curiosas...

— Quem era esta menina, tia Isabel? tem um vestido de seda decotado e na mão um malmequer que está desfolhando. Como ela pensa tão embebecida! Em que pensaria ela, minha tia?

— No futuro!... respondia ela sorrindo com o seu belo sorriso intraduzível em que havia talvez muitas saudades.

— Que é feito dela? Era sua amiga, não era? Porque é que a não vem cá ver nunca?

— Ao princípio veio, depois casou-se; o marido levou-a a viajar, foram muito longe, divertiram-se, provavelmente ela esqueceu-se. Quando voltou trazia um filho, um baby louro e cor de rosa como o teu irmãozinho Arthur. Só o vi uma vez. As crianças absorvem muito as mães, por causa delas esquecem-se de tudo, até das amigas da infância. Hoje só sei que é muito feliz, e quando tenho saudades olho para o retrato dela!... Fomos tão amigas!

E calava-se baixando os olhos, receosa de que a vissem contemplar com demasiado enlevo os dias que já não podiam voltar.

Todos aqueles retratos tinham uma história.

Aquele cortejo de juvenis visões louras, morenas, travessas ou melancólicas faziam parte do passado, por isso lhes queria tanto.

Umas tinham casado, eram felizes, viviam absorvidas pelo divino egoísmo da família, todas entregues ao bem estar dos seus, aos interesses, ás alegrias, ás dores do seu pequeno círculo de afetos.

Outras tinham morrido; eram as que ali nos apareciam mais pálidas, com um vago reflexo de luz febril nos olhos pasmados e pensativos.

Tinham morrido na plena florescência do seu imaginar juvenil, levando para a cova, como levariam uma flor ainda constelada pelos orvalhos matinées, a doce quimera que nenhum sopro brutal lhes tinha desfeito.

Fecharam os olhos cercados por todas as aparições fulgidas, que envolvem a mocidade como num círculo de

estrelas, e foram despertar — quem sabe noutras regiões de que ninguém ainda voltou, do sonho feliz que tinham começado na terra.

Não eram essas as menos bem-fadadas.

Ela, porém, fieira só.

Porquê?

Condenação de que não conhecia o implacável segredo!

Também fora nova, também tivera crenças, esperanças, pequenos sobressaltos de amor próprio, efémeras vaidades de quem se julgara querida!

Estremecera muita vez, ao sentir abrir uma porta, ecoar um passo ligeiro e firme nos vastos corredores, vibrar uma voz viril, grave e terna!

Tivera rubores súbitos, sentindo pousar na sua cara branca, a luz de um olhar quente e caricioso; colhera uma rosa, prendera nos cabelos um cacho de madressilva, vestira um dia um certo vestido branco, cheia de alegria, agradecendo a Deus ter feito a vida tão boa, o céu tão azul, o cheiro das árvores tão penetrante e tão sadio!

Olhava neste tempo para as crianças, beijava-as como a ensaiar as graças da maternidade, fazia-lhes festas, pensando que também havia de ter um dia uns pequeninos como aqueles, que lhes havia de querer muito, e levai os a passear, seguida pelo olhar invejoso das outras mães... cujos filhos seriam forçosamente feios.

Então consultava consigo mesma o sistema de educação que adotaria, e o modo porque os havia de vestir, e concluía vendo-os entrar para a Universidade, num dia de muitas lagrimas e de muitos dilaceramentos, altos, esbeltos, um pouco altivos, com um buçosinho louro, apetitoso como a penugem de um pêssego mal maduro.

Foram-se-lhe dias e dias neste sonhar que a entretinha, como a leitura de um romance cujo interesse nunca afrouxa.

Um dia, porém, por acaso viu-se ao espelho, e despediu-lhe o seio um grito de angústia.

Despontava-lhe entre os fartos cabelos louros, o primeiro cabelo branco, um fio de prata, ténue, quase impercetível, uma coisa em que ninguém reparava.

Reparou ela.

Reparou também nesse momento que todas ou quase todas as companheiras tinham casado, que muitas das suas ilusões se tinham desfeito ás ásperas nortadas da realidade, que se ia sentindo na vida muito só.

Teve umas horas de luta, de revolta, quase de desespero.

Alguém, o alguém invisível em que ela sempre acreditara, mandou-lhe a força, porque lhe mandou a resignação!

Quando o pai lhe morreu veio para casa dos irmãos, e a pouco e pouco achou em si a fonte de todas as riquezas misteriosas, que espalhava pelos afetos que o seu coração adotou!

Eis pouco mais ou menos a história da tia Izabel.

O MELHOR SONO DO MILIONÁRIO

Tinha ido para o Brasil há muitos anos.

Ainda havia frades em Portugal e fora até um seu tio frade que o acompanhara a bordo de um brigue e que lhe dissera com voz solene e sentenciosa, no momento da despedida, estendendo os braços num largo gesto de pregador:

— Deus te leve a salvamento, Francisco!

O Sr. Francisco Cerqueira lembrava-se de todos os pormenores e incidentes trabalhosos da jornada que ele fizera desde a sua pequena e risonha aldeia minhota até Lisboa.

Era um gosto ouvi-lo à mesa, ao domingo, quando o armazém repousava na sua humidade claustral, e não se ouvia o estrepitoso labutar dos negros carregadores, a voz arrastada dos Mineiros fregueses da casa, e a melopeia das quitandeiras na rua.

Os sócios muito mais novos que Cerqueira puxavam-lhe pela língua conforme a pitoresca locução do povo, e à sobremesa, recostados, com os charutos acesos, ouviam-no discretear alegremente.

Lembrava-se de tudo o Sr. Cerqueira. Era uma crónica viva. Recordava-se da sua aldeia, narrava histórias da sua infância, descrevia com rudes mas pitorescas frases a aula de primeiras letras, o abade da freguesia, as proezas do tio frade, que com um varapau nas unhas era homem para varrer toda uma feira, e enternecia-se até ás lagrimas, quando tocava no assumpto de despedida da mãe.

— Ah! vocês não imaginam! Não me saí daqui! Parece que tenho um nó na garganta, quando me lembro daquele momento. Abraçava-me a chorar e a soluçar que era uma coisa por maior! ainda me parece que a vejo ao pé das carvalheiras do adro da igreja, estendendo-me os braços de longe e gritando sufocada:

— Ah! rico filho, rico filho da minha alma!...

Que idade terá ela hoje? Ora, espera, eu tenho cinquenta e seis; ela, pelas minhas contas, vem a ter os seus setenta

bem puxados... quem me dera vê-la!

— Mas, seu Cerqueira, nada roais fácil! porque se não resolve? Em dezoito dias está lá. ..

— Sim, é verdade.

E ficava triste e meditabundo por instantes...

— Mas tenho medo de chegar e de não a encontrar. O único motivo que me leva à Europa, é ela, a pobre velhinha... E o único parente que tenho, que não sei se vocês sabem, que da nossa família restamos tão somente nós, ela e eu... a minha terra é aqui, para aqui vim criança, e aqui me fiz gente.. . Que vou eu fazer à Europa, não me dirão?

Isto dizia o Sr. Cerqueira; mas o que se lhe passava no íntimo era bem diverso. Tinha saudades, tinha-as e bem fundas da aldeia em que nascera e da casa em que se criara.

Porque a sua vida fora um lutar sem tréguas, um batalhar decidido e um inferno, à saída do qual ele contava, como o mitológico Orfeu, rever as apetecidas Eurídice — a mãe e a pátria...

Escrevia à mãe de três em três meses, e nunca deixava de lhe recomendar que conservasse tal e qual como estava a casita, e que não mexesse nunca no leito em que ele dormira nos anos próximos à partida para o Brasil.

«Porque desejo morrer nele», escrevia Cerqueira à mãe amantíssima.

E ia-se deixando ficar.

Por duas vezes os sócios estiveram em Portugal, mas o nosso Cerqueira não se decidia.

As vezes parecia tomado de uma forte resolução, e, ouvindo as descrições das viagens dos sócios:

— Homem, parece-me que sempre me resolvo!

No outro dia, porém, li andava pelos armazéns mourejando, dando ordens, e naquela atmosfera de trabalho vivificante e saudável parecia transfigurado e como que esquecido da promessa que a si próprio fizera.

****

Um dia, quando o Sr. Cerqueira encarapitado no alto banco de palhinha sobre a secretária, revendo se na sua bela letra inglesa e floreada, entrou no escritório um dos caixeiros anunciando-lhe que estava ali um sujeito que desejava falar-lhe.

Cerqueira colocou a pena atrás da orelha, puxou do lenço vermelho, e abrindo a caixa enterrou unidos, no tabaco, o polegar e o índex, e mal acabava de absorver a pitada pela narina direita, tamborinando voluptuosamente com os restantes dedos na esquerda, quando lhe surgiu à porta um rapaz bem trajado e modesto, que figurava ter quando muito “dezasseis anos.

— Creio que falo ao Sr. Francisco Cerqueira?

— É verdade.

— Cheguei hoje de Portugal e trago-lhe esta carta.

E o rapaz desabotoando o fraque, tirou do bolso uma carta que entregou respeitosamente ao negociante.

Olhou atento para a letra do sobrescrito e sorriu-se; um bom sorriso beatífico e dourado de mocidade que lhe iluminou o rosto.

Depois abriu a carta, desdobrou-a e colocando-a perante o rosto começou a lê-la devagar, como que saboreando cada palavra e cada frase. As vezes parava, e como um namorado que espreita por cima de um muro, erguia os olhos acima do papel e examinava atentamente o rapaz, que se conservava de olhos baixos, direito e tranquilo.

Chegando ao fim da carta, voltava de novo a lê-la. Era como que um conversar com aquelas letras que vinham de longe e que lhe traziam um pouco de perfume das laranjeiras do país natal, e um tudo nada das lagrimas da sua mãe.

— Queira sentar-se, disso benevolamente o comerciante ao mancebo.

E continuou a ler. A carta era pequena, mas naquelas letras arrevesadas e trémulas ele via um rosto, umas feições adoradas, e logo depois como nas tintas esbatidas e aéreas de um sonho de convalescente, levantava se uma figura de mulher ainda nova e vigorosa, ao pé de umas carvalheiras, e essa mulher estendia-lhe o» braços e dizia-lhe de longe com uma voz entrecortada de lagrimas:

— «Ah! rico filho, rico filho da minha alma!»

Arrancado daquela visão, o Sr. Cerqueira dobrou a carta devagar com as mesmas dobras, abriu a larga carteira de marroquim vermelho e colocou-a com grande cuidado num determinado compartir mento.

Em seguida levantou-se e pitadeando de novo:

— Olhe, o nosso guarda livros vai espairecer até Buenos-Ayres, e creio que por lá ficará. Coitado! aquilo vai mal!... Quer o senhor ocupar esse lugar nesta casa?

O rapaz aceitou reconhecido, e ia a levantar-se quando um preto velho em mangas de camisa abriu a porta do escritório:

— O jantar está na mesa...

****

Passados dias notaram os sócios do Sr. Cerqueira que este não parava em casa um instante. Saía frequentemente, andava mais contente e lépido que o costume. Pouco falava ao jantar; de comunicativo que era, tornara-se recolhido

consigo, mas no olhar lampejava-lhe uma doce e inefável alegria.

Ora que fazia o Sr. Cerqueira?

Andava envolvido numa terrível conspiração, queria desfazer-se, desligar-se dos queridos laços, criados pela sua longa e trabalhosa vida de perto de quarenta anos, naquela terra a que ele de entranhas queria, e aonde aportara pobre, desprotegido, sem recursos...

Logo pela manhã, depois de dar as suas ordens no escritório, metia-se a caminho, percorria as ruas, examinando atentamente coisas que antes lhe tinham passado desapercebidas.

Entrando nos americanos, dirigia-se aos formosos arrabaldes da corte...

Lembrava-se então das suas merendas saudosas e iluminadas pelo sol dos vinte anos, no morro de Santa Teresa, nas chaçaras ridentes do Botafogo, à sombra das árvores do Corcovado.

E passava distraído sem corresponder aos frequentes e afáveis cumprimentos que lhe faziam os conhecidos e

amigos, do alto da imperial dos ónibus, ou da plataforma dos americanos.

Alguns dos companheiros dos seus passeios e folguedos da mocidade tinham morrido, outros tinham deixado o Brasil e viviam na Europa, em Portugal.

— Como puderam eles deixar isto sem saudade? É verdade que eu gostava de morrer lá, onde nasci, na minha pobre aldeia, ao pé da minha mãe... pensava o Sr. Cerqueira.

E à hora do jantar, já não havia o conversar, e aquele teimoso questionar que tanto alegrava os dois sócios!

E que o Sr. Cerqueira continuava a falar consigo e a passar uma a uma pelos dedos as contas do místico rosário das suas saudades...

****

Uma tarde os sócios de Cerqueira bateram-lhe à porta do quarto. Houve uma certa demora em se abrir essa porta.

Insistiram. Cerqueira veio enfim saber o que era.

Entraram os dois e recuaram surpreendidos perante a mudança que observaram.

No meio do quarto estava uma grande mala escura cravejada de pregos amarelos; em cima do canapé esgarçado avultavam montes de roupa branca, e pequenas malas inglesas com fechos dourados e reluzentes. As gavetas da comoda estavam corridas, havia naquele quarto em fim a aparência de uma casa saqueada...

— O que é isto, seu Cerqueira?

— É o que vocês estão vendo. Amanhã é o dia da partida... Resolvi-me enfim...

— E eu que tinha apostado aqui com o seu Fernandes que você nunca se resolvia...

— Pois, meu amigo, perdeu a aposta, cortou o Cerqueira, sorvendo sibariticamente um pitada.

Na manhã do dia seguinte, no tombadilho de um dos vapores da Companhia do Pacifico, enquanto os dois sócios do Cerqueira riam e diziam facécias, deitando com ares de

casquilhos atabalhoados as lunetas a algumas francesas, que, com os seus vestidos de fazendas claras animavam alegremente aquele conjunto de pessoas possuídas de tão estranhos e contraditórios sentimentos, o nosso viajante olhava com os olhos de quem se despede de um sítio amado para os armazéns, para os trapiches que se retratavam nas águas da baia, para as torres das igrejas que se arrendavam nitidamente no claro céu azul.

****

Em Lisboa pouco se demorou.

No hotel, alguns amigos quiseram prendei-o ainda, tentando-o com o teatro lírico, com Cintra e com as poucas fascinações baratas de Lisboa.

Cerqueira resistiu, e numa bela manhã, metido numa diligência que partia de Braga, dirigiu-se para Ponte de Lima. Aqui alugando uma carruagem dirigiu-se para a aldeia em que nascera.

A meio caminho apeou-se, despediu o homem que o acompanhara, e deitando ao hombo uma pequena mala que trouxera, encaminhou-se para o seu lugar.

Seriam quando muito duas horas da tarde. O calor era grande. Pouca gente na estrada. Cerqueira parou a contemplar o quadro.

De um dos lados do caminho viam-se algumas raparigas com largos chapéus desabados e saias apanhadas segando erva, à compita, e misturando o seu canto ao metálico e monótono cantar das cigarras...

Do outro lado, um rapazito meio nu, de carapuça, sentado no chão, estava de guarda a meia dúzia de bois que pastavam tranquilamente na erva macia e tenra...

De vez em vez, quando um dos bois se aproximava de algum castanheiro, o rapaz agarrava de um calhau, e atirando-lhe rasteiramente, gritava:

— Eh! malhado...

— Quantas vezes eu também guardei as vacas da nossa casa! pensou Cerqueira.

— Ó rapaz, venha cá, disse para o rapaz, venha cá, rapaz!

O rapaz olhou para o forasteiro com um olhar estúpido o embezerrado e deixou-se ficar.

— Venha cá, menino, que lhe não quero mal...

O pequeno não se movia.

— O rapaz é mouco, disse consigo o viajante, e como quem conhece o coração humano, tirou a bolsa e mostrou-lhe uma moeda de prata.

— Queres isto?

De um salto o rapaz pôs-se a pé, tirou a carapuça, e coçando a cabeça aproximou-se.

— Diga-me uma coisa, menino, é aqui do lugar?

— Saiba vossemecê que sim senhor.

— Conhece a tia Genoveva?

— Uma que é assim a modo bexigosa, e já muito velhinha?

— Essa mesma.

— Olhe, ainda há pouco a vi passar da banda do rio... São horas de a topar em casa...

Cerqueira estava por fim tranquilo.

Desaparecera o receio de não encontrar a querida velhinha.

Verdade é que podia ter tido notícias dela em Lisboa escrevendo ao abade, mas queria fazer uma supressa, chegar de improviso.

Aquela hora as aldeias do Minho são silenciosas e calmas, e há nelas como que a intima paz das fabricas ao domingo.

Os homens andam no campo, as mulheres, quando os não acompanham, estão nos lavadouros ensaboando, e poucas pessoas, a não serem os velhos e algumas crianças, ficam em casa.

Na sombria humidade das tabernas descobre se a taberneira fiando, enquanto no quinteiro próximo os porcos com os focinhos semienterrados na lama grunhem voluptuosamente.

Um ou outro cavaleiro que passa ás vezes pela estrada num chouto endiabrado, com o pão de choupa apertado nos

joelhos, levantando uma nuvem de poeira dourada. E é então que os cães acordam aquele silêncio, latindo e correndo atrás dos cavaleiros, e que aparecem ás janelas e ás portas as raras pessoas que ficaram em casa.

Quando Cerqueira bateu à porta da casa pulava-lhe o coração de um modo desusado.

— Quem é?

— Alguém é, respondeu o viajante.

— Pois empurre o postigo, puxe pela aldraba e entre, se isso o não incomoda.

Assim o fez o nosso Cerqueira e entrou na saleta em que a tia Genoveva dobava...

Ante aquele homem estranho, a velha surpreendida parou, e pondo uma das mãos à frente dos olhos como uma pala:

— Que me quer vossemecê?

— Um abraço e um beijo, balbuciou o que entrara com voz enternecida e expirante...

— Ele que diz? Ó Cristo!

E levantando-se foi direita à janela para chamar por socorro imaginando ver-se a braços com um doudo.

— Olhe que não estou doudo, santinha! Venho de longe e trago-lhe um beijo e um abraço de uma pessoa que é muito sua amiga.

— Do meu Francisco? exclamou a velha. Venham de lá não só um mas muitos abraços, que ele no dinheiro é mais generoso, valha-o Deus! Um só abraço!

E a velhita apertou nos braços Cerqueira, que com as lagrimas nos olhos murmurava:

— E eu que pensei que me conhecia! Pois não me conhece, minha mãe? Eu é que sou o seu Francisco, sou eu, repare bem. ..

A velha então explodiu um alto e clamoroso grito, e chorando e rindo, caiu nos braços do filho.

— Agora conheço, sim, estava tonta! Esta cabeça t Mas se tu eras uns dez réis de gente quando abalaste daqui... Onde está a tua roupa? Já jantaste? Cá a gente janta ao meio dia, mas arranja-se tudo, não tem duvida... a Joana foi à cidade, vou eu mesma matar uma galinha... Tens fome?

deves ter, sim? A minha cabeça... aminha cabeça! O meu Francisco!. Mas porque me não mandaste dizer que chegavas, rapaz? Valha-te Deus!...

E a tia Genoveva no meio do seu contentamento saía da sala para logo voltar, amontoando perguntas sem nexo.

— Gostas disto? gostas daquilo? Do que vais gostar é do vinho, é do nosso caco de salsa e saiu-me daquela casta! O presunto vamos com Deus, que também me saiu bom. Aves provar... Ora o pecado do rapaz que me não avisou de nada!

E saía para daí a pouco voltar com a mesma abundancia de perguntas e de frases penetradas de amorável repreensão...

****

Oh! que bom e que intimo foi aquele jantar!

A sala alegre e caiada de branco, a toalha as-, pera, grossa e nevada, os talheres de cabo de osso fabricados em Guimarães, os copos com um friso dourado nas bordas, as janelas abertas e dando para os campos onde caíam

suavemente as tintas do sol posto, tudo dava uma quieta e serena beatitude ao coração do brasileiro.

A mãe encostada ao espaldar da cadeira em que estava sentado o filho servia-o com muito carinho, fazendo-lhe perguntas sem conta a que ele respondia com o rosto inundado e clareado pelas lembranças de um passado que as palavras da mãe evocavam renascido.

Depois coube-lhe a ele fazer também perguntas: o que era feito deste, se ainda era vivo aquele, se no sítio de tal ainda existiam aquelas carvalheiras onde havia antes tanto ninho de melro, e se uma casara, e outra tinha muitos filhos, eu sei! um mundo de recordações e de saudades!

E com o olhar humedecido, Cerqueira percorria tudo, o velho armário pintado, as grades da varanda, as medas levantadas no meio da sombria verdura dos campos...

Ia caindo a noite, ouvia-se já na aldeia um certo borborinho de vida, vinham da estrada trechos ruidosos de conversações. Recolhiam do campo os trabalhadores.

E os dois a conversar ainda!

— E a Joana que não chega da cidade! É sempre assim!

Quando há pressa é que não vem... Queres tu dar uma volta peio lugar, Francisco?

— Nada, minha mãe! Este dia é só para si. ainda bem que ninguém me viu, e que se não sabe que cheguei... Conversemos, tenho tanto que dizer, tanto que ouvir. .

Entrelaçava-se de novo a conversa, e assim estiveram até que a velha disse:

— E então não querem ver que o rapaz quer tirar-me dos meus hábitos! São horas de deitar. Vou fazer-te a cama, está aí quedo que eu já volto.

Voltou daí a pouco com um candeeiro de três bicos A luz batia-lhe no engelhado rosto cheio de bondade, e um sorriso de ventura brincava-lhe nos olhos e na boca.

E, empuxado suavemente pela mãe, o brasileiro entrou no quarto que lhe estivera preparando.

A velha abeirou-se da cama, desdobrou as roupas, ajeitou a travesseirinha de largos bordados tesos e engomados, e voltando-se para o filho que examinava tudo curiosamente:

— Agora toca a deitar! Tenho tanta pena que me não trouxesses uma nora! pois eu creio que lá no Brasil há muitas raparigas bonitas, pois não há?

O brasileiro sorria-se, e a mãe incansável enchia-o de perguntas, de mimos, de recomendações, até que saiu abençoando-o com toda a sua alma, rude mas extremosa.

****

Francisco Cerqueira deitou-se, e ainda que lhe parecesse que o tinham de incomodar os pesados lençóis de linho duros e ásperos, adormeceu profundamente.

Sonhou. Estava no Brasil, os sócios tinham chegado da Europa, vinham queimados da viagem, mas contentes; contavam anedotas e casos sucedidos durante o passeio.

Que Portugal era um jardim, o Minho sobretudo! não se fazia ideia.

Narravam a maneira como tinham sido recebidos na aldeia natal, as festas, as alegrias da chegada, as noites de

esfolhada, as romarias ruidosas ... Cerqueira ouvia-os, e lá por dentro do coração, sentia a grande e plúmbea nostalgia do país natal... Se eu pudesse lá ir! Mas para quê? Estou velho... e depois pode ser que a velhinha já não viva!...

E continuava a trabalhar, a dar ordens no húmido armazém sombrio entre os escravos...

Nisto sacudiram-no uma, duas vezes, três vezes.

— O grande mandrião, pois isto são horas de dormir ainda? Olha que já estou a pé há duas horas! Na cozinha vai tudo raso com trabalho! Arriba, homem! Não tens vergonha, dorminhoco?

E o brasileiro, estendendo os braços e esfregando os olhos com os punhos fechados, perguntou bocejando:

— Que horas são?

— Dez horas, grandessíssimo preguiçoso!

— Há quarenta anos que não durmo um sono tão bom, minha mãe!

A PERCEPTORA

Chamava-se Marta de Vasconcelos.

Era alta, loura, delicada como uma figura de *Keepsake*.

Uma fisionomia suave e infantil que cativava pelo seu encanto inconsciente.

A primeira vista, nas soirées semanais do comendador Gonçalves, vestida de branco, com um simples veludo negro nos seus cabelos crespos de um louro fulvo e ardente, parecia uma criança despreocupada e frívola.

Não o era.

Quem a conhecesse de perto sabia que ela tinha a seriedade precoce dos que já padeceram muito.

Nenhuma sentimentalidade falsa no seu olhar azul, meigo e pensativo. Nenhuma ideia errada, nenhuma quimera juvenil na sua cabecinha de uma lucidez singular.

Sabia conservar-se na sombra, sem deixar de ser digna; tinha a consciência da mesquinhez do seu destino, sem ter nunca aprendido a ser humilde.

Pouco falavam com ela, e no entanto parecia não dar pelo desdém quase brutal de toda aquela gente que a cercava.

Tinha um modo dócil e meio risonho de sentar-se ao piano, e tocava uma noite inteira valsas, contradanças, lanceiros, que outras dançavam, na expansão da sua alegria burguesa.

Nunca lhe perguntavam se estava cansada, nunca lhe davam a menor mostra de interesse ou de simpatia.

Pagavam-lhe integral e generosamente, tinham direito aos serviços correspondentes a essa remuneração.

As suas relações paravam aqui.

Não. sabiam se ela tinha uma alma, se essa alma se iria azedando a pouco e pouco ao contacto daquela indiferença cruel; não sabiam do seu passado senão que era honesto e puro, nunca pensavam no seu futuro senão vendo-a eternamente curvada ao peso do mesmo destino ingrato.

Marta era mestra de duas filhas do comendador, duas rapariguinhas de treze a quinze anos, muito presumidas da sua riqueza, muito vaidosas do seu luxo, das carruagens em que andavam, dos vestidos de seda que vestiam, das festas com que os pais alteravam de vez em quando a chata monotonia do seu viver de negociantes retirados.

O comendador tinha um filho muito mais velho do que as irmãs, que se educara na Alemanha; e que depois de viajar pela Europa inteira, tinha regressado por fim à casa paterna, onde, aqui para nós, se enfastiava poderosamente.

O comendador queria dar também ás filhas uma educação brilhante, uma educação que correspondesse ás dimensões da sua burra, eis porque, depois de as tirar do convento, onde tinham estado até àquela idade, escolhera para professora Marta de Vasconcelos.

De resto as ideias do comendador e da mulher sobre a educação das suas filhas, não eram das mais engenhosas e atiladas.

A pobre gente — neste caso, pobre significa riquíssima — a pobre gente não era obrigada a ter um ideal muito

levantado.

Sabiam que a filha do barão de tal tocava piano, e queriam que as suas filhas soubessem tocar muito melhor.

Tinham ouvido louvar os desenhos da menina Fulana e juraram aos seus deuses que as suas meninas lhe tinham de levar a palma.

Não tinham ideias absolutas, tinham simplesmente ideias relativas.

Excitar a admiração parecia-lhes uma coisa reles e insignificante; o que eles queriam era excitar a inveja.

As pequenas compreendiam isto maravilhosamente.

Em vendo uma amiga da infância, uma conhecida qualquer com um vestido maia bonito ou com uma prenda intelectual mais preciosa, tinham ataques de desespero surdo.

Ralava-as uma vaga inveja de todos os esplendores sociais.

Andavam à busca de gente a quem pudessem ofuscar.

Eram simplesmente ridículas!

As vezes entravam no quarto de Marta e diziam-lhe num transporte de cólera:

— Quero saber alemão. A Mariquinhas sabe alemão, enquanto eu não sei.

— Quero aprender a bordar de matiz, a Júlia fez um quadro que eu não sei fazer.

Era assim que iam progredindo no estudo.

Marta conformava-se docilmente ás aspirações das discípulas: ensinava-lhes tudo o que sabia, mas o que ela de todo não pudera, era inocular-lhes a vida interior que animava e coordenava todos os seus conhecimentos adquiridos ou intuitivos.

****

Dizia-se que Marta conhecera melhores dias, afirmava-se mesmo que não fora para servir de mestra a burguesinhas pretensiosas que o seu pai, um pai extremoso, lhe adornara

o espirito de todos os primores de uma educação excecional.

Conhecia as línguas modernas, mas não como as conhecem as meninas que por aí conversam com os diplomatas, resumindo nisso todas as suas ambições de estudo.

Penetrara no espirito delas, compreendera o génio especial de cada uma, sabia de cor e escolhia principalmente os poetas que sintetizam uma nacionalidade ou uma civilização.

Tinham-lhe ensinado a raciocinar, a pensar, a estudar a fundo todos os problemas em que outras mulheres tocam somente ao de leve.

A curiosidade natural ao espirito feminino, essa qualidade preciosa, que, descurada, se torna quase sempre num vício antipático, fora nela tão bem dirigida, disciplinada com tal mestria, que se tomara em fonte dos mais puros gozos do seu espirito.

Não sabia can-cans de salão, sabia o que dizem na sua muda língua os astros e as plantas; não tentara penetrar na

vida íntima das suas amigas, contentava-se em saber a vida íntima da Criação.

Nunca lhe viera à ideia penetrar com o espirito no pélago revolto das paixões insalubres; a sua curiosidade insaciada debruçava-se de melhor vontade no pélago profundo das ondas, a quem horas e horas perguntava pelas misteriosas riquezas do seu seio.

No meio disto, despretensiosa e simples, julgando-se a mais ignorante das criaturinhas do bom Deus, não sabendo que era artista, que era inteligente, que tinha alma capaz de entender todas as grandes coisas.

O pai, que a vinha ver muitas vezes à casa da senhora a quem na infância a confira, disse-lhe um dia com o pejo a ruborizar-lhe as faces, com lagrimas a marejarem-lhe os olhos, que ela era uma filha natural, mas que tencionava reconhece-la, regularizar a sua posição, dar-lhe todos os direitos que ela por tantíssimos lados merecia.

A adorável criança não o percebeu.

Então—castigo terrível das suas culpas—o pai teve de explicar, de fazer compreender aqueles castos ouvidos de

quinze anos uma historia deplorável, a historia do seu crime!

Marta escutou-o num silêncio dolorido, com uma expressão de doçura triste no olhar.

Depois abraçou-o melhor ainda que nos outros dias, porque até ali só tivera muito que agradecer e dali por diante sentia vagamente que tinha muito que perdoar.

— E a minha mãe? — perguntou depois com uma tremura na voz.

— A tua mãe morreu.

O pai de Marta era casado, tinha filhos, vivia para sempre longe dela nas tranquilas alegrias da família, uma família em que ela só podia ser a intrusa!

Desde esse dia Marta estudou com dobrado afinco, aprendeu com uma ânsia dolorosa, com um não sei quê de impaciência inexplicada.

Sentia que havia de ter muito que sofrer, muito que lutar.

Tratou de robustecer a alma e de dilatar o espirito.

Era uma espécie de iniciação heroica.

****

O pai de Marta morreu.

Um dia, ao acabar de jantar, caiu para o lado inesperadamente, fulminado pela rutura de um aneurisma.

A morte surpreendera o. Não tinha tido tempo de fazer nada em favor da sua desvalida Marta.

Oito dias depois, entrava esta, vestida de luto, muito pálida, mas com uma expressão estranha de firmeza no olhar, em casa do comendador Gonçalves.

****

Julião, o filho do comendador, tinha 23 anos quando Marta foi para casa do pai. Ao princípio pouco reparou nela. Imaginava-a uma mestra como as outras, o mesmo livro tirado a centenas de exemplares. Reconheceu somente que

era um pouco mais bonita que a generalidade das suas colegas.

Um dia, porém, que ele lia Goethe no original, e que uma frase obscura do poeta o fazia parar na leitura um tanto impacientado e confuso, lembrou-se — acaso ou pressentimento — de recorrer à mestra de alemão das suas irmãs.

Entrou na sala de estudo, com um certo desdém a transparecer-lhe na fisionomia.

Pode ser-se educado na Alemanha e não compreender a obra “Fausto”: o que era no entanto absolutamente impossível, na opinião do rapaz, era não ter nunca estado na Alemanha e conhecer Goethe como um poeta nosso compatriota.

Marta conhecia-o.

Pegou no livro que Julião lhe estendia, deitou um relance de olhos para o verso de que se tratava, e depois, com um sorriso não isento de certa malicia inocente, explicou a Julião a ideia do poeta.

Havia tanta clareza nas suas palavras, uma tão superior intuição artística nos seus rápidos e despretensiosos comentários, que o rapaz olhou para ela deveras espantado.

Pareceu-lhe que a via pela primeira vez.

Não lho disse, porém; pelo contrário, sentiu uma espécie de surda irritação ao perceber a sua inferioridade intelectual perante aquela criança tão simples, e que todos olhavam com tamanho desdém.

Marta percebeu porventura a impressão que despertara; o caso é que a malicia que lhe chispava no olhar acentuou-se com um indeciso cambiante de ironia.

«A pequena creio que se atreve a fazer escárnio de mim», pensou Julião, saindo da sala, onde a juvenil perceptora ficou com as discípulas.

Desde esse dia Julião e Marta observaram-se mutuamente com mais atenção.

Ele achava a graciosa, simpática e boa sobretudo, tinha muita pena dela, ao vê-la desdenhada por tanta gente que

lhe era inferior na inteligência, na coragem, na distinção, em tudo que pode tornar adorável uma mulher.

Marta sentia-se silenciosamente compreendida, e agradecia àquele rapaz esbelto e pensativo as delicadezas mudas com que a compensava do desamor de todos os mais.

Tocou então para ele as mais doces e sentidas musicas que sabia; os apaixonados noturnos de Chopin, as queixosas melodias de Schubert, as sonatas mais belas desse sublime surdo chamado Beethoven.

Conversavam um com o outro através da música, sem nunca se falarem de outro modo senão nas coisas mais banais da vida de todos os dias.

Á tarde, depois de jantar, enquanto o comendador ressonava a sua sesta sobre a prosa elegante do Diário de Noticias, enquanto a comendadora meditava o rol daquele dia, digerindo um bom jantar, e um ataque de fúria contra as suas criadas presentes e futuras, enquanto as meninas debruçadas à janela, trocavam substanciosos comentários acerca de um alferes que morava no prédio carairo, e de uma menina muito namoradeira que morava no prédio do

lado, Marta, sentada ao piano, desfiava sozinha o longo rosário das-suas saudades.

Julião ouvia-a fingindo ler um jornal ou um livro, e a apaixonada artista bem compreendia que uma alma a estava escutando, e que essas límpidas notas que ela arrancava ao piano iam vibrar divinamente num coração que a entendia.

Tudo os separava na terra: o orgulho feroz de uma família de *parvenus*, o santo orgulho dela, não menos implacável, porém muito mais nobre, os preconceitos, o dinheiro, quase que a honra; mas, que importava?

Podiam entender-se e amar-se através disso tudo.

E Marta, empalidecida pelas comoções que lhe agitavam a sua alma de artista, com uma expressão sofredora e apaixonada nos seus belos olhos de um azul escuro, contava a meia voz naquela linguagem inefável as suas dores, as suas humilhações, as suas lembranças, todas as alegrias que tivera, tudo que ela tinha esperado na terra e que um dia se lhe tinha desfeito nas mãos, deixando-lhe apenas uma imensa, uma desoladora, uma eterna saudade!

Ás vezes o piano chorava com ama desesperação tão inconsolável e tão profunda, que Julião tinha desejos de erguer-se da cadeira em que estava, de protestar contra os enérgicos lamentos que traduziam a dor insanável de um destino, e de gritar:

— Aqui me tem, pronto a lutar peito a peito contra o seu infortúnio, e a vencê-lo.

Mas não se atrevia!

Que diriam todos, que diria o seu pai, que diria a própria Marta?

Quem lhe dava a ele direitos de interpretar daquele modo a sublime execução dessa artista ignorada?

Quem pudera afirmar-lhe que era pessoal essa dor misteriosa que tinha soluços tão doces, queixas tão resignadas e tão mansas, lamentações de tão inefável ternura?

Um dia Julião quis sondar o coração tão calado da pobre mestra. Procurou fazer-lhe umas perguntas que não fossem por demais indiscretas.

Marta desatou a rir.

E verdade que no meio da sua cristalina risada os olhos se lhe afogaram em lagrimas; mas nesse instante Julião sentia-se tão envergonhado da curiosidade que revelara, que se não atreveu a olhar para a sua interlocutora.

****

O comendador Gonçalves era ambicioso.

Pudera!

Ou não fosse ele comendador.

Estava riquíssimo, mas queria que os filhos fossem ainda mais ricos do que ele.

Para isso andara a moirejar a vida inteira, por isso sustentara-se de pão negro e de bacalhau durante os anos mais florentes da mocidade!

O seu mais íntimo amigo, possuidor de um baronato, de avultada riqueza e de uma filha única tão prendada como

ele desejava as suas, falou-lhe um dia disfarçadamente, com certa lábia, a respeito de Julião.

A meio entendedor meia palavra baeta; daí a quatro meses o comendador dava uma pequena soirée intima, em que a menina Adriana, filha do Sr. Barão de X, e chegada há dias do Sacré-Coeur, era apresentada ao seu futuro noivo, o Sr. Julião Gonçalves.

Estavam só pessoas de família em casa do comendador.

Ele, a mulher, as duas filhas, o filho e Marta. Enquanto ao barão, viera simplesmente acompanhado pela filha.

Adriana era... o que dali a alguns anos tinham de ser as futuras cunhadas.

Tinha a mais umas tinturas de coqueterie parisiense, coqueterie mal ensaiada, mais colegial do que mundana.

Não se iguala nem se descreve o desdém com que ela cumprimentou Marta. Era uma vingança retrospetiva do que as suas próprias mestras lhe tinham feito passar.

Nos olhos azuis de Marta passou um relâmpago de cólera fugitiva, mas não disse nada. O que havia ela de dizer

àquela gente, que a considerava um traste... bem pago?

Adriana, a quem cabiam as honras da noite, sentou-se ao piano e tocou.

Tocou as músicas de Marta, com a agilidade e com o preceito de uma pianista experimentada.

Depois, levantando-se no meio de palmas e de bravos, indicou a mestra o lugar que deixara numa espécie de altivo desafio.

E que uma das irmãs de Julião lhe dissera num risinho de malicia, que o irmão gostava muito de ouvir Marta.

A rapariga levantou-se com um gesto automático, sentou-se ao piano e sem mesmo olhar para as músicas dispersas principiou a tocar.

Foi um adeus soluçante, cheio de lagrimas, onde a espaços passavam como brisas refrigerantes, umas vozes indizivelmente cariciosas!

Foi uma história muito triste, que ainda ninguém tinha ouvido até ali, a história de um coração despedaçado!

Como ela lhe tinha querido, ao seu belo sonho desfeito, e com que dilacerante agonia lhe dizia para sempre adeus!

Na sala havia um silêncio angustioso e profundo.

O silêncio inconsciente que inspiram as grandes comoções.

Desde esse dia nunca mais ninguém ouviu a querida voz de Marta, aquela voz que tinha por intérpretes os mais sublimes artistas do mundo.

Ela continua a dar lições ás filhas do comendador, e há no seu sorriso uma expressão divinamente dolorida, quando falia com Adriana, a feliz esposa de Julião.

A MORTE DE BERTHA

(Dedicada a Naly)

Minha Naly, ás vezes nos teus dias de bom humor, e sobre tudo nos raros dias em que estás um pouco menos traquinas, vens sentar-te ao pé de mim, num banco pequenino, e pegando num livro, — o teu livro de grandes bonecos coloridos—, finges que estás lendo umas. coisas que a tua inquieta fantasiazinha de duende te representa, escritas naquelas páginas ainda mudas para os olhos da tua inteligência.

Com o teu adorável instinto imitador, arremedas-me inconscientemente.

És o meu epigrama vivo, um delicioso epigrama de olhos garços muito abertos, muito inteligentes, muito maganos, como ainda não vi outros em ninguém. Ontem, porém, estavas estranhamente curiosa.

Não te bastava o que fingias ler, querias mais, querias que alguém inventasse pela tua conta e risco, fingisse Ur para que tu ouvisses.

Levantaste a loura cabeça inquieta, e disseste com a voz que os anjos costumam ensinar ás crianças:

— Contas-me uma história?

Que historia te hei de eu contar, Naly? Com a tua alma de quatro anos, tão limpa, tão transparente, tão cheia de ignorâncias ideais; com a tua alma de flor, só se entende a linguagem dos lírios, só podem compreender-se cantos feitos de luar, de perfumes, de cantos de aves, alguma coisa etérea, que eu te não sei dizer.

Venho contar-te esta historia pára tu a leres mais tarde, quando a mão de alguém—pede a Deus que seja a mão da tua mãe, Naly — houver arrancado ao teu doce espirito de borboleta o pólen imaculado e cintilante com que Deus o polvilhou e que tem um nome lindo, sabes qual?— a ignorância!

Então saberás o que significam estas linhas escuras, alinhadas sinteticamente na brancura do papel; terás

chorado muita lagrima, meu anjo! a aprender cada uma destas letras, que hoje interpretas conforme te inspira a tua vagabunda e caprichosa imaginação!

E sentada numa cadeira grande, muito direita, um pouco revestida da elevada importância do teu cargo de leitora, repetirás alto à tua irmã pequenina este conto verdadeiro que na tua intenção aqui venho traçar hoje.

****

A pequena Bertha tinha cinco anos, um só mais do que os que hoje contas, Naly.

Era como tu, loura, muito loura; dera-lhe Nossa Senhora uma cabeleira de anjo, fulva, luminosa, feita de pequeninos anéis que se enroscavam, e que cintilavam ao sol, formando em torno dela como que um esplendor de gloria.

Os olhos muito grandes, transparentes, azuis pareciam ter no fundo um segredo de doce tristeza. Um segredo que ela havia, de saber muito cedo... no céu!

O seu pequeno corpo, macio, feito da brancura das açucenas que desabrocham em maio, exalava como que um aroma de flor.

Bem vês que Bertha era linda! Um amor! O orgulho e a ventura dos pais que se reviam nela.

Vivia numa grande casa aristocrática, discreta, forrada de colgaduras, de tapetes, de belos quadros antigos.

Descendo os degraus de mármore da casa em que ela jantava, entre o pai e a mãe, na sua cadeirinha de pés muito altos, ia ter a um grande jardim cheio de árvores cuidadas e decotadas pela mão hábil de um jardineiro inglês.

Muito gostava do seu jardim a pequenina Bertha!

Imagina tu se ela não havia de gostar, Naly!

Havia li tantas flores, tantas flores! e depois eram de tantos feitios! Umas triunfantes, purpurinas, como se as tingisse um sangue novo e generoso, outras tão brancas como os braços ebúrneos da mãe de Bertha, algumas tinham uma palidez fina e mórbida, que lembrava a das belas senhoras que ela via passar resvalando como sombras gentis, pelos

atapetados salões da sua casa. Outras eram, de uma cor de rosa desmaiada e doce, que acariciava os olhos de quem as via.

As campânulas azuis, esbeltas, efémeras, lembrando pequeninos cálices de cristal da Bohemia, trepavam amorosamente em volta dos troncos mais robustos que os cercavam; as margaritas com a sua alvura *mate* e o seu feitio de estrelas ressaltavam num adorável contraste da verdura clara e fresca dos tabuleiros de relva.

Havia flores muito direitas e esbeltas no pedúnculo delgado, que faziam pensar Bertha, — não sei bem porquê —, nas lindas princesas dos contos de fadas, que vivem nos seus palácios à beira do mar, escondidas, discretas e cheias de majestosa gentileza.

Ás camélias com a vitoriosa beleza do seu teclado de cores vivas e tão varias, lembravam a Bertha a musica que ela ouvira uma vez, num dia de parada, no desfilar aparatoso das tropas, musica brilhante, sonora, marcial, feita do estridor dos clarins, da fanfarra triunfante dos instrumentos de cobre, de todas as notas bélicas que

rebentavam no espaço, como que numa explosão harmónica e sonora!

Gostava muito das violetas — pequeninas e modestas, denunciando-se a medo pelo seu rasto de perfumes, — e que ela costumava procurar nas ervas para encher com elas a jarra de porcelana de Sevres, que havia sempre sobre a mesa de costura da sua mãe.

E não penses tu que gostava menos das árvores! oh! a alma de Bertha expandia-se naturalmente para tudo que é bom e que é belo.

Levava horas a espreitar através dos ramos delicadamente recortados pela tesoura do Celeste Jardineiro, o alto céu azul, tão cheio de luz, e que sem ela saber porque, a estava chamando sempre!

Depois nas árvores é que vivem os pássaros, é ali que eles dependuram os ninhos, que eles modulam as suas cantigas sem libreto, que eles cantam a quem passa as suas alegrias e as suas saudades.

Ás árvores são boas, hospitaleiras e carinhosas, como se tivessem uma alma oculta sob a rugosa cortiça dos seus

troncos.

Elias dão sombra, dão frescura, dão frutos, dão flor, dão um bom cheiro sadio, que reconforta e alegra; as árvores, minha Naly, são as nossas melhores amigas.

Tu hás de saber mais tarde, que no mundo há muito riso falso, muita amizade fingida, muita coisa que a gente julga solida, e que no fim de contas está construída sobre a areia; mas os vegetais, os eternos amigos do homem, os que o nutrem e se nutrem dele, oh! esses nunca nos mentem nem atraiçoam nem dão conselhos maus!

O jardim era, pois, para a nossa Bertha um mundo riquíssimo, um mundo misterioso, onde a vida palpitava, no inseto, na planta, no musgo, na ave, na terra fecunda e robusta, na árvore frondosa, na água límpida e corrente, em tudo que rescende e murmura, e canta, e pulula, em tudo que enlaça a alma do homem numa cadeia feita de embevecimentos mágicos.

****

E as boas horas passadas no gabinete azul o que elas não valiam para o pequenino coração de Bertha!

Sabes o que era o gabinete azul? era a saleta toda forrada e estofada de cetim azul, em que a mãe da nossa pequenina se conservava habitualmente.

Chamava-se Margarida a mãe de Bertha, e era formosa, de uma delicada e frágil formosura, que despertava ao vê-la instintos de piedade e de proteção.

Alta, esbelta, levemente sonhadora, como quem tem cuidados que a preocupem, sempre vestida de seda com punhos de cabeção de rendas finas, um pouco amareladas, que punham na toilete de casa uns toques de aristocrática distinção. Nos cabelos bastos, louros e frisados, uma flor quase sempre colhida por Bertha.

O pai, esse era forte, robusto e sadio, mas tinha a virtude dos valentes: a bondade. Naquela fisionomia acentuada e trigueira o sorriso era tão doe que lembrava o desabrochar de um lírio.

Não estava muito em casa, tinha que fazer fora, andava ganhando a vida de elegâncias e de confortos, que viviam

inconscientes, inocentemente egoístas, os seus dois frágeis amores — a mulher e a filha.

Mas quando ele estava, que festa!

Bertha, ora enovelada aos pés da mãe, nas felpas aveludadas do tapete, e com os grandes olhos curiosos fitos nos dela, ora folheando um grande livro de imagens — como o teu, minha Naly —, ora empoleirada no espaldar da larga poltrona onde o pai estava sentado, e passando-lhe a pequenina mão crestada pela cabeladura revolta e crespa, Bertha era a mais feliz das criaturinhas do bom Deus!

Era um gosto vê-los ali a todos três, na intimidade daquele viver de família!

Margarida, ao princípio, trabalhava sempre; nuns dias, um vestidinho para a sua querida filha, neutros dias, um pequeno objeto galante e mimoso para o escritório do seu marido; de tempos a tempos um enxoval para uma pobrezinha, um enxoval muito asseado, que Bertha dobrava e desdobrava, que servia de tema para longas interrogações, e como que iniciação da criança na doce caridade da sua mãe.

O pai, quando voltava, tinha sempre tanto que contar!

Gente que vira, casos que lhe tinham sucedido! planos de futuro que andava devaneando, e depois risos, brinquedos, correrias atrás do diabrete da Berthazinha, eu sei! ... o demónio a quatro I

Havia ali um conchego tépido, uma alegria, uma bênção de Deus, repartida por três almas, e que parecia refletir-se nas coisas mudas que o cercavam servindo lhe de elegante e rendilhada moldura.

****

Queres tu saber, Naly? Bertha tinha um defeito. Era um bocadinho egoísta. Um egoísmo de três, já se entende, porque ela não sabia separar a sua vida da dos seus pais.

Uma das manifestações mais claras deste egoísmo era a repugnância que tinha pelos estranhos.

Sentia frio ao pé deles; fugia muito pensativa e muito arisca quando via uni indiferente interpor-se importunamente

entre ela e as caricias que eram o seu alimento de todos os instantes.

Mas a pessoa que mais lhe agravava esta impressão hostil, era um primo que por aquele tempo começara a frequentar mais a casa.

Um rapaz, alto, elegante, bem parecido, muito falador numas horas de expansão, muito concentrado noutras horas, de bigode retorcido e triunfante, olhares que sabiam ser doces, e que eram quase sempre altivos.

E, contudo, que meigo que ele era para Bertha, espreitando-lhe os caprichos, conformando-se com as brincadeiras dela, trazendo-lhe bonitos, flores, coisas novas, delicadas, que ela não vira nunca, e que, no entanto, vindas da mão dele lhe desagradavam instintivamente.

E que também o primo tornara-se de uma assiduidade irritante!

Primo para aqui, primo para ali, toda a gente gostava dele, para cada pessoa tinha um dito amável, uma intenção delicada, uma lisonja habilmente escondida!

Tratavam-no por tu, era admitido nas festas íntimas da família, ia ao jardim apanhar flores, acompanhava a mamã ao teatro! Uma usurpação em forma, uma usurpação revestida de todas as circunstâncias agravantes!

E depois usava essências.

Bertha declarara com ar solene e majestoso, que embirrava muito com o primo, porque ele cheirava a *pat-chouly*.

E ela que andava habituada aos aromas frescos e sadios da livre natureza, não podia suportar aquele cheiro de essências requintadas, a que dava este nome genérico e detestado.

A mamã por ter de atura-lo a cada instante, renunciara aos seus doces trabalhos doutro tempo, de que Bertha gostava tanto, e que davam ás suas mãozinhas travessas a sensação grata das sedas, das bonitas fazendas desdobradas sobre o estofo das poltronas, de todas as graciosas coisas com que podia brincar.

Andava triste a sua adorada mãezinha.

Tinha horas de melancolia mórbida em que a cabeça lhe caía no peito, como se tivesse dentro estranho peso. E

ficava-se horas e horas calada e desfalecida, com um livro aberto no regaço, ou com um trabalho apenas começado caído aos pés, sem ouvir o papaguear festivo da sua pequena Bertha. .

Quando voltava a si daqueles sonhos doentios, parecia acordar de um mau sonho, passava a mão pela testa, bebia água, muita água, e beijava a filha com um arrebatamento que lhe fazia mal.

A pequenita enfastiava-se!

Pudera!

Fugia só para o jardim, sem que uma voz solícita e assustada a chamasse de longe, sem que uns olhos inquietos a velassem de perto, e punha-se numa indistinta e muda linguagem que só as suas flores entendiam a queixar-se das tristezas vagas, que a definhavam longe do calor que dantes a acalentava e aquecia.

As tardes do gabinete azul, os princípios da noite, quando caía do alto dos céus a penumbra indecisa e dúbia do crepúsculo, tudo aquilo perdera a sua graça, a sua antiga e ideal doçura!

No silêncio constrangido da saleta, retiniam então os passos conquistadores do intruso, e Bertha com vontade de romper em soluços, pedia muito depressa que a fossem deitar.

Chamava-se a criada, vinha, levava-a pela mão, amuada, e ela, ao aconchegar-se nas roupinhas do seu leito, sentia ainda uma estranha impressão de desconforto e de frio. Era o beijo distraído e formalista, que lhe tinham imprimido na testa os lábios quentes, secos e febris da sua mãe.

****

Era noite de festa para a Berthazinha.

Estavam sós todos três no gabinete azul, o paraíso doutrora, onde agora não havia senão flores. . .que ela não colhera!

Bertha alcançara licença para se deitar ás nove horas.

Que bom!

Um longo serão de risos, de conversas sem tom nem som, de tagarelice inextinguível. O livro das grandes imagens, a boneca deitada no tapete, uma profusão de bonitos de todos os feitios — alguns, por pecados de Bertha, tinha-lhos dado o negregado primo! enfim por aquele dia, Bertha estava magnânima. Perdoava-lhes o virem da mão de quem vinham! — e eles dois, os dois amores, o papá e a mamã ao fogão, conversando com a intimidade feliz de quem se quer muito!

E verdade que a mamã estava pálida, tinha até nos olhos umas orlas roxas que pareciam de febre, e uma luz esquisita que lembrava aqueles clarões súbitos e fosfóricos, que costumam acender as bruxas, quando fazem os seus encantamentos e maus olhados.

Oh! mas que importavam a Bertha sintomas que ela não via!

Estava contente, contente, e ia-se entusiasmando a pouco e pouco, à proporção que a alegria lhe inundava como uma onda a pequenina alma luminosa!

Um beijo no papá, uma festinha na mamã, e aqui desmanchava um canudo, acolá despregava um alfinete, depois fechava um livro que ia começar a ler, amarrotava uma renda, trepava para cima de uma cadeira!

Que anjo! que demonico, feito de um bocadinho de azul!

Nisto, por um movimento rápido e imprevisto, atirou-se ao colo da mãe, mergulhou a mãozinha no decote quadrado do vestido, amachucou uma rosa, que ali parecia aninhar-se no meio das rendas, e arrancou com gesto triunfante um papel, um papel cor de perola amarrotado.

— Oh! gritou a mãe, fazendo se mais branca do que a cal; dá cá, dá cá, isso é-me preciso.

Quem disse lá que ela respondia!

Fugira rindo, rindo como um doudinha, e fora esconder-se entre os joelhos do pai, agitando com um gesto de graça inimitável o roubado troféu.

A mãe erguera-se convulsa, tremula, com tamanho desvairamento e tamanha angústia no olhar e na voz, que dir-se-ia que a esmagava uma catástrofe imprevista e tremenda.

— Dá cá, dá cá, murmurou ainda desfalecida e suplicante.

— Papá, papá, esconde tu, respondia Bertha! numa convulsão de riso. Ih! cheira a pat-chouly, cheira a pat-chouly.

Ele e ela, a mãe e o pai, olharam-se.

Tu nunca viste um olhar assim, Naly, nem eu, e Deus nos defenda de o vermos nunca!

Foi mudo, foi longo, foi sinistro! Um poema de agonias silenciosas!

Depois o pai de Bertha, afastando a criança com um gesto lento, desdobrou o papel e leu.

****

Já lá vai um ano depois daquela noite de festa, em que Bertha alcançou licença para se deitar ás nove horas.

Num ano quantas diferenças pode fazer uma existência!

E muda e triste a casa onde vimos tantos risos, está descuidado e cheio de ervas o jardim onde brincava um pequenino ser feito da luz das auroras, e da inocência dos lírios.

Bertha está doente.

Ma sua alcova branca e silenciosa, à luz dúbia de uma lamparina de jaspe, vela uma criada, enquanto a loura pequenina fita no teto os grandes olhos azuis e parece seguir as visões fantásticas de um sonho de febre.

Ao princípio era feliz, muito feliz. Quem e que viera destruir todas aquelas alegrias que pareciam querer durar sempre? A pobre doentinha não o sabia.

Diante dos olhos dela dançava teimosamente um grande demónio escuro, com muitos bonitos nas mãos e com um bigode retorcido e triunfante.

Que vinha fazer ali aquele demónio? Quem pode explicar o que são as visões de um delírio!

Depois uma certa noite, doce, iluminada, festiva. Que sucedera nessa noite? Meu Deus! Ela brincara muito, ainda mais que o seu costume. Não lhe lembrava mais nada,

senão que fora deitar-se a chorar. Também não sabia porquê.

Desde então é que a sua vida mudara.

O pai repelia-a de si, sempre que ela lhe estendia os bracinhos, empurrava-a quando ela queria beija-lo!

Nunca mais houvera os serões do gabinete azul, nunca mais ouvira aquela voz paterna, tão grave, tão meiga, tão musical, acaricia-la como antigamente!

E a mãe?... A mãe definhava sozinha, mas naquela tristeza desolada, não admitia os beijos da sua Bertha doutro tempo.

Um dia dissera-lhe asperamente, com um brilho seco no olhar:

— Vai-te daqui! És a causa da minha desgraça toda.

Bertha não percebeu o que aquelas palavras significavam, mas percebeu o ar com que foram ditas!

Nunca mais foi ao jardim! nunca mais viu a capoeira nem o viveiro dos canários, nem os peixinhos vermelhos do tanque!

Tinha sempre frio, muito frio.

Tiritava horas e horas a um canto da casa de engomar onde as criadas riam e palestravam indiferentes, com uma expressão de espanto, de surpresa, de desolação selvagem no olhar!

Parecia-lhe a ela que também estava na vida como uma intruso. O que viera ela cá fazer? porque se não ia embora?

Sentia que alguém estava à espera dela, lá em cima, num sitio onde havia muito azul, muitas flores, um jardim mais bonito que o que fora dela, uns serões mais plácidos e mais cheios de risos e de caricias que os amados serões de outro tempo... que não podiam voltar!

E abrindo os braços, fez um doce gesto de ave espavorida que vai levantar o voo para o infinito I

****

— Ai! a menina que vai morrer! — bradou a criada com muita ansiedade. — Chamem a senhora, chamem o senhor,

este anjinho diz que lhes quer dizer adeus!

Ouviam-se portas que se abriam, vozes angustiosas que chamavam... depois, por duas portas diferentes, entraram duas pessoas.

Dous espectros do que tinham sido.

Olharam-se como que admirados de se verem ali juntos!

Miraram-se curiosamente como para sondarem os grandes abismos que os separavam dos dias de outrora!

Depois sem quererem, olharam ambos movidos pelo mesmo impulso para o pequeno leito de cortinados brancos.

Uma voz dulcíssima, toda mimo e toda súplica, chamou-os dali:

— Papá! mamã! adeus! Digam-me que são meus amigos agora que eu vou morrer! Como é bom ir para o céu! Nunca mais hei de ter frio!...

Se não fosse a voz e a expressão divina daquele olhar, quem diria que aquela que falava era a pequenina Bertha!

— Ó papá, console a mamã, já que eu me vou embora! Voltem para o gabinete azul, e ao serão não se esqueçam

de falar de mim!

Puxou-os a ambos com uma força que não parecia já deste mundo, e abraçou-os unidos contra o coração!

Todos três como dantes!

Quando ambos se ergueram daquele supremo abraço, os bracinhos dela tinham afrouxado e caído.

— Perdoa-me pela nossa filha que morreu! soluçou a voz daquela mãe dolorida!

— Perdão! Papá! murmurou como uma caricia de aragem uma voz que ninguém soube dizer se vinha da terra se do céu.

SEGUNDA PARTE

A PROPÓSITO DE UM LIVRO

Há momentos em que eu não posso deixar de me sentir desconsolada. Parece-me nesses momentos que a humanidade está passando por uma das crises mais graves da sua vida de tantos séculos.

E quem terá forças para conservar-se espectador indiferente dessa dolorosa tragédia de que é teatro o mundo inteiro!

Teorias que se atropelam e se contradizem, sistemas políticos que mutuamente se combatem, opiniões tão variadas, acerca das coisas graves e das coisas insignificantes, que não nos resta meio algum de descortinar a verdade no meio de tão babilónica confusão.

Na prática o desmentido formal e permanente a todas as doutrinas que se pregam e propagam!

Celebra-se a apoteose da família, e a família decadente, desnorteada, desunida, apresenta o reflexo fiel desta

quadra de desalento e de incerteza!

Enquanto os sonhadores erguem-um altar à justiça, como à deusa moderna que mais cultos merece, a injustiça aclamada, protegida, triunfante campeia neste mundo onde a vitória já não pertence ao mais forte, mas sim ao mais astuto!

A política, que parecia dever ser aquela ciência complexa e respeitável de conduzir as sociedades ao mais alto grau de aperfeiçoamento material e moral, não é senão um mercado abjeto,, onde se debatem os mesquinhos interesses individuais, não aqueles interesses que são a base do bem coletivo, mas os que se traduzem na exploração do homem pelo homem.

A guerra aqui acesa e selvagem, de uma selvageria refinada e científica, acolá disfarçada e hipócrita, arma-se por toda a parte, como nos séculos que lá vão, igualmente funesta, embora a revistam mais prestigiosos aspetos.

Falia-se em paz, em fraternidade universal, prega-se uma religião humana que parece querer e dever suprir a religião divina, mas Os modernos crentes desse dogma que assenta

no direito, na justiça, no amor universal, atraiçoam tanto as suas doutrinas, como atraiçoavam a sua fé os católicos mal esclarecidos das épocas de ascetismo rude, e de fanática superstição.

Para onde vamos nós?

Se vamos para o Bem, o que é que origina esta dolorosa inquietação, que avassala e confrange todas as almas, este contraste incompreensível, entre o que se pratica e o que se pensa?

Se vamos para o Mal, para que nos faliam do progresso, da perfectibilidade humana, das conquistas da civilização, dos arrojos felizes da ciência, de tudo que parece preparar ao homem uma quadra luminosa, feliz, nunca realizada até agora?

Dantes, nestas horas de duvida, de angustia opressiva, íamos nós procurar consolação na palavra animadora e harmoniosa dos que, com os olhos fitos na estrela do ideal,, indicavam ao homem o rumo que ele tinha a seguir, para não se perder na sua gloriosa ascensão.

Hoje, esses pilotos da nau do futuro estão mudos pu descreem também!

Mais doloroso ainda que o silencio desalentados é o *rictus* sarcástico com que eles assistem à luta estranha e confusa de tantos elementos contraditórios e incompatíveis.

Depois a literatura, que é o espelho da alma das sociedades, é hoje por toda a parte um brado unanime de negação.

Não reconstrói, não modifica o que está feito, trata de o desmoronar pedra por pedra!

Há um homem em França que refaz, colocado num ponto de vista diverso, a obra colossal de Balzac.

O romancista mais admiráveis da França, aquele que fez do romance um ramo das ciências sociais, fez num momento, que tem por força de ficar, a síntese da sua época.

Pintou, e com que potência da verdade! os reis, e os operários, as duquesas sentimentais, e os artistas convulsionados pela nevrose do seu tempo, os políticos, os sábios, os pensadores, os literatos; as pecadoras do alto mundo, e as pecadoras do mundo equivoco; os financeiros,

e os lutadores ambiciosos; os que vinham perder a alma e gastar o corpo nessa Paris elétrica e absorvente, que atraí os génios e os monstros, e os que vinham ali conquistar a fortuna, o poder, a soberania onipotente.

Na sua obra complexa, enorme, que ás vezes tem na distância um não sei que de monstruoso, encontra-se viva, palpitante, com os seus vícios, com as suas paixões, com o seu talento ardente, com a sua magnética e irresistível sedução, uma das épocas mais características da civilização da França, o que significa a civilização da Europa.

Se em Balzac encontramos as florescências rubras do mal, nem por isso nos seduzem menos as suavidades castas da virtude.

Ao pé de Madame de Marnefe, a pequenina e graciosa fera parisiense, felina e nervosa, com caricias que mordem e furores que acariciam, há a doce figura de Eugenia Grandet, a mais dolorosa virgem, que a imaginação moderna ainda concebeu e idealizou.

Ao pé de Luciano de Rubempré o ambicioso efeminado e mórbido; de Vautrin o brutal lutador que seria um

condotiere do seculo XVI e que só pode ser um forçado no seculo XIX; ao pé de Marsay o politico sagaz, que faz dos homens, das mulheres e das coisas, meros instrumentos da sua fortuna, que não tem lei nem lé, e que é capaz de assassinar com um sorriso de dandy, temos d' Arthés o pensador austero, e pobre escritor para quem a literatura é um magistério e não um oficio, temos Cesar Biroteau, a sublimidade burguesa, o honesto comerciante que tem palavra de duque, que é perfumista com a mesma nobreza de abnegação e de honradez, com que se é sacerdote, e que glorifica toda uma classe de que se riem os frívolos, sem saber quanta heroicidade é precisa para saber guardar imaculada num peito de burguês, a honra de um paladino.

Dizem que o vicio polula na obra de Balzac com uma exuberância de vegetação inacreditável.

Ele não foi mais do que o analista apaixonado da sua época.

Adorou a pelo que ela tinha de grande, compreendeu que lhe podia desnudar as chagas, visto que ao lado delas podia mostrar tão admiráveis belezas.

Foi implacável na sua justiça.

O seu tempo seduziu-o pelo que havia de brilhante nos seus vícios, de fecundo e poderoso nas suas paixões, de arrebatado e criador no seu génio, de raro e dedicado nas suas virtudes.

Hoje no artista que segue as pisadas de Balzac, que não tem a sua potência criadora, mas que tem como ele, e talvez mais metodicamente do que ele, o estudo paciente e investigador, que vemos nós que possa dar-nos aquela sensação de prazer agudo que a leitura conscienciosa de Balzac dá a um verdadeiro artista?

Emílio Zola também descreve a sua época.

E artista, porque sente e sabe fazer sentir.

Diz-se imparcial!

Faz viver nos seus livros a sociedade de que faz parte; entra nos palacetes de pedraria rendilhada dos modernos financeiros, os reis do mundo atual, percorre os salões doirados e os boudoirs fantasistas, as salas de jantar, onde se reúnem as relíquias mais preciosas de umas poucas de civilizações, janta nos restaurantes de mais fama, visita nos seus camarotes da opera ou dos italianos as mundanas

mais elegantes, as *hautes gomeuses* mais admiradas e invejadas, está no segredo de todas as operações da Bolsa, escutou a uma porta todas as combinações e convénios diplomáticos, penetrou com a sua perspicácia tenaz no interior da alma que anima o seu tempo, falou com os artistas, com os sábios, com os poetas, com as mulheres; subiu aos oitavos andares onde dormem amalgamados numa dolorosa e medonha promiscuidade os miseráveis dessa Paris, cuja superfície é tão sedutora e tão brilhante; viu os farrapos que cobriam a corpo desses indigentes, e os vermes que corroíam a alma desses párias; escutou as perfumadas confidências que murmuram devagarinho uns lábios frescos e vermelhos, por detrás de um leque onde dançam a *gavote* umas pastorinhas de *Wateau*.

Observou de perto o que há de mais brilhante e o que há de mais abjeto, o que há de mais puro « o que há de mais ignóbil.

Dessa observação tão variada e tão completa que resultado colheu?

Não o posso dizer ao certo, sei só que não há nada mais desolador e mais triste do que a leitura de um livro de Zola.

E Zola é, depois de Tlambert, o grande mestre que morreu, o escritor de mais pulso da moderna geração realista.

Os outros não têm o talento dele, não têm Ó alcance funesto ou bom, mas em todo o caso poderosíssimo da sua obra, não têm a sua paciência de benedictino, exercida com os processos da nova escola.

Isto não é dizer mal dos que trabalham agora, é notar e assinalar um dos sintomas da confusão que hoje nos desnorteia.

****

Acudiam-me todos estes pensamentos, imagina como, leitora?

Ao ler um novo livro de Feuilet, ultimamente publicado em Paris Le journal d'une femme.

Feuilet é por excelência o escritor elegante e delicado.

No fundo, pode ser que a obra dele tomada no seu conjunto não seja de uma moralidade tão cauterizadora como a que

resulta dos livros de Zola.

Ninguém diga que Zola é um escritor imoral, não; ele é simplesmente um escritor misantropo: vê as coisas pelo lado mais negro, e as suas bacanais, nuas como são, não têm efeitos enervantes, doem como um cáustico aplicado sobre uma úlcera aberta.

Ao lê-lo, a gente não tem de certo tentações de imitar os seus deploráveis heróis; pelo contrário. Sente-se ferida, humilhada, quase que angustiada, e exclama tristemente: Meu Deus! pois a humanidade é isto!

Octávio Feuilet é, por assim dizer, o contraste do seu ilustre contemporâneo.

Escreve das mulheres e para as mulheres com pena de ouro.

Feuilet é o último romântico, depois do romantismo ter morrido, como Balzac é o primeiro realista antes do realismo nascer.

Para Feuilet, o delicado observador, as paixões são doenças da alma; para Zola, o anatomista implacável, as paixões são doenças do corpo.

O convulso e repugnante histerismo das mulheres de Zola não tem nada que ver com a sentimentalidade melancólica das mulheres de Feuilet.

Nenhuma delas — deixe-se isto bem claramente registrado para honra e felicidade do sexo feminino — nenhuma delas é a verdadeira mulher, a que tinha a obrigação de ser a mulher do futuro, já me não atrevo a dizer da que o será.

Octávio Feuiliet, que está talvez perto demais das cruas pinturas do realismo, intentou neste seu ultimo livro, chamado Le Journal d'une femme, reabilitar as ideias românticas, que visto perderem tantas mulheres, podem também salvar algumas.

Ele que sabe tão bem dar vida ás suas pálidas e nervosas heroínas, que têm na boca o sorriso da esfinge, que têm na voz uns feitiços misteriosos, que têm no gesto uma graça irrequieta e caprichosa, que sabem arrastar o homem até à beira do crime com um aceno das suas mãos esguias e aristocratas, ele, o criador do Conde de Camors, esse ultimo produto da literatura byroniana, que endoideceu de amor literário tanta mulher, ei-lo que se propõe desta vez o

difícil tema de explicar a que nobres e altos sacrifícios o romantismo bem entendido pode levantar uma mulher.

Foi arrojada a empresa; arrojada, mas feliz.

Le Journal d’une femme, livro que eu já daqui recomendo a todas as minhas leitoras, é uma joia admirável, cinzelada pela mão de um artista de coração.

E depois são tais os exageros e desmandos da chamada escola realista, é tal o amesquinhamento a que ela reduz a humanidade, que é bom que um escritor de tão prestigiosa eloquência como é Octávio Feuilet mostre que, no fim de contas, nem tudo era mau na geração que os rapazes de hoje tentam destronar com tão arrogante desdém.

Roubar ao homem e sobretudo à mulher aquele ideal em que até agora todos punham a mira embora o julgassem inacessível, é despir a vida das poucas flores que ela pode ter.

Não; o homem não é só um ser organizado que pensa, é também uma alma que ama, espera e crê!

Nesta era de transformação e de incerta claridade, é bom que uma voz se erga e diga bem alto que a paixão só é

criminosa quando mal dirigida, que o excesso do sentimento só é ridículo quando mal aplicado, que a abnegação inteira e absoluta tem gozos superiores a todos os gozos da matéria» e que as almas boas e as almas grandes descobriram uma linguagem misteriosa, na qual faliam com Deus.

Não basta descrever minuciosamente com uma perversão de gosto, deveras deplorável, tudo que há mau, grotesco, ou vicioso na criação; não basta ter em si tão acentuada preocupação horrível, que se deseje ver com o microscópio do naturalista, para bem lhe distinguir os defeitos, as anfractuosidades, as maculas, os vermes, de tudo que à simples vista seria harmonioso e belo.

Aquele a quem se roubam todas as ilusões salutares cumpre apontar para algum bem que ainda lhe ficará na terra, bem verdadeiro que o compense de todas as suas perdidas alegrias mentirosas! . Não basta negar, é necessário afirmar com convicção robusta; não basta demolir, é preciso ao lado dos edifícios que se derrubam e desmoronam construir novos edifícios mais ricos e mais seguros.

Octávio Feuilet fez este livro, como um protesto de escola, sem contudo perder com esta qualidade um tanto dogmática, o seu interesse dramático, a vida intensa, tão indispensável ás ver dadeiras obras de arte.

Dado o caso de se chamar romantismo ao excesso de determinados sentimentos, à conceção mais ou menos quimérica que temos das coisas da vida, resta provar se o romantismo pode ou não pode ser nocivo conforme o terreno em que medrar e o meio em que se desenvolver.

A principal heroína do romance, aquela que escreve o seu Diário, ao qual dá o título de livro, é uma rapariga apaixonadamente romântica, tudo quanto há mais romântico, quer dizer tudo quanto há de menos prático e real.

Por isso sendo jovem, formosíssima, sentindo cantar dentro da sua alma a festiva e triunfante sinfonia dos vinte anos, tendo uma destas belezas características que dão a certas mulheres um aspeto de deusas, amando com aquela primeira e casta ternura das virgens um homem em tudo digno dela, sacrifica todas estas superioridades da

natureza, todas estas radiosas promessas de felicidade a quem? a que?

Â um pobre mutilado que morria de amor por ela, a um soldado que voltara da guerra sem uma perna e sem um braço, informe, grotesco, irremediavelmente desgraçado, e que, assim mesmo do fundo do abismo em que o destino o lançara, ousou amar aquela mulher olímpica, e teve a audácia de tentar morrer por causa dela.

Enquanto ele viveu, foi-lhe fiel como as mulheres dignas Q sabem ser, consolou-o de tudo que perdera, levou a luz da sua caridade bem-dita aos antros em que aquela pobre alma se debatera inutilmente por tanto tempo.

Mais tarde quando o marido morre, abençoando-a como se abençoa um anjo, ela, livre de novo, toma a encontrar o homem que amou uma vez, e que não soube esquecer.

Esse é então marido da amiga, da infância, da juvenil viúva.

Não são felizes, os dois, mas ela, a intrépida, a caridosa criatura, lá está tentando da abnegação de cada um deles fazer a felicidade de ambos.

Não o consegue, e quando a amiga, culpada e arrependida se mata para fugir ao horror de mentir eternamente ao seu marido, só ela no mundo recebe a confidência do seu crime, confidencia que numa carta repassada de dor a doida criança lhe pede que transmita ao esposo ultrajado.

Ficaram ambos livres em face um do outro, ambos viúvos, ambos tendo cumprido a missão que o destino lhe confiara.

Nada os desune agora, nada, a não ser uma dúvida que punge o ânimo daquele, que hoje ela ama perdidamente com a paixão concentrada de tantos anos de sacrifício.

— Porque foi que a minha mulher se matou? pergunta ele então.. Ás vezes lembro-me que foi talvez o desamor que eu não soube ocultar bastante. Se assim for, fugirei. Não quero gozar uma ventura de que não sou digno. Se eu matei uma inocente e casta criança, quem me dá direito a ser ainda feliz na terra?

Só ela o sabe, só dela depende aquela ventura divina, de que o dever e a caridade a fizeram fugir noutro tempo.

Pois a ninguém revelou o segredo da sua amiga morta, da doce criatura que a paixão fustigara e que a paixão matou!

Calou-se, deixou que o noivo da sua alma se afastasse para sempre, pungido por um remorso que o separava da ventura, e olhando para o berço da filha escreveu estas palavras que vertem lagrimas, as santas lagrimas, que os realistas não conhecem:

«Restas-me tu, minha filha... Escrevo estas linhas ao pé do teu bercinho... Espero que um dia estas páginas façam parte do teu enxoval de noiva; talvez elas te digam que queiras muito à tua pobre mãe, tão romântica!... Dela saberás talvez que a paixão e o romance podem ser bons, com a ajuda de Deus, porque elevam os corações e ensinam-lhes os deveres superiores, os grandes sacrifícios, as elevadas alegrias da vida. É verdade que eu choro ao dizer-te isto, mas olha que há lagrimas que causam inveja aos anjos.

MADAME DE BALZAC

Há tempo anunciaram os jornais que a viúva do grande romancista vinha fazer uma viagem à Península e que partira já de Paris em direção à capital de Espanha.

Senti então um ímpeto de curiosidade verdadeiramente irresistível.

Pensei em ver a deliciosa russa e em conhecer nela humanado e visível, um de aqueles imorredouros tipos femininos, de que Balzac foi o analista assombroso, se é que não foi o fantástico criador.

Em Madame de Balzac havia de haver por força muito daquele homem que é o produto mais genuíno da sua época e do seu meio; homem prodígio, que era ao mesmo tempo o espirito mais séptico e o mais supersticioso, o mais corrupto e o mais infantil, o mais cultivado e o mais ignorante, o mais positivo e o mais fantasista, o mais atrozmente eivado de todos os venenos corrosivos da

civilização moderna, e o mais primitivo e adoravelmente poético que existe no mundo da Arte.

Ela conhecera-o por muitos anos, mesmo antes de ser sua mulher, amparara-o muitas vezes nas suas lutas ciclópicas contra os modernos monstros — a Divida, a Calunia, a Inveja — e tantos outros que lhe retalhavam o coração com as garras sanguinárias; acolhera-o muitas outras, cansado, vencido, aniquilado, depois de uma daquelas vertiginosas viagens pelos mundos quiméricos do Impossível; vira-o partir montado no fogoso Pégaso do sonho. Imaginário terrível, moderno e mais complicado D. Quixote, em busca de tesouros que nunca existiram, de fabulosas hipóteses em que ninguém acreditava, de ideais entrevistos que lhe davam o deslumbramento extático e paradisíaco; ouvira-lhe depois no seu regresso ao mundo da realidade o rir estrondoso e rabelaisiano, rir de um gigante em horas de gaudio, rir só digno daquela natureza robusta e fecunda em contrastes, que tinha todos os requintes aristocráticos e todas as grossas expansões plebeias; conhecera-o a fundo, debaixo de todos as aspetos, e aos meus olhos havia nela uma atração estranha e magnética como quem visitou o

antro de um leão e o domou meigo e doce aos seus pés pequeninos.

Levei então horas e horas pensando no meio porque me havia de aproximar, eu obscura e desconhecida da ilustre mulher, duplamente celebre pelo mérito pessoal, e pelo génio de que era como que o reflexo vivo.

Quando estava no meio destas lucubrações inofensivas aconteceu o que era de esperar: a condessa Hanskan de Balzac, entendeu que Portugal, o Portugal tão querido dos poetas patriotas, não era digno de uma visita sua.

Resignei-me, portanto, a conhecê-la somente através de um livro que é a obra-prima de Balzac, o autor de tantas obras primas que não morrem.

Este livro é a Correspondência do grande escritor, publicada há pouco pela casa Calman Levy.

Não conhecemos, podemos afoitamente confessa-lo, livro mais dramático, mais cheio de vida e de interesse, mais *empoignant*, permita-se-nos o expressivo francesismo.

Nestes dois volumes de cartas aparece-nos Balzac em toda a potência da sua extraordinária individualidade, e

conhecer Balzac é como que conhecer a sua época, a sociedade que o produziu e formou, os vícios, virtudes, preocupações, sentimentos, ideias e paixões do seculo extraordinário, de que ele é a síntese mais completa, seculo agitado por esse poder fecundo e maléfico chamado Oiro que tamanha influência exerceu na vida íntima de Balzac.

Nos livros devidos à pena do fecundo escritor, o oiro com o seu brilho fulvo, com as suas tentações diabólicas, com o seu cortejo de visões sinistras ou luminosas, com as Buas miragens atraentes e enganadoras, com as paixões frenéticas que ele cria, que ele excita, que ele exacerba, com os milagres de que é a fonte tantas vezes turva, com os esplendores de que é o mais perfeito criador, o oiro, esse inimigo, esse auxiliar, esse ídolo humano, cintila, tremeluz, precipita-se em cascatas fulgidas, doira com o seu reflexo infernal todas as coisas, comunica um não sei que de vertiginoso e satânico a todas as criaturas e a todos os objetos, produz alucinações doentias que desorientam e desvairam.

Esta preocupação, que tanto nos espanta nos romances eminentemente modernos de pintor mais perfeito e mais

realista que a sociedade francesa do seculo XIX encontrou, transparece, na existência inteira do homem, e explica-se por todos os factos do seu agitado viver.

Ganhar dinheiro, muito dinheiro, o que bastasse para saciar as ambições mais desregradas, os desejos mais insensatos, o ideal de luxo mais artístico e requintado, os sonhos mais orientais de um nababo ébrio de *haschish*, eis o facto que preencheu a vida de Balzac.

A primeira vista a gente imagina que o escritor lhe sacrificou e subordinou tudo o mais.

Engano!

Enquanto aquela fantasia desenfreada e febril revolvia milhões, aspirava à opulência das Mil e uma noites, se lançava nas mais doidas especulações, escavava minas que não havia, procurava tesouros ocultos, se exauria por fim numa luta impossível e tenaz contra a mediocridade da sua fortuna, o escritor severo e consciencioso não sacrificava ao ganho nem uma diminuta parcela da sua legitima gloria.

Os editores ajustavam pagar-lhe um livro por certa e determinada quantia, muitas vezes vantajosa para o

orçamento do poeta, mas conhecendo-lhe a singularidade do caracter especificavam no contracto que o autor só teria direito a receber um certo número de provas, e que, excedido ele, as correções seriam pela sua conta.

Muitas vezes todo o preço do romance era esgotado nas correções que Balzac fazia à sua custa, tão elevada era a ideia que ele tinha da perfeição da Arte.

Esmagado debaixo do peso das dívidas, que todos os dias pagava e todos os dias cresciam, trabalhou como um titã, trabalhou sem descanso, sem tréguas, com frenesi, com paixão, com tenacidade de que só era capaz aquele organismo de uma robustez antiga, e ao mesmo tempo vibrátil, nervoso, delicado como o de uma mulher.

Chegou a escrever consecutivamente e sem descanso pelo espaço de quarenta e oito horas, conservando-se numa exaltação artificia), produzida pelo fortíssimo café, que bebia era grandes doses.

Quem deixaria de sucumbir a esta vida de martírio?

Apesar do seu estranho vigor, aos cinquenta e um anos Balzac sucumbia a um aneurisma, tendo produzido dezenas

e dezenas de obras admiráveis, que bastariam, repartidas, para constituir a fama de vinte escritores.

Morreu com a pena na mão, tendo atingido as duas ambições supremas da sua vida; morreu sendo amado e sendo célebre, mas morreu antes de haver podido saborear no repouso e na dilatação tranquila da alma o amor conquistado em anos e anos de servidão cavaleiresca, de castidade monástica, de paixão secreta e delicada; a celebridade adquirida em trinta anos do mais infatigável e violento labutar que ainda um espirito de homem concebeu e realizou.

Quanto mais se estuda aquela vida singular, maior pasmo nos avassala o entendimento.

Todo ele era contrastes incompreensíveis, dos quais, no entanto, tinha a consciência definida e clara.

Pondo na boca de um dos seus protagonistas pensamentos que eram seus, diz ele analisando a sua própria vida:

«Amante efeminado da preguiça oriental, namorado dos meus sonhos, sensual por temperamento, trabalhei sempre sem repouso, recusando-me a todos os gozos da vida

parisiense; guloso, fui sóbrio; gostando dos grandes passeios, das longas viagens marítimas, desejando conhecer todos os países da terra, vivi constantemente imóvel, sedentário, com a pena na mão, amarrado à banca do trabalho; falador, loquaz, comunicativo, ia escutar em silêncio os professores nos cursos públicos da biblioteca e do museu; vivi solitário como um monge benedictino, e a mulher no entanto era a minha quimera única, quimera sempre acariciada, e sempre esquiva.»

O que ele aqui não diz, mas o que mais de uma vez lhe foge dos lábios e dos biocos da pena, num grito doloroso e dilacerante de agonia profética, é que a morte implacável há de vir colhe-lo no instante em que ele já extenuado de tantas lutas ia tocar a meta do seu desejar infrene.

O que torna mais digno de um curioso estudo a índole literária de Balzac é a revelação feita pelos seus amigos e confirmada por ele próprio, da excessiva dificuldade, que o romancista encontrava para achar um molde adequado ao seu pensamento tão profundo e complexo.

A palavra traia-o a. cada instante, a língua, como a Galateia da fabula, recusava-se a ceder ás febris solicitações do seu

pensamento, fugia-lhe ondeante e caprichosa, e ele impotente, desesperado, ardendo em febre, lutava noites e noites com a forma tirânica que se não queria deixar domar!

«Nassas batalhas noturnas,—diz Théofile Gautier, no admirável estudo que consagrou a Balzac, — e das quais o escritor acabava de manhã despedaçado, mas vencedor, quando o lume do fogão se apagava e a atmosfera arrefecia, a cabeça dele exalava fumo, e do seu corpo saía uma espécie de nevoeiro visível como do corpo dos cavalos em tempo de inverno.

«Ás vezes uma só frase ocupava uma vigília inteira; era empolgada, tornada a empolgar, torcida, amassada, martelada, alongada, encurtada, escrita de mil modos diferentes, e coisa notável! a forma necessária, absoluta, não aparecia senão depois de se haverem esgotado as formas aproximativas. O metal, sem dúvida, corria muitas vezes de um jacto mais cheio e mais solido, mas poucas páginas existem de Balzac que ficassem exatamente iguais ao primeiro rascunho.»

****

É ainda Théofile Gautier quem nos deixou de Balzac o retrato mais expressivo, aquele que se nos afigura mais fiel.

«Usava ele sempre, diz o escritor já citado, em vez de robe de chambre, o hábito de cache mira ou de flanela branca, preso à cintura por um cordão grosso, com o qual, mais tarde, se fez retratar por Luiz Boulanger.

«Que fantasia o levara a escolher de preferência aquele vestuário que nunca mais deixou? Não o saberemos dizer.

«Talvez que ele aos seus olhos simbolizasse a vida claustral a que o seu trabalho o condenava, e, benedictino do romance, adotara o trajo da sua vocação.

«Como quer que seja, a verdade é que lhe ficava muito bem.

«Gabava-se sempre mostrando-nos as suas mangas intactas, de não lhes haver nunca manchado a alvura com a menor nodoa de tinta, porque, dizia ele, «o verdadeiro homem de letras deve ser asseado no trabalho.»

«O hábito, um pouco aberto, deixava-lhe ver o pescoço de atleta ou de touro, redondo como um troço de coluna, sem músculos salientes, e de uma alvura acetinada, que fazia perfeito contraste com o tom mais colorido das faces.

«Nessa época, Balzac, em todo o vigor da Bua virilidade, apresentava indícios de uma saúde violenta, pouco em harmonia com a palidez esverdeada que o romantismo tinha posto à moda.

«O puro sangue da Touraine fustigava-lhe as faces tintas de purpura vivaz, e dava-lhe um colorido quente aos grossos lábios bondosos e espessos, tão acessíveis ao riso; um pequeno bigode e uma pêra impercebível acentuavam-lhe os contornos sem os esconder; o nariz quadrado na extremidade, repartido em dois lóbulos, de narinas amplas e dilatadas, tinha um caracter inteiramente original e único; a ponto de Balzac dizer a David de Angers em quanto este lhe modelava o busto: «Dê atenção ao meu nariz; — o meu nariz é um mundo!»

«A testa era bela, vasta, nobilíssima, muito mais branca do que o rosto, sem rugas, a não ser um sulco perpendicular; as protuberâncias da memória dos lugares formavam uma

saliência pronunciadíssima, por cima das arcadas superciliarias; os cabelos longos, abundantes, ásperos e negros, arrepiavam-se para traz como uma juba leonina.

«Quanto aos olhos nunca houve outros que se parecessem com os dele.

«Tinham uma vida, uma luz, um magnetismo in concebíveis.

«Apesar das longas vigílias noturnas, a esclerótica conservava-se-lhe pura, límpida, azulada, como a de uma criança, ou a de uma virgem, e engastava dois diamantes negros, a espaços iluminados por opulentos reflexos de ouro. Eram olhos para fazerem baixar as pálpebras ás aguias; olhos capazes de lerem através das paredes e dos corações, de fulminarem uma fera furiosa: olhos de soberano, de vidente e de domador!»

Madame de Girardin, no seu romance intitulado: A bengala do Sr. de Balzac, falia destes olhos esplendidos:

«Tancredo avistou então no cabo desta espécie de maço, turquesas e ouro, cinzeladuras maravilhosas; e por detrás

de tudo isto dois grandes olhos negros mais brilhantes que todas as pedrarias.

«Logo que a gente encontrava o olhar destes olhos extraordinários, não podia notar sequer o que as outras feições tinham de trivial ou de irregular.

«As mãos de Balzac eram de rara formosura, verdadeiras mãos de prelado, brancas, de dedos pequenos e redondinhos, unhas róseas e brilhantes; era muito presumido delas, e sorria-se de prazer quando via que as notavam».

Diante deste retrato é mais fácil compreender o escritor com a sua admirável potência intelectual, e as suas pequenas manias pueris; simpático, bom, com vaidades inofensivas, e austeros orgulhos, sedento de um afeto único, e de uma celebridade que fosse só dele.

Nas suas cartas de uma eloquência irresistível, volteiam constantemente as duas grandes preocupações da sua vida — a gloria e a mulher!

«Tenho a alma profundamente triste, escreve ele. Só o trabalho me ampara na vida. Não haverá para mim no

mundo a mulher a que eu aspiro? As minhas melancolias e tédios físicos cada dia se agravam mais, se tornam mais longos e mais frequentes. Cair deste trabalho esmagador ao nada mais completo! não ter nunca ao pé de mim aquele doce e carinhoso espirito da mulher, por quem tenho feito tanto!»

E fez! digam o que disserem os seus detratores, ninguém como ele compreendeu a mulher, — principalmente a mulher do seu tempo, — nas suas fraquezas, nos seus crimes, nas suas delicadezas ocultas, nas suas aspirações mórbidas e doentias, nas exigências despóticas da sua alma e dos seus nervos, nas abnegações sublimes de todo o seu ser, nas suas vaidades ferozes, no esquecimento absoluto, na abdicação completa de qualquer egoísmo, em tudo em fim que ela tem de belo e de feio, de grandioso e de ridículo, de puro e de maculado.

Que o digam Eugenia Grandet, a mais doce e mais melancólica das suas criações; La Fossete, idílica visão tão simpática como a Mignon, e mais real do que ela; a condessa de Morsauf, a mártir do dever; a viscondessa de Bauseant, a duquesa de Langeais, madame de Restaud,

lady Dudley, a monumental Valeria Marnefe, e tantas outras, trágicas pecadoras, fascinantes, demónios que tem filtros na voz e no olhar; produtos de uma civilização gasta e apodrecida; figuras típicas que hão de ficar umas, características da sua época e do seu meio, outras, eternas e sempre verdadeiras como a humanidade!

Em Balzac há muitas vezes expansões de cândido orgulho que seriam ridículas noutro homem, e que a ele o tornam mais simpático.

Tem mais do que a consciência clara do seu valor, tem uma confiança enorme em si, no seu talento, na sua obra, na, sua missão.

Imagina se apto para todos os misteres, julga-se não só um grande romancista, mas alguma coisa menos — um grande político!

Escrevendo Serafita e Luiz Lambert, duas obras que lhe foram inspiradas pelas suas leituras de filosofia espiritualista, e pelas tendências Swedenborgista que houve nele num dado momento da sua existência, tão intelectualmente acidentada, julga preencher uma grande

lacuna, produzir alguma coisa de grande que os séculos vindouros possam por ao lado do Fausto!

Curiosa ilusão do génio!

Como se não houvesse nada menos nebuloso, menos metafisico do que esse vigoroso realista, observador potente para quem a vida com todas as paixões que a convulsionam e agitara não conservou um único segredo.

****

São de 1835 as primeiras cartas que na Correspondência de Balzac aparecem dirigidas a madame Hanska, se bem que já de mais tempo datassem as suas relações de pura e platónica amizade com a elegante e fidalga mulher, que muito mais tarde foi sua esposa.

Duram cerca de dezassete a dezoito anos estas relações que o tempo modificou, e estreitou tão profundamente, mas desde a época em que esta mulher superior aparece no seu

destino, a vida de Balzac tem um profundo e apaixonado interesse.

Vinte horas por dia trabalhava ele então, para conseguir encher aquele horrível tonel das Danaides, que era a sua divida!

Apesar disso, lograva ainda roubar alguns instantes a este agro labutar, para escrever umas cartas que todos os críticos hão de consultar no futuro, para conhecerem a fundo a vida e o caracter do prodigioso escritor.

São caricias ideais, interrompidas por cálculos monetários, são queixas dilacerantes a que se segue uma longa risada de inofensiva ironia; porque ele, que soube pintar tão bem os cínicos, os depravados, os terríveis escarnecedores, cujo riso corroía como um cáustico, era no íntimo bom, quase infantil; depois confidencias, esperanças, sonhos políticos, sonhos financeiros, sonhos industriais, planos gigantescos de trabalho, fantasias de artista, desejos de mulher garrida e bonita, observações profundas, divagações poéticas, melancolias de alma solitária que ninguém na terra sabia entender.

Entendia o ela, a adorável slava, que vemos através destas cartas, altiva para todos, consoladora e maternal para ele; grave, majestosa, fidalga como a sua velha raça, e no entanto cheia de graciosas delicadezas, que endoideciam de júbilo e de amor o plebeu namorado de todos os requintes aristocráticos, o trabalhador eternamente exilado de todas as alegrias do amor, o artista que tão bem sabia avaliar o lado elevado e belo de todos os sentimentos.

É um estudo interessante e curiosíssimo ver como o tom ao princípio respeitosamente afetuoso das cartas de Balzac vai seguindo gradações sucessivas e harmónicas, tornando-se terno, apaixonado, confiante, expansivamente amoroso.

E que madame Hanska, quando ele a conheceu, é uma senhora casada e sinceramente virtuosa.

O adorável monstro parisiense de juba de leão e olhos de brilho fulvo e diamantino, pude atrair-lhe a curiosidade, excitar-lhe a imaginação, seduzir-lhe o espirito, mas parou aqui o seu terrível poder I

E só depois de viúva, quando, sem crime, a altiva dama pode entregar-se à tendência tão violenta do seu coração, é

que ela o acolhe com o abandono de mulher amada e amante, que lhe deixa conceber esperanças que o fascinam, e que por fim as coroa, dando a sua fina mão branca, esguia, principesca, ao pobre artista, ao louco aventureiro do génio, que tão fiel e estremecidamente lhe quis, em longos anos de casta abstenção.

Mas ele trabalhará, lutara, padecera tanto; por tanto tempo desejara aquele enlace, que era ao mesmo tempo a realização das suas quimeras de ambicioso, e dos seus sonhos de homem e de poeta; empregara tão violentos esforços para pagar até ao último ceitil a sua enorme divida, para entrar desassombrado e digno na vida conjugal, em que, aos olhos desta sociedade ignorante, ele dava tão pouco e recebia tanto; realizara tais prodígios para mobilar, como um artista milionário, o ninho em que havia de receber a adorada mulher que deixava por ele as pompas seculares da sua vida opulenta, que sucumbiu ao excesso das fadigas e que ao tocar com os lábios sôfregos o pomo tantas vezes sonhado, o sentiu esvair-se em cinzas, como em cinzas se esvaia a sua vitalidade opulenta!

É esta luta de um trágico sublime, mais interessante do que todos os romances que Balzac escreveu, que se desenrola com uma beleza maravilhosa na sua Correspondência, cuja leitura aconselhamos sem hesitação a todas as nossas leitoras, coisa que não faríamos a respeito da obra do escritor, apesar da sua incontestável e radiante formosura.

É preciso ler estes dois volumes para saber como o grande romancista sofreu e como se compram caras as glorias do génio, tão invejadas pela turba.

«Não tenho nem uma hora para chorar, nem uma noite para descansar!», diz ele numa das suas cartas.

Madame Hanska é contudo para o titã, infatigável e sempre vencedor, a suprema doçura, o balsamo inefável de todos os instantes.

«Ó minha querida alma fraternal, tu és a santa, a nobre, a dedicada criatura a quem eu entrego toda a minha vida e toda a minha felicidade com a mais ampla confiança! Tu és o farol, a estrela luminosa e la *sicura richezza senza brama*! Em ti compreendo tudo, até as tuas tristezas e por isso as

amo tanto! Contigo a sociedade moral não existe! eis o grande segredo, o segredo supremo de felicidade.»

Mas para que havemos de fazer citações sempre incompletas e sempre inúteis?

Quem quiser conhecer a que foi esposa e hoje é viúva de um dos maiores génios da França, que leia o livro de que temos extraído rápidos trechos.

Vê-la-á serena, inteligente, instruída, não bela daquela beleza juvenil, que agrada aos mais profanos, más da grave formosura, que envolve o outono da mulher numa nuvem de indefinível saudade, sabendo curvar a sua gentil e orgulhosa cabeça de madona ao jugo de uma elevada ternura, e contudo conservar intacta a sua dignidade de senhora, duplamente ilustre pela virtude e pelo nascimento; tendo para o génio a admiração e a indulgência; compreendendo com uma finura toda feminil, feita de talento e de experiencia, o que há de infantil num grande homem, o que há de fraqueza numa potência intelectual, abdicando todas as falsas vaidades, cultivando em si todos os verdadeiros orgulhos, numa palavra a

mulher completa, tal como a sonhamos e como quereríamos vê-la mais vezes realizada.

LINCOLN E GRANT

De vez em quando a tela monótona desta nossa vida de Lisboa, unicamente bordada de pequeninos can-cans políticos, literários e sociais, rompe se com a chegada, ou para melhor dizer, com a passagem de um viajante ilustre.

Em geral os viajantes que por cá aparecem não chegam, passam.

É mais verdadeiro o verbo, embora lisonjeie muito menos a vaidade nacional.

Este nosso modesto Jardim da Europa à beira-mar plantado, como a caridosa fantasia do poeta do D. Jaime lhe chamou, tem poucos atrativos que chamem os viajantes.

De entre os que nos tem visitado, só um, e esse na sua qualidade de mulher tinha amplo direito para se entreter com devaneios ilusórios, só um — M.me Eatazzi — descobriu em nós qualidades extraordinárias que nos vaticinam brilhante futuro, além de nos dotar de génios

pouco vulgares de obscuros Shakespeare, para quem soará brevemente a hora gloriosa da fama universal.

A própria M.me Eatazzi se ofereceu bizarramente para apressar essa hora, que já ia tardando, não só pondo em prosa francesa a prosa dos nossos escritores, como também encarregando-se ela própria de personalizar, num dos eternos teatrinhos que anda armando por toda a parte, as criações mais ou menos formosas dos ditos Shakespeare, desconhecidos.

Será bom que a gente peça a Deus daqui por diante nas suas orações mais fervorosas não excitar a dedicada admiração daquela ilustre, mas indiscreta dama!

Quem lhe manda a ela andar apregoando lá por fora nossas glórias!

Nós bastamos ao menos para nos aplaudirmos mutuamente.

A que vem, porém, todas estas divagações? pergunta decerto a leitora.

E pergunta com muita justiça, porque a minha imaginação, está *folie du logis* indisciplinada, não tem direito para

cansar assim a benévola atenção dos que me leem.

Vinha tudo isto a propósito de ter estado há pouco entre nós, vindo embarcar no nosso porto, o general Ulisses Grant, um dos vultos mais importantes da moderna história.

O aparecimento deste homem modesto, que foi um herói, além de ser um grande cidadão, pouca ou nenhuma impressão produziu no espirito dos lisboetas.

Porque, enfim, sejamos justos, o general Grant que direito podia ter à fervida admiração dos seus contemporâneos?

O general Grant não inventou, como o seu patrício Boyton, um aparelho de borracha para andar por cima d'água; o general Grant não é um palhaço afamado dos que atraem o *High life* ao circo Price; o general Grant não tem nem a voz de Manrico ou de Arthur, nem a capa e o chapéu de pluma destes cavalheiros; o general Grant não passa de um homem muito vulgar, que salvou o seu país na guerra, e que o reconstruiu, desenvolveu, fortificou e engrandeceu durante a paz!

Que significarão estas coisas para quem só gosta de aventureiros e de *poseurs*?

Nós, porém, é que, lendo que chegara à cidade em que vivemos o ex-presidente dos Estados-Unidos da América, tivemos curiosidade de lançar um relance de olhos, enquanto rápido, sobre a vida desse homem singular, desse moderno lutador vida que se nos afigura um estudo próprio para levantar e robustecer o espirito dos que acreditam nos futuros destinos da democracia.

Não é possível separar na historia os dois nomes de Lincoln e de Grant.

Ambos combateram pela mesma nobre causa, ambos concorreram igualmente para o seu grande e definitivo triunfo.

O nome de Lincoln tem a suprema aureola que dá o martírio, o nome de Grant tem o prestigio fascinador que dá a heroicidade.

Nenhum conhece o aparato, a ostentação, esta humilde vaidade que torna os povos latinos tão doidamente namorados de tudo que fulgura.

Ambos eles pertencem profundamente, mais ainda pelo caracter do que pelo nascimento, ao país de que são filhos.

País estranho, gigantesco, sempre agitado, onde o homem tem campo vasto para desenvolver a sua múltipla atividade, para exercitar e pelo exercício permanente robustecer as suas varias e complexas faculdades, e onde, tendo de dever somente ás suas forças individuais a elevação a que forçosamente aspira, ele tem de empregar nessa luta de ambições fecundas todos os recursos, todas as energias da sua inteligência, todas as riquezas da sua organização.

O que há de extraordinário nestes dois homens é que ambos alcançaram o mesmo fim, ambos partiram da mesma origem, e contudo não há nada mais divergente do que o caracter deles e os meios que empregaram para subir ao mesmo posto supremo da sua nação.

É fora de toda a duvida que hoje a ideia democrática tende a triunfar por toda a parte.

E uma ideia que germinou há dezanove séculos, e que, antes de bracejar e florir à luz crua do dia, lançou até ás entranhas da terra as suas raízes vigorosas, cresceu,

medrou, sugou a mais exuberante e a mais substanciosa seiva, minou lentamente tudo que lhe ficava em torno, e, quando por fim apareceu a todos os olhos, já vinha forte e robusta demais para que ousassem derruba-la.

A democracia não é um modo de ser transitório das sociedades modernas; quando as leis e os costumes, quando os acontecimentos e os homens, se modificaram e transformaram à sua grande voz, .já ela tinha direito de asilo em todas as consciências.

Os que a repulsam não desconhecem o feio crime que perpetram.

Os que a atacam são movidos pelo seu próprio interesse, que ela muitas vezes tem de magoar ou de destruir, mas nunca pela sinceridade das suas convicções.

A democracia bem entendida não pode separar-se da ideia da justiça.

Desde que uma despontou sobre a terra, outra começou a aparecer imponente e irresistível ao espirito dos que sabem ler em vagos prenúncios as transformações fatais de que tem de ser teatro as sociedades.

A democracia não está, pois, destinada a morrer como as outras formas sociais que a precederam, e que não foram senão a lenta preparação -do seu triunfo, enquanto pareçam as suas inimigas irreconciliáveis.

Entre os elementos que constituíram o passado, e os que vão constituir o futuro, não há inimizade, há incompatibilidade.

Uns tem de sucumbir para que os outros triunfem, eis tudo.

Nesta grande evolução que nunca pára, o que ás vezes se nos afigura mais contrario a uma causa é justamente aquilo que lhe está preparando a vitoria absoluta.

E bom que tenhamos isto sempre bem presente, para que não sejamos acintosamente inimigos do que foi, nem loucamente vaidosos do que vai ser.

Os acontecimentos não são nunca o resultado de uma causa isolada; são a consequência fatal de uma lei relacionada com todas as outras., parte que está em perfeita harmonia com o seu conjunto.

A geração de hoje, e a que foi sua predecessora, fizeram muito, é verdade, em favor da causa democrática, porém

não foram elas que no curto espaço de um seculo semearam o gérmen, regaram a planta, a viram transformada em árvore gigantesca, e lhe colheram os frutos abençoados.

Seria demais para tão pouco tempo.

E bom que o repitamos: há dezanove séculos que a humanidade caminha, sem parar um só instante.

Tem tido dias que podem chamar-se séculos, e em compensação tem tido séculos que podem chamar-se dias; em todo o caso, é porque ela ainda não estacionou que hoje avista, enfim, o ponto a que se dirigia.

Tenhamos o santo orgulho do que temos feito, mas não desprezemos o que os outros fizeram antes de nós.

****

A América é o país em que o pensamento democrático tem tido mais pratica e mais positiva realização.

Sem entrarmos em considerações que seriam inoportunas, sem analisarmos todas as condições excecionais que favoreciam este povo, para que ele pudesse mais do que nenhum outro, dar uma forma real ao que tem sido o sonho de tantos utopistas e de tantos mártires, basta-nos percorrer rapidamente a vida dos dois homens notáveis de que falíamos para conhecermos a fundo quanto os costumes, as ideias, as leis, os sentimentos do povo americano estão profundamente penetrados do principio da igualdade de condições, que é no fim de contas a base de toda a verdadeira democracia.

Tanto Lincoln como Grant saíram das mais humildes posições sociais.

Lincoln foi até aos vinte anos carpinteiro e barqueiro; Grant foi até aos trinta e tantos anos operário como o seu pai, operário humilde e obscuro.

Se me perguntarem qual dos dois me inspira mais simpatia, responderei que prefiro Lincoln.

Ambos tem a suprema distinção da honestidade, esta virtude moderna, que é indispensável aos grandes homens,

os quais tinham dantes ampla licença para serem aventureiros felizes, sem por isso deixarem de ser admiráveis e admirados.

Mas, enquanto Grant é simplesmente um homem de energia inquebrantável, e de espirito positivo e claríssimo, Lincoln, que é também isso, é mais ainda do que isso, porque é uma alma de poeta.

De poeta, sim; não se riam, minhas queridas leitoras.

A poesia que se escreve é muito inferior àquela que se sente e que se pratica.

Não admira que a alma do mártir americano se colorisse na mocidade de todas as tintas opulentas da genuína poesia.

Ele conhecera de perto a natureza grandiosa do seu país; ouvira, humilde, pobre, talvez inconsciente, o que diz no silencio das noites ou no acordar festivo das madrugadas a voz sonora, grave, religiosa das florestas insondáveis.

Depois, o seu primeiro livro, aquele em que aprendeu a ler na obscura escola da terra em que vivia, o que mais o inspirou, o que lhe deu adoráveis cores para as suas tão finas parábolas, eloquência e unção para advogar a causa

de tantos milhões de parias, arrojo, audácia e valor para proclamar a redempção dos seus irmãos escravos — e escravos na terra onde uns poucos de homens intemeratos tinham vindo erguer o estandarte da liberdade, desconhecido na Europa — o livro, enfim, da sua mocidade foi a Bíblia, o grande, o imutável poema, o maior de todos, porque não é o poema de um homem, é o poema de um povo.

Lincoln teve, como todos os poetas do coração, o culto mais profundo pela mãe.

— Tudo que sou a ela lhe devo, — dizia.

E, no entanto, ela morrera-lhe quando o filho contava apenas dez anos, e fora em vida uma criatura simples, uma alma ingénua e ignorante.

Quem pode, porém, afirmar que não existisse uma comunhão misteriosa entre a alma da mãe e o espirito do filho!

Quem sabe se a ela lhe faltou apenas cultivo esmerado para ser uma criatura superior, e se a criança rude e obscura, que foi mais tarde o grande homem e o grande mártir, não

deveu as qualidades que o tornaram tão distinto à influencia oculta da que o gerou no seio?

Como quer que seja, a verdade é que o pobre operário conseguiu à força de estudo — estudo ainda assim que nada teve de Metódio — improvisar-se advogado.

Lincoln nesta nova posição, conquistada pela sua enérgica vontade, tinha uma singularidade que deve espantar altamente: só aceitava a defesa de causas justas.

A feição mais característica do espirito de Lincoln é uma jovialidade conceituosa, uma malicia benévola, uma graça de moralista, que faz das fabulas e das parábolas armas infalíveis de argumentação.

Nunca se deu ao trabalho de improvisar arrojos de eloquência, tinha sempre ao serviço das suas convicções umas anedotas a um tempo cheias de graça e de bom senso, umas pequenas historias que deitavam por terra toda a laboriosa retorica dos adversários.

Aos trinta anos o advogado modesto viu-se de repente orador popular e candidato à legislatura da sua terra.

Não que ele fizesse nenhum desses discursos tribunícios que arrastam e entusiasmam as massas, mas sempre pela força irresistível do seu bom senso, que era tão raro e tão completo, que o punha a par dos homens de génio.

Todos conhecem a vida de Lincoln, que, depois de ser um dos oradores mais populares e mais queridos das reuniões publicas do seu país, foi duas vezes eleito presidente dos Estados-Unidos, e durante os últimos anos da sua vida gloriosa sustentou e venceu uma das guerras mais assoladoras dos modernos tempos, e arrancou da terra que lhe deu o ser essa lepra — hoje felizmente desconhecida no mundo civilizado — que se chama escravidão!

Foi pouco tempo depois de ter assignado o decreto que remia dos horrores do cativeiro quatro milhões de desgraçados, que Lincoln, um dos heróis da humanidade, um dos santos, um dos conquistadores, um dos mártires de que falia com mais louvor a historia, caiu morto, ás mãos covardes de um assassino!

Nada mais patético e de uma tristeza mais comovente e mais profunda do que a descrição do funeral do libertador da pátria, do grande emancipador da raça escrava.

O seu cada ver, consagrado pela admiração desse povo gigante, foi levado de capital em capital, desde Washington até à pequenina cidade de Springfel, pátria da sua mocidade laboriosa e humilde.

Foi um caminho de triunfo, que lembrava, mas de bem diverso modo, o caminho que ele andara em vida, desde a sua terra pequena e pobre, até à grande capital, onde o tinham levantado à primeira magistratura do país.

Dali voltava ele agora, mártir da sua causa que era a causa da pátria, da humanidade da pura democracia, e que deixara vencedora e triunfante.

Não pode haver existência mais cheia, não pode haver gloria mais pura, não pode haver destino mais digno de admiração.

****

Grant, que fora desconhecido até muito mais tarde do que Lincoln, revelou-se doutro modo à atenção dos seus

patrícios.

Longe de ter a facilidade graciosa do espirito do seu predecessor, o espirito de Grant era acanhado e silencioso. Na infância e na mocidade nenhuma superioridade visível o distinguia dos seus companheiros.

Educado à custa do Estado na escola de WestPoint, saiu dali como alferes graduado do 4.° regimento de infanteria, e partindo para a guerra dó México, distinguiu-se ás ordens do general Taylor no cerco de Vera Cruz.

Depois de sete anos de serviço, em que se mostrou sempre militar valente, .pediu a sua demissão, e estabeleceu-se como simples rendeiro no Missouri, próximo de S. Luiz.

Muito pobre, se bem que muito trabalhador, tendo já quatro filhos, Grant não tinha remedio senão ir ele próprio vender as madeiras da sua mata à cidade de S. Luiz, e muitos habitantes dessa cidade se hão de lembrar ainda de ver aquele homem ágil, laborioso, calado, quase mudo, passar na sua carroça, ao galope dos cavalos, que sempre teve bons, descarregar a lenha que trazia, e partir de novo, tão mal trajado, que muitos dos seus antigos camaradas do

exercito se envergonhavam de se darem por conhecidos daquele grotesco figurão.

Não lhe correu, porém, favorável a fortuna, apesar da energia com que ele trabalhava.

E o futuro presidente dos Estados-Unidos, cansado de lutar em vão contra a má sorte, voltou para junto da sua família, que toda vivia do comercio dos couros, e começou também a trabalhar neste humilde ramo de industria.

Foi desta posição, de que na nossa aristocrática Europa ninguém era capaz de sair, por mais que soubesse e por mais que valesse, que Grant subiu a comandante em chefe do exercito dos Estados-Unidos, e depois a presidente da Republica.

Como? porque?

Eis o que só se compreende compreendendo bem a índole do povo americano.

Subiu mesmo pelos motivos que entre nós inutilizam os homens.

Subiu porque conhecia a miséria e o trabalho; porque não o amedrontava o perigo, porque tinha a energia concentrada e onipotente dos que, tendo nascido para altas empresas, são longo tempos esmagados pela desgraça.

Ele era destemido e enérgico, tinha — não a instrução — mas a intuição guerreira; antes dele o norte fora sempre vencido pelo sul, na terrível guerra civil, que começara em 1861; depois dele aparecer sucederam-se rápidas e brilhantes as vitórias do norte.

Em 1865 a autoridade federal restabelecia-se em todo o território dos Estados-Unidos, o general Le aceitava a capitulação de Richmond, e Lincoln entrara na cidade que o fogo destruirá, descobrindo-se à frente dos miseráveis negros, que recebiam pela primeira vez naquela homenagem, a confirmação da sua dignidade de homens.

Foi um ano de triunfos devidos à audaciosa iniciativa do general Grant, que além da bravura do soldado, tinha em alto grau ã bravura do general.

Tão excecional foi sempre a sua energia, como são raras as suas palavras.

Os seus ditos, de uma concisão antiga, nas horas de crise da sua vida, são dignos de ficarem registrados pela historia.

Nenhuma ostentação, nenhuma pretensão nos seus modos excecionais.

Na carreira triunfal de militar e de cidadão conservou o seu feitio de rude agricultor ou de obscuro operário.

Não admira que a morte de Lincoln desse o posto supremo a Grant.

Lincoln fora o advogado de uma causa da qual Grant foi o guerreiro.

A herança era logica e natural.

Quando o elegeram presidente, Grant respondeu com esta simples carta à comunicação que recebera:

«Procurarei aplicar as leis com boa fé, e serei económico. Tenhamos paz, por fim.»

Esta carta define-o.

Ele não tinha levantadas teorias, não tinha planos concebidos, não tinha presunçosos sistemas.

Estava resolvido a ter economia, boa fé, respeito ás leis.

Todo o segredo de uma administração magistral.

E quantos obstáculos encontrara!

Tudo em roda dele eram vestígios do assolador flagelo que passara, devastação, fome, miséria; que vasto campo, e ao mesmo tempo que missão perigosa e difícil!

Pois cumpriu-a.

Cinco anos depois de finda a guerra já o exercito estava dispersado; mais de oito mil homens tinham ido com os seus braços dar um novo impulso à agricultura, à industria, ao comercio, a todos os .ramos uteis da atividade de um povo.

As leis eram rigorosamente executadas, a divida diminuirá, a proteção aos antigos escravos estava plenamente confirmada, a América por fim entrava definitivamente numa fase de reconstrução e de prosperidade.

E tudo isto se devia à energia, à inteligência, à atividade de um só homem.

E este homem, tão modesto na aparência, tão lacónico nas falias, tão simples no viver, este homem que recusa recompensas aparatosas, porque julga que a suprema recompensa é a da própria consciência, este homem que pode apresentar-se como a personalização da democracia moderna, é o mesmo que Lisboa há pouco viu passar com & estúpida e distraída indiferença que ela tem para tudo que é verdadeiramente grande, e por isso mesmo despretensioso e simples.

AS FILHAS DE VÍTOR HUGO

Há pouco tempo um escritor francês desconhecido entre nós, o Sr. Gustavo Rivet, publicou um livro intitulado Vítor Hugo *chez lui*, no qual pinta o grande poeta francês, surpreendido, por assim dizer, na intimidade dos seus pensamentos, dos seus gostos, das suas atitudes mais familiares.

Desce do pedestal onde a nossa fantasia se compraz em o colocar, o poeta da Lenda dos séculos, e mostra-no-lo com a robe de chambre e os pantufos de qualquer honesto *rentier* do Marais.

Vítor Hugo não perde em ser visto assim.

A sua alma amantíssima, desnudada à frente do nosso olhar corresponde positivamente a tudo que dela esperávamos.

O avô brincando no tapete do seu quarto de trabalho com a graciosa Joaninha qua a *Art d'être grand pére* imortalizou,

não desmente de modo algum o justiceiro implacável dos Châtimts.

Contudo não é o pai de família, que nós vamos hoje estudar em Vítor Hugo, como o nosso titulo um tanto fantasista parece estar indicando.

As filhas de Vítor Hugo, que nós tentaremos apresentar diante dos olhos das leitoras, não são as filhas do seu matrimonio de simples mortal, são as radiosas filhas do seu génio, as visões iluminadas que ele evocou com palavras de misterioso encantamento desse Olimpo inacessível onde vivem e nascem as criações imortais dos grandes artistas.

Para nós que temos vivido da palavra do mestre, que temos seguido com enternecimento apaixonado todas as fases do seu espirito, essas mulheres ideais é que são as suas verdadeiras filhas. Que nos importam as outras no fim de contas, se através destas é que ele se revelou tal como é?

Todos os artistas de primeira ordem criam um tipo de mulher, em que consubstanciam e sintetizam todos os sonhos que tiveram, todas as aspirações que tem concebido.

A mulher que eles fazem viver com a pena, se são poetas, com o escopro ou com o pincel, se são estatuários ou pintores, não é como alguns querem que seja, a mulher que eles amaram: é mais do que isso, é a mulher que eles queriam amar!

Para essa é que a sua lira tem cantos mais ardentes, o seu cinzel mais aveludadas caricias, a sua paleta cores mais suaves, a sua pena traços mais vivos, analises mais delicadas, intenções mais graciosas e mais finas.

E como o coração dos homens é tão vasto que nele cabem dois cultos que se não prejudicam mutuamente, quase sempre esses artistas de que falíamos tratam com o mesmo primoroso esmero dois tipos de mulher bem diversos, e que representam como a dupla face do seu modo de sentir.

Um deles personifica a virginal criança cujas seduções mais irresistíveis se chamam inocência, pudor, candura, ou ignorância; lírios que o orvalho da manhã coroa com um diadema de pérolas, lírios que uma aragem mais quente crestaria, e que o contacto de uns dedos brutais lançaria por terra murchos e amarrotados. Outro, a mulher, na plena posse da sua perigosa soberania, a mulher sereia que

encanta e embriaga e mata, consciente dos seus malefícios, e gozando do seu fatal poder!

Consoante o espirito do .artista se enamora da sombria beleza do mal, ou da imaculada candura do bem, assim ele trata com mais delicada predileção o eterno feminino que representa uma das faces do mesmo problema insolúvel.

Porque o homem grande ou pequeno, inteligente ou medíocre, há de sempre amar a mulher debaixo de qualquer destas duas formas, ou antes debaixo delas ambas.

Até os bons nas suas horas de perversão, nas crises em que no coração deles triunfa a porção de domínio que há até mesmo na alma dos anjos, hão de sentir-se atraídos por este mistério luminoso e sombrio, que na arte pagã se chamou Circe ou Helena, que na idade média foi Melusina, que na Renascença foi Impéria ou Lucrécia Borgia, que os modernos, enfim, conhecem debaixo de tantos nomes, que o génio de tantos homens tem revestido de prestigio magico e de superior fascinação.

Os maus... escusado é dizer que os maus, só nessas mulheres símbolos do mal, símbolos de todas as seduções insalubres, hão de achar a graça magnética que arrasta e que enlouquece.

Mão é por isso de admirar que todos os poetas as tenham cantado, que todos os romancistas as tenham descrito, mas na feição peculiar que cada um deles dá ao modo porque as estuda e as pinta, é que consiste a superioridade ou inferioridade do eterno tipo.

Quanto ás outras, ás boas, ás cândidas, ás angélicas, poucos as compreendem na sua genuína e original pureza, e os que as souberam compreender tem produzido obras primas!

Shakespeare é o poeta a quem se deve uma galeria mais radiosa e pura destas divinas crianças impecáveis.

Umas absortas num sonho de eterna tristeza, envoltas como que num pressentimento de inevitável desdita, como Ofélia ou Desdémona; outras deixando florir nos lábios frescos a rubra flor da alegria matinal, mas todas lindas, e

meigas e inocentes, todas fazendo crer no bem até os mais cínicos.

Vítor Hugo tem, como Shakespeare, destas criações risonhas e simpáticas.

As mulheres de um como as mulheres do outro, têm na alma um pouco da alma das aves.

Têm a ligeireza alada do sonho, têm a graça imponderável das visões.

Não há ninguém que não quisesse ter por filha uma dessas crianças borboletas; não sei se todas as quereriam para esposas.

E no entanto são boas, de uma doce bondade inconsciente que delas se exala como o aroma se exala da flor; mas também as crianças são boas, e contudo ninguém como elas sabe ser engenhosamente cruel.

****

Vítor Hugo com a sua alma de forte, que não precisa de auxilio, e não precisa de guia, não compreende a mulher como os modernos aspiram a encontra-la.

Não quer a companheira robusta desse atleta moral, que é o lutador de hoje; não quer a mulher de animo refletido, de coragem viril, de consciência iluminada e austera, que na hora do perigo ou na hora da vacilação criminosa, arrasta ao impulso da sua voz o espirito do homem esmorecido ou duvidoso.

Ele, cuja vida tem sido uma ascensão progressiva para o bem, ele, que não precisa de outra bússola que não seja a luz interior que nunca se apaga nem bruxuleia, não teve necessidade de criar ao lado de Marius, ao lado de Didier, ao lado de Genaro, ao lado dos seus altivos heróis, uma mulher forte que os auxiliasse e fortalecesse na grande luta do bem!

Oh! não era de força que eles careciam.

Era de luz nas sombras do seu caminho sombrio!

Didier saberia resistir ás seduções da criminosa voluptuosidade; Hernâni saberia responder ao sinistro som

da trompa funerária; Genaro saberia confessar as suas indignações austera? e os seus ódios inquebrantáveis; Marius saberia amar a honra impoluta como as virgens, brilhante como as espadas, implacável como a eterna justiça.

Do que eles precisavam era de risos, de flores, de caricias e de beijos.

Precisavam de quem os arrancasse à contemplação do seu deslumbramento ideal e lhes dissesse ao ouvido ternamente, melodiosamente:

— Olha! eu sou a graça, sou a poesia, sou o esquecimento, sou a embriaguez. Tenho só um nome, que vale por todos e a todos sobreleva: eu sou o amor!

E não são mais nada as mulheres criadas pelo génio portentoso de Hugo!

O amor, sempre o amor.

O amor egoísta, o amor cego., o amor absorvente,. exclusivo, com os seus pudores instintivos, as suas ignorâncias virginais e as suas aspirações insaciadas a fatalidade irresistível da sua força!

No seu primeiro drama, Hugo todo imbuído das ideias cavaleirescas do romanceiro, criou um tipo de mulher que é talvez um dos mais belos da sua formosa e radiante galeria.

Dona Sol sabe amar impetuosamente, ardentemente, e nesse amor que é a nota predominante do seu caracter, encontra força para todas as resistências viris.

Como ela é doce e humilde enlaçada pelos braços valentes do seu senhor, do seu leão das montanhas, do seu príncipe bandido, do seu rebelde e indomável cavaleiro!

Sorrisos, olhares, vozes, caricias, tudo é de veludo!

Um desejo dele, tem-na escrava! no entanto sabe por instinto, que ele o herói, o forte lhe não pode pedir coisa alguma que a filha de um paladino das Espanhas deva recusar envergonhada.

Quem dirá que aquela graça pode fazer-se in dignação, que aquela flexibilidade ondeante pode transformar-se em revolta implacável?

E que nela há de tudo! porém esse tudo é simplesmente amor.

Apareça outro que a requeste, outro que ouse ama-la, e a pomba saberá ser leoa, para defender o seu tesouro!

Mas de que lhe vem a força com que ela domina, a indignação austera que a transfigura? Do coração.

As mulheres de Hugo não pensam, não raciocinam, amam! Isso lhes basta.

E se a fome ás vezes as perde, se a maldade e a perfídia do homem as arrasta, nunca o amor deixou de as redimir.

Para elas o amor não é a perdição, é o resgate!

Vede Marion, a cortesã incrédula, a serpente de enganosas caricias, que um sentimento verdadeiro purifica e exalta, e que dele recebe uma nova e misteriosa virgindade! Vede Eponine, a filha das lamas de Paris, a quem um olhar de Marius inocula o amor, o sacrifício, a abnegação e a heroicidade!

Mas — contradição à primeira vista inexplicável e que no fundo tem talvez uma significação sublime — o amor que transfigura e santifica e ilumina as pecadoras, torna egoístas, torna ingratas as puras!

Eponine imola-se, porque ama, e Cosete, porque ama, esquece tudo que não seja o seu amor, e com a mesma pequena mão com que abre a Marius os. paraísos inacessíveis enterra o punhal no seio de João Valjean!

Marion, de Magdalena impudica e triunfante, levanta-se Magdalena arrependida e piedosa, e Esmeralda não tem a esmola, a caridade de um sorriso bom para Quasímodo!

Porquê?

Ah! é que umas são a ignorância na sua perfeição mais divina, outras guardam na boca o gosto amargo de todos os frutos vedados que tem devorado!

Umas não conhecem nada para além da nuvem iriada que aa envolve e lhes intercepta o mundo, outras possuem a medonha ciência que é feita de todas as deceções, de todas as agonias, de todos os tédios, de todos os remorsos, de todas as náuseas da vergonha e do desprezo próprio!

Umas entram no amor, triunfantes, imaculadas, curiosas, ébrias de harmonias nunca ouvidas, sedentas de alegrias nunca sonhadas, absortas pela radiante visão que as transporta a mundos desconhecidos.

Viviam dantes? tinham afetos? prazeres? distrações?

Não sabem.

Sabem que as inundou a luz de um olhar, e que, a essa luz, viram o que nunca tinham visto, esqueceram tudo mais que fora seu.

As outras vão ali à porta daquela região de que hão de ser as eternas exiladas, pedir a esmola de um perdão, a caridade de umas horas de esquecimento.

E em troca desse consolo supremo a que se julgam sem direito, são capazes de todos os sacrifícios, de todos os renunciamentos sublimes que inventa a mulher depois de ter perdido a esperança de ser feliz.

****

Leitora, estás cansada das chatas e incaracterísticas figuras que tens encontrado na vida real? Entristecem-te dolorosamente os tipos hediondos ou repugnantes da moderna arte?

As Gervasias, as Bovarys, as Fanys, as pecadoras da França juvenil?

Pois bem, deixa que desfile à frente do teu olhar pensativo a gloriosa legião das filhas de Vítor Hugo.

Oh! crê que não aprenderás com elas coisa alguma que rebaixe o teu espirito, que fira o teu coração, que surpreenda cruelmente o teu entendimento.

Elas sabem todas o que é o amor, muitas o que é o arrependimento, o remorso, a vergonha, a expiação; nenhuma sabe o que é o triunfo impudico do vicio, a ostentação criminosa das vaidades mundanas, a impenitência imoral das que medram no meio do crime.

As pecadoras contar-te-ão a dolorosa historia das suas amarguras, as virgens a doçura sonhadora dos seus êxtases!

Amaram, acreditaram, sentiram na plenitude do coração que a vida é boa, e que o paraíso pode encontrar-se num canto da terra.

Não sabem nada de toiletes, de pequenas intrigas, de namoros, de vícios mesquinhos, de invejas e de tagarelices;

atravessaram o mundo com os olhos fitos noutros olhos, com as mãos enlaçadas noutras mãos, com a alma a cantar-lhes um hosana de místicos arroubos!

Se queres estudar os escaninhos caprichosos de um coração de mulher bonita e garrida, não as procures, mas também lhes não peças que te falem nos nossos piedosos e obscuros deveres de todos os dias.

São as alucinadas do amor! Arrastou-as uma tempestade para outras esferas ardentes onde se não vive a vida que conhecemos!

Vê tu — Esmeralda! que bem posto nome!

Toda ela cintila ao sol como a pedra preciosa que lhe serviu de batismo; os seus dedos de gitana crestados e finos arrancam ao pandeiro do seu país doidos e estranhos sons! Fascina com um olhar inconsciente dos seus olhos de veludo, com uma nota da sua voz cristalina, com um meneio do seu corpo de serpente.

Que sabe ela da vida? Nada; a não ser que a vida ó bela, visto que há dois olhos que ao fixar nos seus os banharam de fulgor!

E Cosete! vive ao pé dela um enigma sombrio! um espirito sobre-humano! um lutador destas lutas interiores cujo reflexo se estampa na frente que as encerra.

Ela nunca interrogou essa alma, e nunca tentou decifrar esse enigma, e nunca sequer compreendeu a existência dessas lutas.

Ao seu companheiro triste, humilde, heroico, adorável elfa deve durante quinze anos a ventura mais perfeita que pode gozar-se na terra.

Satisfez-lhe todos os desejos; todos os brinquedos daquela fada, encarregou-se de os fornecer a natureza na liberdade plena, nos seus idílios primaveris! Estava na escuridão, e deram-lhe luz; era escrava fizeram-na rainha.

Não importa à Marius apareceu e Cosete louca, deslumbrada, esquecida, deixa morrer de dor o amigo da sua risonha mocidade.

É má?

Não; é ignorante. Não sabe que se morre visto que ele vive na posse de uma ventura que nunca até ali conhecera.

Não sabe que se tem saudades, porque ao pé de Marius nunca esse espinho lhe mordeu no coração!

Pois é possível ser desgraçado quando eu sou. tão feliz! pergunta tacitamente com barbaridade que se ignora, cada um dos sorrisos de ventura que ela atirara em redor de si, sem se importar onde lhe vão cair!

Ai! Cosete, Cosete! eu gosto de ti, borboleta, ébria de luz! és uma das visões luminosas que ficarás para sempre jovem e querida! és uma estatua branca que ninguém ousará mutilar e que os séculos verão erguida no teu pedestal de flores! Mas como eu te amaria muito mais ainda se em vez de seres o Amor fosses o Sacrifício!

Um dia Vítor Hugo pediu ás neblinas matinais dos climas do norte, uma porção de renda branca e transparente com que elas coroam a crista das montanhas e... fez Déa!

Que doce, vaporosa e lendária visão!

Não há nela coisa alguma que seja realidade!

Toca na terra ao de leve; não tanto que pareça filha dela, não tão pouco que lhe não seja dado consolar alguém votado ás dores sem consolo.

É cega!

Amada por um monstro sabe verter-lhe na alma as alegrias de um Deus!

Não vê o homem que a ama, vê o amor de que ele a veste!

Abençoada cegueira que faz dois felizes!

****

Ao lado dela — supremo contraste! — sorri Josiane com o seu sorriso de deusa pagã!

No olho azul da patrícia inglesa cintila em chispas uma diabólica ironia.

Josiane é a amante do impossível! Procura o que nunca ninguém achou!

Quer um sonho que a sacie, o amor de um Titã, ou de um ciclope, o amor de Apolo ou de Polifemo!

Estranha figura, produto doentio de uma noite de febre!

****

Dona Sol, Maria de Neoburgo, Marion, Eponine, Cosete, Déa, quantas figuras radiosas, quantas humanizações esplendidas da mulher sonhada!

Nas horas de desalento ou de amarga duvida, nas horas em que as misérias que nos cercam, nos fizeram encarar a vida pelo seu aspeto mais desolado e mais escuro olhemos para ela!

Dir-nos-ão os poetas de hoje que elas não existem, e, o que é pior, que elas não puderam existir nunca.

Oh! é bem triste, é bem estéril a arte que só trata de rebaixar o que em nós é de mais elevada essência, e só quer que vejamos a fatalidade brutal do instinto, onde víamos dantes a fatalidade mais nobre do sentimento.

Não acreditemos o que eles nos dizem, porque na sua preocupação exagerada do horrível, eles mentem muito mais do que os outros mentiam na sua preocupação exagerada do belo!

Estes reunindo todos os vícios e hediondezas que encontraram dispersos numa só figura, conseguem apenas criar.. . um monstro, um ser híbrido e infecundo que a ninguém aproveita!

Os outros sintetizando numa filha do seu génio as harmonias, as feições, os encantos, que estudaram e amaram em toda a natureza, conseguiram alguma coisa mais!

Criaram o ideal imutável e eterno e ensinaram-nos a fitar nele os olhos da nossa alma, e a invocai o como um consolo adorável nas nossas horas de desalento e de agonia.

FIM